

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
INSTITUTO METRÓPOLE DIGITAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INOVAÇÃO EM TECNOLOGIAS  
EDUCACIONAIS

CIBELLE CRISTINA BARROS DE ALMEIDA VALENÇA

**EDUCAÇÃO PARA AS MÍDIAS: KIT TUTORIAL PARA USO DE ILHA  
MIDIÁTICA NO ESPAÇO ESCOLAR**

NATAL-RN

2020

CIBELLE CRISTINA BARROS DE ALMEIDA VALENÇA

**EDUCAÇÃO PARA AS MÍDIAS: KIT TUTORIAL PARA USO DE ILHA  
MIDIÁTICA NO ESPAÇO ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Inovação em Tecnologias Educacionais: Práticas Educativas com Tecnologias Digitais, como requisito para a obtenção de título de Mestre em Tecnologias Educacionais.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Cibelle Amorim Martins

NATAL-RN

2020

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Sistema de Bibliotecas - SISBI  
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Central Zila Mamede

Barros, Cibelle.

Educação para as mídias: kit tutorial para uso de ilha  
midiática no espaço escolar / Cibelle Cristina Barros de Almeida.  
- 2020.

161f.: il.

Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal do Rio Grande do  
Norte, Instituto Metr pole Digital, Programa de P s-gradua o em  
Inova o em Tecnologias Educacionais, Natal, 2020.

Orientador: Dra. Cibelle Amorim Martins.

1. TDIC - Disserta o. 2. Forma o Docente - Disserta o. 3.  
M dia-educa o - Disserta o. 4. Comunica o Dial gica -  
Disserta o. I. Martins, Cibelle Amorim. II. T tulo.

RN/UF/BCZM

CDU 37.091.64

CIBELLE CRISTINA BARROS DE ALMEIDA VALENÇA

**EDUCAÇÃO PARA AS MÍDIAS: KIT TUTORIAL PARA USO DE ILHA  
MIDIÁTICA NO ESPAÇO ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Inovação em Tecnologias Educacionais: Práticas Educativas com Tecnologias Digitais, como requisito para a obtenção de título de Mestre em Inovações em Tecnologias Educacionais.

Aprovado em: 12/06/2020

---

Dra. Cibelle Amorim Martins  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Orientadora

---

Dr. Adriano Medeiros Costa  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Membro externo ao Programa

---

Dr. João Tadeu Weck  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Membro externo ao Programa

---

Dra. Cátia Luzia Oliveira da Silva  
Universidade Federal do Ceará  
Membro externo à instituição

Dedico este trabalho aos meus pais que me ensinaram que a educação é o único caminho possível para o alcance da liberdade, e da escolha de como se deseja viver. A Deus por me permitir vivenciar um dos momentos de aprendizado mais ricos que pude experimentar.

## AGRADECIMENTOS

À maravilhosa professora orientadora Cibelle Amorim, que em diversos momentos me incentivou a continuar, que acreditou na minha capacidade e me conduziu com maestria no caminho do conhecimento.

À banca examinadora que apresentou contribuições importantes para melhoria e ajustes deste estudo. À disponibilidade da professora dr<sup>a</sup> Cátia que prontamente disse sim a nossa solicitação para participação nesta banca. Ao professor dr<sup>o</sup> Tadeu que me fez enxergar a vida de um modo diferente. Ao professor dr<sup>o</sup> Adriano pelo parecer poético e humando que vou ler sempre que eu estiver triste só para minha alegria voltar.

À minha família linda que me apoiou sempre, em tudo, meus pais, irmãos que ficaram na torcida e emprestando o colo pros sobrinho.

À meu pai, que resolveu enfrentar uma mestrado também, já que os filhos fizeram.

À Minha mãe que diz: *eu que não quero mais isso pra minha vida* (estudar), mas transborda de felicidade com as conquistas dos filhos.

À meus avós que são o exemplo maior da família Barros e Amorim (pra minha vó não se sentir excluída), vocês são uma fortaleza para todos nós.

À tias e tios, primas e primos, tenho orgulho demais de todos vocês e da união presente entre nós.

Aos que se foram nesse processo, pois nos fizeram perceber o quanto a vida é curta e por isso devemos lutar sempre por nossos sonhos (Tia Zenir).

Aos colegas de mestrado com os quais vivi diversas novas experiências, inclusive a de conviver pela primeira vez em um grupo de estudo de apoio mútuo, que estiveram presente mesmo no período de distância após o primeiro ano de curso.

À todos os professores da Escola Estadual Castro Alves que se disponibilizaram a participar desta pesquisa e já estão colocando tudo em prática. Equipe única e extraordinária com a qual fazemos uma escola pública de qualidade!

À alguns amigos em especial Ayana Menezes, Heloísa Caravina e Cedric Mathews que me auxiliaram quando precisei, prontamente.

À meus professores de Comunicação Social, em especial professora Miriam Moema que quando terminei o TCC disse vá pro mestrado que dá repertório.

Ao Senhor Deus de minha vida, obrigada por esta vitória, por enxugar as minhas lágrimas e alegrar-se em minhas vitórias, por me dar forças a continuar sempre! Foi Nele que

aprendi a amar as pessoas e a acreditar que tudo que faço, em qualquer área da minha vida glorifica o seu nome. Tudo é ministério!

## RESUMO

Esta pesquisa desenvolveu um estudo sobre as linguagens midiáticas e aplicações na prática educativa, visando favorecer uma educação para as mídias. Delimitou-se como objetivo principal a formação de professores para o uso crítico, dialógico e instrumental de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação como auxílio ao ensino e aprendizagem. Nessa formação propomos como metodologia a pesquisa-ação para a produção e testagem de um kit tutorial na perspectiva da mídia-educação, visando à formação de professores para a reflexão sobre suas relações com as mídias e uma apropriação crítica e criativa da ilha multimídia existente na escola. Abordamos a necessidade de compreendermos e aprendermos a transitar pelos ecossistemas comunicativos, sendo indispensável à alfabetização tecnológica de professores, letramento digital e midiático, objetivando comunicação dialógica e, por conseguinte, o uso dos recursos multimídia no espaço escolar. O estudo foi desenvolvido em uma escola pública da rede estadual do Rio Grande do Norte, tendo como ponto de partida a realização de um diagnóstico acerca do uso das TDICs por professores em suas aulas. Além disso, realizou-se um grupo focal, e os resultados obtidos serviram de referência para a segunda etapa da pesquisa referente à produção de vídeos de formação com objetivo do uso crítico da ilha midiática da escola. Durante o processo de pesquisa os professores desenvolveram produções multimídia com seus alunos, as quais foram incorporadas ao “Kit Tutorial para Uso de Ilha Midiática Escolar”, produto final desta investigação. Esperamos assim contribuir para o desenvolvimento da relação escolar com o uso de linguagens diversas em busca de uma aprendizagem crítica, levando em consideração as necessidades de aquisição das habilidades para a vida e trabalho, propostas pela nova Base Nacional Comum Curricular.

**Palavras-chave:** TDIC. Formação Docente. Mídia-Educação. Comunicação Dialógica.

## RESUMEN

Esta investigación desarrolló un estudio a cerca de lenguajes de medios y aplicaciones en la práctica educativa, con el objetivo de favorecer una educación para los medios. Se ha delimitado como principal objetivo la formación de maestros para el uso crítico, dialógico e instrumental de Tecnologías Digitales de Información y Comunicación como ayuda a la enseñanza y aprendizaje. En esta formación proponemos como metodología la investigación de acción para la producción y prueba de un kit tutorial con la perspectiva de la educación mediática, con el objetivo de la formación de maestros para la consideración sobre sus relaciones con los medios y una apropiación científica y creativa de la isla multimedia existente en la escuela. Abordamos la necesidad de entender y aprender a transitar por los ecosistemas comunicativos, siendo así indispensable la alfabetización tecnológica de los maestros, alfabetización digital de los medios, con el objetivo de una comunicación dialógica y, por lo tanto, el uso de los recursos multimedia en el ambiente escolar. El estudio fue desarrollado en una escuela pública de la red estatal del Rio Grande do Norte. Y tuvo como punto de partida el diagnóstico a cerca del uso de las TDICs por maestros en sus clases. Luego después de realizar un grupo focal, los resultados obtenidos colaboraron como referencia para el segundo paso de la investigación relacionada a la producción de videos de formación con el objetivo del uso crítico de la isla de medios de la escuela. Durante el proceso de investigación los profesores desarrollaron producciones multimedias con sus alumnos, los cuales fueron incorporados al “Kit Tutorial para el Uso de Isla de Medios Escolar”. Producto final de la investigación. Esperamos así contribuir para el desarrollo de la relación escolar con el uso de diversos lenguajes buscando un aprendizaje crítico, llevando en cuenta las necesidades de adquisición de las habilidades para la vida y trabajo, propuestas por la nueva Base Nacional Común Curricular.

**Palabras clave:** TDIC. Formación Docente. Educación Mediática. Comunicación dialógica.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Registro de trabalhos dos professores com recursos multimídia	29
Ilustração 2 – Categorias de análise segundo Belloni (2009)	40
Ilustração 3 – Registro do encontro para o grupo focal	52
Ilustração 4 – Recursos tecnológicos utilizados no cotidiano dos professores	63
Ilustração 5 – Infográfico de recursos multimídia disponíveis na escola	72
Ilustração 6 – Primeiro encontro para a formação de professores	80
Ilustração 7 – Uso do celular durante a formação	80
Ilustração 8 – Aplicativo utilizado na formação	81
Ilustração 9 – Modelo de roteiro utilizado pelos professores	83
Ilustração 10 – Cuidados técnicos considerados	83
Ilustração 11 – Segundo encontro para formação de professores.	85
Ilustração 12 – Quiz aplicado na formação dos professores. I	87
Ilustração 13 – Quiz aplicado na formação dos professores. II	87
Ilustração 14 – Quiz aplicado na formação dos professores. III	88
Ilustração 15 – Ranking do Quiz da formação de professores	88
Ilustração 16 – Sequência didática para aprendizagem sobre as mídias	90
Ilustração 17 – Sequência didática para aprendizagem através das mídias	90
Ilustração 18 – Sequência didática para aprendizagem com as mídias.	91
Ilustração 19 – Página principal do Kit Tutorial de Mídia-Educação	96
Ilustração 20 – Vídeos produzidos pelos professores durante oficina de formação.	97
Ilustração 21 – Aula de geografia com base em aprender sobre as mídias.	104

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Técnicas de produção utilizadas	41
Quadro 2 – Hipóteses levantadas para condução do grupo focal	44
Quadro 3 – Atividades geradoras de posicionamento para condução do grupo focal	45
Quadro 4 – Sistematização da análise dos diálogos do grupo focal	46
Quadro 5 – Categorias para análise de vídeo baseada em Gomes (2008)	47
Quadro 6 – Lista de recursos multimídia disponíveis na escola	48

## SUMÁRIO

<b>CENA I – QUANDO TUDO COMEÇA</b>	<b>12</b>
1.1 REVISÃO DE LITERATURA	20
1.2 ESTRATÉGIA DE EXTRAÇÃO DE DADOS	21
1.3 PROCEDIMENTOS PARA SÍNTESE DOS DADOS	21
1.4 JUSTIFICATIVA	27
1.5 OBJETIVOS	30
<b>1.5.1 Geral</b>	<b>30</b>
<b>1.5.2 Objetivos específicos</b>	<b>30</b>
<b>CENA II – COMO TUDO ACONTECE</b>	<b>31</b>
2.1 ABORDAGENS METODOLÓGICAS	31
2.2 CAMPO E SUJEITOS DA PESQUISA	34
2.3 ETAPAS DA PESQUISA	36
<b>2.3.1 Etapa 1: Concepções e práticas educativas no uso de recursos multimídia</b>	<b>36</b>
<b>2.3.2 Dinâmica com o grupo focal</b>	<b>37</b>
<b>2.3.3 Etapa 2: Proposta de uso crítico e pedagógico da ilha midiática</b>	<b>41</b>
2.4 INSTRUMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	42
<b>2.4.1 Instrumento de coleta relativo ao objetivo específico “a”</b>	<b>42</b>
<b>CENA III – O QUE EXPLICA TUDO ISSO</b>	<b>49</b>
3.1 ECOSSISTEMAS COMUNICATIVOS	49
3.2 ALFABETIZAÇÃO TECNOLÓGICA NA ERA DIGITAL	71
3.3 LETRAMENTO DIGITAL PARA UMA COMUNICAÇÃO DIALÓGICA	78
3.4 DESIGN INSTRUCIONAL CONTEXTUALIZADO	95
<b>CENA IV – O FIM DE UM CICLO</b>	<b>101</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>106</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>110</b>

<b>APÊNDICE A – DETALHAMENTO DA REVISÃO DE LITERATURA</b>	<b>110</b>
<b>APÊNDICE B – REFERÊNCIAS ANALISADAS E INCORPORADAS NA BASE DA PESQUISA</b>	<b>112</b>
<b>APÊNDICE C – LEVANTAMENTO DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS EXISTENTES NA ESCOLA</b>	<b>123</b>
<b>APÊNDICE D – RELATÓRIO DETALHADO DAS ATIVIDADES GERADORAS DE POSICIONAMENTO</b>	<b>126</b>
<b>APÊNDICE E – ANÁLISE DETALHADA DOS VÍDEOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS DA ESCOLA SOB ORIENTAÇÃO DOS PROFESSORES DURANTE O ANO DE 2017</b>	<b>141</b>
<b>APÊNDICE F – MODELO DE ROTEIRO UTILIZADO PARA ELABORAÇÃO DOS ROTEIROS AUDIOVISUAIS</b>	<b>143</b>
<b>APÊNDICE G – STORYTELLING</b>	<b>144</b>
<b>APÊNDICE H – DRAW MY LIFE</b>	<b>150</b>
<b>APÊNDICE I – STOP MOTION</b>	<b>154</b>
<b>APÊNDICE J – TIME LAPSE</b>	<b>158</b>

## CENA I – QUANDO TUDO COMEÇA

Quando os homens das cavernas começaram a se comunicar através de símbolos nas paredes certamente ainda não compreendiam a dimensão dessa técnica no que diz respeito à sobrevivência da sua espécie. Foi através da troca de experiências mediadas por diferentes linguagens que o homem criou maneiras de prever, analisar, mensurar e tomar decisões. É difícil negar que a linguagem em geral seja a maior tecnologia humana. As formas de comunicar ganharam diversos formatos com a evolução do homem: dança, música, imaginética, as artes em geral, destacando-se a escrita como o maior salto evolutivo da humanidade e de suas formas de comunicação. A escrita trouxe luz à humanidade, pois deu a ela o poder de ampliar seus conhecimentos através da troca de saberes existentes nas leituras. Ler e escrever tornou-se símbolo de poder, e quem primeiro descobriu a grandiosidade dessas habilidades tratou logo de restringir o acesso a essa aprendizagem. Na Idade Média, geralmente, somente reis, príncipes, nobres e clero tinham acesso à leitura, isso era estratégico para a manutenção do poder. Porém, com a Reforma Protestante e a invenção da imprensa, o acesso à leitura começou a se expandir e de lá para cá não parou mais. Assim como o aparecimento de diversas outras invenções: o telégrafo, o rádio, o telefone, a televisão, o computador, a internet.

No momento em que a internet foi criada para fins militares, na década de 1960, nós não tínhamos em mente quão profunda mudança comportamental seria causada na humanidade. A evolução da internet nos permitiu encurtar distâncias comunicacionais, ampliar a produção e veiculação de ideias e experimentar troca de informações como nunca antes. A explosão de novas tecnologias potencializou ainda mais as fronteiras da internet através dos notebooks, tablets, celulares e smartphones. Os dispositivos móveis estão em todo lugar e fazem parte do nosso cotidiano desde a hora que acordamos até a hora de dormir. Sgorla (2009, p. 62), baseada em Rodrigues (1997), afirma que “a ‘mídiatização’ pode ser entendida como múltiplos entrecruzamentos entre tecnologias midiáticas, campos e atores sociais, meios de comunicação social tradicionais e sociedade”. Sendo assim, podemos afirmar que estamos vivendo em uma sociedade mídiatizada que

[...] apresenta sua estrutura e dinâmica calcada na compressão espacial e temporal, que não somente institui, como faz funcionar um novo tipo de real, cuja base das interações sociais não mais se tecem e se estabelecem

através de laços sociais, mas de ligações sociotécnicas (FAUSTO NETO, 2006, p. 3).

Segundo George (2011), fazemos parte da sociedade conectada que influencia em nossas relações sociais, implicando assim na inferência de vários fatores em nosso cotidiano, a sensação de ser atemporal, do imediatismo e da realização das multitarefas, a necessidade de exposição em redes sociais na tentativa de corresponder à cultura gerada através das relações “midiatizadas”. Enquanto educadores do século XXI, é imprescindível buscar entender de que maneira nossas crianças, adolescentes e jovens têm utilizado a internet através dos dispositivos móveis. Em uma entrevista concedida à *Revista Pátio*, Buckingham (2008, p. 2) nos alerta que:

Quando observamos o que as crianças estão fazendo com essa tecnologia fora da escola, fica claro que ela é basicamente um meio para a cultura popular. As crianças que têm acesso a computadores em casa estão usando-os para jogar, surfar nos sites de entretenimento na internet, trocar mensagens instantâneas, participar de redes sociais, baixar e editar vídeos e músicas. Além de tarefas funcionais, como dever de casa, muito poucas estão usando a tecnologia para algo que se assemelhe à aprendizagem escolar.

Refletimos com isso que é necessário preparar esses indivíduos para o uso crítico desses recursos tecnológicos e suas linguagens multimídia. Enquanto professores, estamos preparados para transformar as nossas práticas e buscar entender como os dispositivos móveis e a internet podem auxiliar no processo de ensino e aprendizagem? Sabemos como preparar nossos alunos para que eles alcancem a alfabetização digital e midiática? Além disso, prepará-los para desenvolver os múltiplos letramentos da sociedade conectada?

É necessário entender o processo comunicativo das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDIC como modelo de socialização mundial que tem influenciado as práticas comportamentais do ser humano de uma maneira geral. Sendo assim, a escola não pode ignorar que esse processo de socialização existe apenas fora dela. Ao mesmo tempo, não deve incorporar tais tecnologias em suas práticas pedagógicas, sem a devida reflexão e análise crítica. Afinal, o que é a escola senão lugar onde se aprende a socializar conhecimento e a refletir sobre ele?

As tecnologias digitais são um fato inevitável da vida moderna. Os professores precisam usá-las de uma forma ou de outra – e o livro é uma tecnologia (ou um meio) tanto quanto a internet. Não podemos simplesmente abandonar a mídia e a tecnologia na educação e retornar a

um tempo mais simples e natural. Os meios digitais, como a internet e os jogos de computador, realmente têm enorme potencial para o ensino, mas será difícil realizar esse potencial se persistirmos em considerá-los apenas como tecnologias, e não como formas de cultura e comunicação (BUCKINGHAM, 2008, p. 4).

É necessária a problematização dentro de sala de aula do processo de ensino e da autoavaliação dos envolvidos nesse processo. Buscar a experimentação de novas práticas, estar aberto a mudanças e incorporar nas abordagens pedagógicas as palavras de Freire (1983) quando ele aponta a necessidade de considerar no processo educativo os conhecimentos prévios dos alunos e as experiências que eles carregam, como pontapé inicial para o desenvolvimento de novas formas de aprendizagem. Baseado nisso devemos inserir o uso de novas tecnologias, recursos multimídia dentro dos nossos planejamentos de aula.

A comunicação é um processo indissociável da educação, a educação libertadora, proposta por Freire (1983, p. 87), “O que caracteriza a comunicação enquanto êste comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo”. A relação entre educação e comunicação não se limita ao consumo crítico dos meios de comunicação em massa, refere-se, além disso, ao desenvolvimento de uma prática metodológica baseada em múltiplas linguagens. Começa pelo que há de mais fundamental e que está descrito no artigo 5º, incisos I e II da Constituição Federal Brasileira: “Todo homem, nasce livre e igual em dignidade e direito, tem direito ao livre pensamento e a livre expressão” (BRASIL, 1988). Nesse sentido, referimo-nos à comunicação como processo dialógico em que há respeito pelo outro, troca de conhecimentos, disposição, atitude, esforço e enfrentamento de ideias entre os interlocutores. Entender a comunicação como um direito nos leva a reforçar o papel da escola em formar um sujeito capaz de entender quais as características das linguagens a que estão submetidos através das mídias sociais e da comunicação de massa, o que perpassa em ter contato técnico com dispositivos móveis e com o funcionamento das linguagens midiáticas. A alfabetização e o letramento para as mídias tornam-se cada dia mais imprescindíveis para a formação do pensamento crítico.

Se quisermos usar a internet, os jogos ou outros meios digitais para ensinar, precisamos equipar os alunos para compreendê-los e ter uma visão crítica desses meios: não podemos considerá-los simplesmente como meios neutros de veicular informações e não devemos usá-los de um modo meramente funcional ou instrumental. Precisamos, nesse caso, é de uma concepção coerente e rigorosa de “alfabetização digital” – em outras palavras, do que as crianças precisam saber sobre esses meios (BUCKINGHAM, 2008, p. 3).

Portanto, a sociedade atual exige uma escola democrática e de qualidade, que tenha como objetivo a formação integral do cidadão, preparando-o para a vida e capacitando-o para ingressar no mundo tal como ele se apresenta em suas novas dinâmicas e configurações socioculturais. Diante disso, faz-se necessário eleger como prioridade a construção de uma escola com ações educativas que vislumbrem a formação do pensamento crítico e responsável, formando indivíduos capazes de agir e transformar o meio onde estão inseridos, ou seja, uma escola que promova a formação do cidadão, que se preocupe com o ensino e a aprendizagem do seu corpo discente e sua capacidade de aprender a ser (DELORS, 1998)<sup>1</sup>.

Para atingirmos esse objetivo, necessitamos de professores aptos a lidar com os desafios já apresentados. Segundo Lima (2012), a geração dos professores começou a ter contato com a internet e as novas tecnologias presenciando e participando da transição do modelo analógico para o digital, porém era uma geração resistente às mudanças que estavam acontecendo e inseguros em relação aos mais jovens. Essa seria a denominada Geração X, referente aos nascidos nas décadas de 1960 e 1970. Muitos dessa geração tem procurado formas alternativas, formais e não formais de aperfeiçoamento, já que em sua formação acadêmica não tiveram acesso a questões que abordassem uso de TDIC em sua prática de ensino.

Os professores nascidos na década de 1980, denominados de Geração Y, cresceram acompanhando o processo de expansão de computadores e da internet. Ainda assim aqueles que tiveram acesso a esses recursos tecnológicos puderam se considerar privilegiados. Segundo Brito (2013), nasceram com a tecnologia já em ascensão, com cenário diferente de seus antecessores. Enquanto isso, nossos alunos fazem parte da Geração Z, os nativos digitais, que já nasceram imersos na cultura digital, com acesso a dispositivos móveis e internet.

A geração Z é contemporânea a uma realidade conectada à Internet, em que os valores familiares, como sentar-se à mesa e conversar com os pais, não são tão expressivos quanto os contatos virtuais estabelecidos pelos jovens na Web. Formada pelos que ainda não saíram da escola e ainda não decidiram a profissão a ser exercida no futuro a Geração Z também se destaca por sua excentricidade (CARVALHO, 2012, s/p).

Para Lauer (2011), algumas das características da Geração Z, é o fato de serem capazes de executar diferentes tarefas desempenhando várias atividades ao mesmo tempo.

---

<sup>1</sup> Essa é uma expressão abordada no livro *Educação: um tesouro a descobrir* (Jacques Delors, 1998). Dos quatro pilares da educação, aprender a conhecer (adquirir instrumentos de compreensão), a fazer (agir sobre o meio) e a viver juntos (participar e cooperar com outros), integram o aprender a ser.

Apesar dessa característica, é importante notar que para conseguir maior atenção e foco nas atividades de aprendizagem, os alunos precisam estar envolvidos e engajados na construção do seu conhecimento. Do contrário, voltamos a ter um cenário de mera transmissão e armazenamento de informação, sem a devida reflexão e análise crítica do conteúdo abordado em sala de aula.

Mais recentemente, aqueles nascidos a partir de 2010, a Geração Alpha (VIEGAS, 2015), já nascem numa sociedade altamente conectada em rede<sup>2</sup>, o que tem modificado os modos de interagir e de comunicar nos diversos ambientes em que estão inseridos. “Falar da geração Alpha<sup>3</sup> é chamar a atenção para a primeira infância de hoje, para o impacto que ela terá sobre a sociedade no futuro e para como os adultos devem orientá-las”, afirma Furia (2014, s/p). De acordo com Viegas (2015 apud BERALDO, 2015, p. 26), “A geração Alpha encontra-se bombardeada de cores e formas de educação em todos os lugares e momentos, auxiliado pela mobilidade da tecnologia gerando assim uma aceleração ainda maior no processo de desenvolvimento”

Esses alunos já se encontram nas escolas de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Anos iniciais. Nesse sentido, é urgente a necessidade de formação docente para o uso de linguagens multimídia para acompanhar os processos contemporâneos que exigem novas formas de ensinar. A Geração Y foi ensinada pelos professores da Geração X, e precisam também ampliar seus conhecimentos para superar concepções da escola tradicional<sup>3</sup>. Apesar de terem maior facilidade de lidar tecnicamente com as novas tecnologias, em sua maioria não foram ensinados a pensar sobre elas e como poderiam usufruir do potencial tecnológico para sua aprendizagem, por isso também precisam construir esses conhecimentos.

Santaella (2013, p. 24) traz outra forma de enxergar as diferenciações entre essas gerações quando faz um breve histórico das sociedades tecnológicas em relação ao surgimento de tipos de leitor. De acordo com a autora, “Cada novo estágio tecnológico introduz um modelo educacional e processos de aprendizagem que lhe são próprios”. Ela conceitua quatro tipos de leitor: o leitor contemplativo da era do livro impresso; o leitor movente, que nasceu da expansão do jornal, fotografia, cinema e televisão; o leitor imersivo, que brotou dos novos espaços das redes computadorizadas de informação e comunicação; e

---

<sup>2</sup> Castels (2005) traduz a sociedade em rede como sendo aquela em que a estrutura social é feita de redes alimentadas por informação eletrônica e tecnologias comunicacionais. Sendo a estrutura social os arranjos organizacionais entre o homem, a produção, as formas de consumo, reprodução, experiência e poder.

<sup>3</sup> Para Libâneo (1992), a escola tradicional é aquela em que o caminho cultural em direção ao saber é o mesmo para todos os alunos desde que se esforcem, os conteúdos são separados da vivência do aluno e das realidades sociais e sua base de aprendizagem está na memorização.

o leitor o ubíquo, que é um leitor imersivo, porém, pode estar em diferentes ambientes físicos, podendo buscar informações em dispositivos móveis sem perder o controle do entorno, do espaço físico em que se encontra. A autora ainda apresenta o conceito de “aprendizagem ubíqua”, cuja principal característica é o uso de dispositivos móveis. Essa aprendizagem se dá por processos [...] espontâneos, assistemáticos e mesmo caóticos, atualizados ao sabor das circunstâncias e de curiosidades contingentes (SANTAELLA, 2013, p. 23).

O texto diferencia a aprendizagem através de dispositivos fixos e móveis, sendo a principal diferença entre elas a capacidade humana de estar, ou ser possível estar, em qualquer espaço físico e acessar informações. Santaella (2013) afirma que o maior desafio da educação hoje é traçar estratégias de complementação da educação formal<sup>4</sup> e não formal<sup>5</sup> por meio da aprendizagem ubíqua. Isso porque quando se fala de aprendizagem no ciberespaço, deve-se falar sobre a necessidade de filtrar informações. Portanto, cabe à educação formal desenvolver competências, habilidades e atitudes (BNCC, 2017) para que os alunos compreendam que tipo de informação é confiável. Dessa maneira, o sujeito ubíquo conseguirá efetivar seu protagonismo na aprendizagem do/no ciberespaço. Ainda segundo a autora, esses leitores se integram no desenvolvimento de experiências no decorrer do processo de ensinar aprendendo e aprender ensinando.

Kenski (2007) nos lembra de que a convergência das tecnologias de comunicação e informação em meios digitais deram luz a uma nova nomenclatura para o processo comunicacional a que chamamos de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). As TDIC fazem parte da cultura que vivenciamos hoje e os meios digitais trazem novos formatos de cultura comunicacional.

A convergência das tecnologias de informação e de comunicação para configuração de uma nova tecnologia, a digital, provocou mudanças radicais. Por meio das tecnologias digitais é possível representar e processar qualquer tipo de informação nos ambientes digitais reunisse a computação parênteses (a informática e suas aplicações, as comunicações, transmissão e recepção de dados, imagens e relações etc.) E os mais diversos tipos de formas e suportes em que estão disponíveis os conteúdos (livros, filmes, fotos músicas e textos). É possível articular telefones celulares, computadores, televisores, satélites etc; por eles, fazer circulares mais diferenciadas formas de informação. Também é possível a comunicação em tempo real, ou seja, a comunicação simultânea, entre pessoas que estejam

---

<sup>4</sup> Segundo Libâneo (2005), a educação formal se caracteriza por práticas educativas com elevados graus de intencionalidade, sistematização e institucionalização, como as que se realizam nas escolas.

<sup>5</sup> Práticas educativas realizadas em instituições não convencionais de educação, mas com certo nível de intencionalidade e sistematização, caracterizam a educação não formal (LIBÂNEO, 2005).

distantes, em outras cidades vivem em outros países ou mesmo viajando no espaço (KENSKI, 2007, p. 33).

Sendo assim, levando em consideração o contexto social que nossos alunos vivenciam em relação às TDIC, necessitamos pensar em como agregar esses recursos à vida escolar. Porém, o uso das TDIC por si só não é garantia de um ensino de qualidade. O que garantirá um ensino de qualidade é o mediador da aprendizagem<sup>6</sup>, o professor, através de uma didática que possibilite ao aluno o protagonismo, a liberdade, o diálogo, a descoberta, a experimentação, a socialização, a preparação para a cidadania tanto nas relações físicas quanto nas relações em meios digitais.

Existem muito poucas evidências convincentes de que o uso da tecnologia em si aumenta o desempenho dos alunos. É claro que alguns professores estão usando a tecnologia de modo bastante criterioso e criativo; porém, na maioria dos casos, o uso de tecnologia nas escolas é estreito, sem imaginação e instrumental (BUCKINGHAM, 2008, p. 01).

Na mesma direção do autor supracitado, Freire (2006) também nos alerta sobre a importância do papel do professor para a formação de sujeitos críticos. Para o autor, “Não há docência sem discência”, ou seja, enquanto ensinamos aprendemos e enquanto aprendemos ensinamos. Ensinar exige pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética, corporeificação das palavras pelo exemplo, risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e assunção da identidade cultural. “Ensinar não é transferir conhecimento” (idem), é criar possibilidades para sua própria produção e construção. Além disso, ensinar precisa ser algo legítimo necessita de aplicabilidade na vida do aprendiz. O processo de mediação não é unilateral, a aprendizagem não é uma transferência de conteúdo. Ensinar exige consciência do inacabamento do saber, o reconhecimento de que somos influenciados pela nossa realidade e que precisamos romper com os limites impostos por ela, respeito à autonomia do educando, senso crítico, humildade, tolerância e luta pelos direitos dos educadores, compreensão da realidade, alegria e esperança, convicção de que a mudança é possível, curiosidade. “Ensinar é uma especificidade humana” (idem), sendo assim ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade, comprometimento, compreender que a educação é uma forma

---

<sup>6</sup> Por mediação pedagógica entendemos as atitudes, o comportamento do professor que se coloca como facilitador incentivador, ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem – não uma ponte estática, mas uma ponte “rolante”, que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos (MORAN; MASSETO; BEHRENS, 2007, p. 145).

de intervenção no mundo, liberdade e autoridade, tomada consciente de decisões, saber escutar, reconhecer que a educação é ideológica, ter disponibilidade para o diálogo. A educação é um instrumento de intervenção no mundo, portanto, o educador deve entender o seu papel de mediador e formador de seres críticos e capazes de protagonizar as mudanças no contexto social em que vivem.

Além da consciência do seu papel enquanto professor, alguns desafios exigem criatividade e estratégias para serem superados. Diante das variadas exigências e da rapidez com que as tecnologias se atualizam, dominar navegadores, softwares etc., tem sido uma tarefa árdua e praticamente inviável. Isso tem causado receio em muitos educadores que resistem à inserção de TDIC em suas práticas, mais do que nunca o professor precisará colocar-se como aprendiz no processo de ensino. Falta investimento em formação docente continuada para que os professores saibam aproveitar o potencial dos recursos tecnológicos no processo de ensino. A realidade é de docentes despreparados para integrar em suas práticas educativas os recursos tecnológicos da era digital. O acesso dos professores a tecnologias também é mínimo, basicamente o que seus salários são capazes de comprar para uso pessoal. Essa falta de investimento respalda o desuso de tecnologias modernas, ou mesmo de acesso à internet nas escolas e faz separação entre o comportamento social fora da escola e dentro da escola, como se nossos jovens vivessem em duas realidades diferentes. As escolas precisarão criar estratégias de acesso a recursos tecnológicos, a internet de boa qualidade e proporcionar a capacitação de professores. Se conseguirem vencer essas barreiras, as salas de aula precisarão se tornar laboratórios de pesquisa e troca de saberes, já que os jovens apresentam grande facilidade no manuseio de mídias digitais, recursos tecnológicos, softwares, enquanto o professor necessitará abordar os conteúdos de suas disciplinas de maneira mais problematizadora, pois o domínio da internet estará ao alcance do aluno.

Esta pesquisa está organizada em quatro cenas. Na Cena I – Quando tudo começa – discorreremos sobre o lugar que as novas tecnologias ocupam em nossa sociedade, e, por consequência, o lugar que ela deve ocupar no contexto escolar. Fizemos um levantamento bibliográfico de textos recentes que nos ajudaram a identificar o estado da arte, e a partir disso traçamos um caminho a seguir para a realização da pesquisa. Apresentamos a importância do tema, contextualizamos a problemática vivenciada na escola e traçamos os passos necessários para alcançar o objetivo da pesquisa. Na Cena II – Como tudo acontece – apresentamos a metodologia da pesquisa-ação como base para o nosso trabalho, realizamos um grupo focal e analisamos documentos do acervo escolar que indicaram o modo como os professores estavam utilizando alguns dos recursos multimídia em suas aulas. Isso nos

forneceu dados para pensar na formação de professores com base em mídia-educação. Na Cena III – O que explica tudo isso – trazemos uma discussão dialógica entre autores-referência, dados da pesquisa e análise da pesquisadora.

Os conceitos-chave que subdividem o capítulo estão diretamente ligados às necessidades formativas do grupo de professores que fazem parte desta pesquisa, quais sejam: Ecossistemas comunicativos (SHAUN, 2002) indicam a inter-relação nos processos sociais, políticos e comunicativos existentes por meio das mídias; Alfabetização Tecnológica (SAMPAIO; LEITE, 2011) é a necessidade de leitura crítica sobre as ideologias presentes nos meios midiáticos, conseqüentemente, o letramento digital (DUDENEY; ROCKLY; PREGUN, 2017) é a apropriação do uso desses recursos de modo a influir na realidade dos indivíduos. Já o design educacional contextualizado se dedica a delinear o Kit Tutorial de Mídia-Educação, produto final desta pesquisa, levando em consideração o público-alvo e todas as informações coletadas na investigação. A Cena IV – O fim de um ciclo – apresenta as aprendizagens e avaliações que fizemos durante todo o processo da pesquisa e ainda a perspectiva de que este é um trabalho a partir do qual outras pesquisas poderão ser desenvolvidas.

## 1.1 REVISÃO DE LITERATURA

Como estratégia de busca, analisamos as bases de dados eletrônicas da Capes, Dialnet, Scielo e Google Scholar, além dos Anais do Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE). A pesquisa foi realizada a partir de três *string* de busca: (Formação de professores OR docente) AND (Tecnologia de Comunicação e Informação OR TDIC OR Linguagem multimídia) / (Recursos Multimídia OR Linguagem Multimídia OR Audiovisual AND Escola OR Ensino OR Docentes OR Formação) / (Central multimídia OR Ilha Midiática OR Rádio Escola OR Laboratório Multimídia).

Definimos como critérios de inclusão estudos primários, revisados por pares, artigos completos, dissertações de mestrado e teses de doutorado, estudos realizados nos últimos cinco anos e voltados para os professores da Educação Básica, que propusessem experiências sobre utilização de recursos multimídia, produção de vídeo, rádio, webrádio em sala de aula. Como critério de exclusão, observamos: artigos duplicados, que não atendiam as questões de pesquisa, publicados antes de 2014, ou voltados para professores que não eram da Educação

Básica. O processo de seleção de estudos seguiu os seguintes passos: inserção do *string* de busca nas plataformas de pesquisa, depois de gerados os títulos foram analisados observando palavras-chave. Após os trabalhos selecionados a partir dos títulos, fez-se a análise dos resumos e, por fim, a leitura completa dos textos selecionados. Como resultado dessas leituras foram gerados quadros de pesquisa que podem ser encontrados nos Apêndices.

## 1.2 ESTRATÉGIA DE EXTRAÇÃO DE DADOS

Identificamos os estudos relativos à nossa pesquisa através de busca automática. Nas plataformas CAPES, CBIE, Scielo, Dialnet. A permissão de busca avançada na plataforma CAPES e Scielo facilitou o processo de seleção. Na plataforma do CBIE optou-se por fazer a busca através da quebra dos termos de pesquisa, por exemplo: o string de busca 1 sendo pesquisado na íntegra informa inexistência de títulos, já retirando o termo “OR Linguagem multimídia”, foram encontrados 15 títulos, fazendo-se necessário várias combinações utilizando os termos do *string* de busca para alcançar os resultados apresentados. Todas as modificações estão apresentadas nos quadros de indicação de pesquisa. Além disso, foi necessário alterar as combinações dos *strings* de busca no Google Scholar, para corresponder às limitações de pesquisa impostas pelo site e aumentarmos os nossos resultados, essas novas combinações também estão disponíveis na tabela de resultados para o Google Scholar. A leitura de resumo foi feita uma a uma, sendo observados os critérios de inclusão e exclusão, resultando na seleção dos textos que seriam lidos por completo em busca de relações com as questões de pesquisa.

## 1.3 PROCEDIMENTOS PARA SÍNTESE DOS DADOS

Como resultado para a busca das relações com a questão de pesquisa, chegou-se a alguns trabalhos importantes relacionados ao nosso objeto de estudo. Sale (2017), no artigo intitulado *Uma experiência de formação de professores no uso de tecnologias móveis: a sala de aula expandida com a plataforma G-Suíte e Chromebooks* aponta para a necessidade de uma formação de professores que implique diretamente no currículo escolar, ajudando a ampliar a sala de aula para além dos muros da escola através de atividades on-line. Gonçalves

e Costa (2016), sinalizam para as dificuldades de manuseio de equipamentos enfrentadas pelos docentes no uso de diversas tecnologias, nesse sentido, deve haver uma formação técnica para o uso de recursos tecnológicos disponíveis nas escolas. Pode-se inferir, com essa leitura, que para o uso crítico de recursos tecnológicos é necessário um modo de ensinar que invista em interação e pesquisa culminando no protagonismo estudantil, para tanto, o planejamento é de extrema importância.

A realização de oficinas práticas está presente nos relatos de experiências dos artigos de Lemos (2018) e Chagas, Demoly e Mendes Neto (2015), que justificam essa ação pela necessidade de apropriação técnica por parte dos professores para pôr em prática seus conhecimentos teóricos acerca das TDIC. Os resultados dessas pesquisas apontam que experiências com oficinas propiciam maior segurança aos educadores quanto ao uso de tecnologias em sala de aula.

No artigo denominado *Novas formas de aprender e ensinar: a integração das tecnologias de informação e comunicação (TIC) na formação de professores da educação básica*, Chiossi e Costa (2018), apresentam a estrutura de um curso de formação para uso de recursos tecnológicos educacionais em plataforma Moodle, seguindo os seguintes passos: aplicação de questionário diagnóstico sobre conhecimentos e percepções do uso de recursos em tecnologias educacionais; convite para cursos em plataforma on-line; disponibilização de material teórico; tutoriais, softwares e sites que contribuam para a prática em sala de aula; debates em fóruns acerca dos desafios, limites e possibilidades encontradas pelos educadores. A formação apontou que a questão estrutural das escolas ainda é muito precária, sendo assim, faz-se necessário pensar estratégias que prevejam essas dificuldades, assim como planos de aula que possibilitem um melhor aproveitamento do tempo de sala.

Schuhmacher e Alves Filho (2014) apontam para mais três obstáculos no trabalho *Prática docente no uso das Tecnologias da Informação e Comunicação*. Baseada em Bachelard (1934), os autores acima indica que, enquanto professores, devemos nos apropriar de métodos para conclusões baseadas em experimentos e romper com conclusões alcançadas a partir das primeiras experiências, quando estas são realizadas ainda sem maiores reflexões e sem qualquer crítica, superando assim obstáculos epistemológicos. A condução didática da atividade com auxílio de tecnologias digitais deve contribuir para uma aprendizagem significativa, o que exige a postura de orientador, colaborador e validador. Por último, aparecem os obstáculos estruturais representados pelas subcategorias: gestão, físicos, software e equipes de apoio. Esses apontamentos podem ser reforçados mediante a pesquisa realizada pelos mesmos autores, que fazem um levantamento de investimentos em TIC por

oito países. Eles apontam que esse investimento é alto, enquanto o retorno está aquém do esperado. De acordo com o artigo, mesmo com a formação de professores para o uso das TIC em formação superior ou continuada, sua utilização ainda é muito imatura.

Os professores deixam de usar a TIC por vários motivos, entre eles por seu uso representar uma ameaça ao seu status profissional, acreditam que esta diminuiria seu papel. Expressam receio de que seu uso possa degradar sua relação com os alunos, pois estes teriam mais iniciativas e perderiam o controle dentro da sala de aula. Alguns, não desejam fazer mudanças em sua prática em sala porque a percebem como adequada, outros ainda sentem medo de usar computadores e tecnologias similares (SCHUHMACHER; ALVES FILHO, 2014, p. 267).

O artigo traz a informação de que o Second Information Technology in Education (SITES), um programa de pesquisa realizado entre os anos de 1999 e 2006 e conduzido pela Associação Internacional para a Avaliação do Sucesso Acadêmico (IEA), de que existem fatores pessoais e contextuais que influenciam o uso pedagógico das TIC. Esse uso “é dependente da competência técnica e de seu entendimento a partir de propósitos pedagógicos”. Sobre o Brasil, os autores abordam que, apesar do apoio de políticas públicas para a inserção de TIC na educação, ainda temos um escasso acesso a equipamentos multimídia, um computador para cerca de 35 alunos, internet limitada com baixa velocidade, falta de apoio pedagógico, baixa confiabilidade nos dados da internet, e a crença em metodologias tradicionais de ensino presentes em grande porcentagem dos professores.

Um outro ponto importante que precisa ser levado em consideração quando pensamos em formação de professores para o uso de novas tecnologias, são os agentes motivadores de interesse. O artigo de Mattos (2014), intitulado *As tecnologias numa escola pública do campo: um desafio pedagógico*, relatou uma dessas situações. A pesquisa investiga sobre o uso do laboratório de informática pelos professores de uma escola pública do campo no Rio Grande do Sul. Os dados evidenciaram que 50% dos participantes não utilizavam os computadores e que a maioria não considerava o Laboratório Multimídia como prioridade para a escola. Revelou, ainda, as fragilidades da implementação do Programa Nacional de Tecnologia Educacional - ProInfo, aferindo que não houve interesse voluntário dos professores de participar da formação oferecida pelo Programa. As únicas duas professoras que participaram foram indicadas pela direção da escola e não fizeram o papel de multiplicadoras. Também apontou-se a falta de estrutura da escola como um ponto desestimulante, assim como solicitar dos professores um investimento de tempo sem retorno financeiro. Exige-se dos professores iniciativas inovadoras, porém não se fornecem as

condições necessárias para tal esforço. Tudo isso nos faz pensar que precisamos pesquisar quais são os agentes motivadores que levam os professores a se interessarem por esse novo mundo imerso nas tecnologias multimídia.

No artigo *Uma proposta de instrumento de roteirização de videoaulas à luz da teoria instrucional e da aprendizagem multimídia*, Carvalho (2017) propõe uma formação de professores para a produção de videoaulas, chamando a atenção para uma formatação de simples entendimento do processo, com um passo a passo descritivo da elaboração de roteiro, assim como a indicação de fatores importantes que precisam ser levados em consideração na hora de se pensar em produzir uma videoaula. Dentre eles, as características da produção artesanal, planos fotográficos a serem utilizados, movimentação de câmera, local de gravação e exportação do vídeo em formato compatível com os aparelhos dos usuários. O indicativo do estudo pode nos ajudar no planejamento da proposta dos vídeos a serem elaborados como produto final desta pesquisa e, mais uma vez, aponta para a necessidade de formação através de prática quando se trata de manuseio de recursos digitais multimídia. No entanto, apresenta uma lacuna no que se refere a uma reflexão crítica sobre a linguagem multimídia, limitando-se ao uso instrumental dos recursos.

Buscando por práticas pedagógicas com base em linguagem multimídia nas escolas de ensino básico, encontramos a aplicação do audiovisual como suporte de aula para ilustrar os conteúdos abordados através de filmes e pequenos vídeos, como no caso dos artigos: *Audiovisual no ensino médio: videoarte paraense como conteúdo e material didático: perspectivas preliminares*, de autoria de Maneschy e Orlando Franco (2014), e *Linguagem audiovisual no ensino de Química*, de Almeida, Castro e Cavalcanti (2014), que nos apontam a necessidade de estudos mais específicos em relação à convergência das linguagens nos diversos instrumentos midiáticos que podem ser abordados nas salas de aula em alusão à alfabetização midiática.

Artigos com relatos de experiências socializam outras formas de uso da linguagem multimídia na de sala de aula. É o que podemos perceber em no texto *O uso de tecnologias móveis no ensino de ciências: uma experiência sobre o estudo dos ecossistemas costeiros da mata atlântica sul capixaba* de Ribeiro et al. (2016), que relata a experiência de pesquisadores junto a um grupo de alunos do oitavo ano de uma escola pública. Numa aula de campo exploratória a respeito da fauna e flora da mata atlântica, com o auxílio de tecnologias móveis como fontes de pesquisa, registro fotográfico e audiovisual, os adolescentes fizeram observações desse ecossistema capixaba. Os autores apontam grande interesse dos alunos no manuseio desses equipamentos em situações de aprendizagem,

ressaltando a importância dos educadores estarem atentos às necessidades tecnológicas dessa geração. Destacam, também, a necessidade de se pensar o uso pedagógico intencional e direcionado para a formação cidadã do aluno, sendo o celular uma ferramenta que precisa ser planejada para o uso crítico e relevante em todo o processo de aprendizagem.

Cartaxo (2006) faz uma análise do uso de TIC em uma escola dos Anos Finais do Ensino Fundamental em aulas de Ciências. Observa que os professores utilizam as TIC ainda muito influenciados pela prática tradicional de ensino e sugere algumas propostas baseadas no Socioconstrutivismo para a realização dessas aulas. Isso também pode ser observado no artigo intitulado *Juventudes, Educação e Cidade: a mediação dos dispositivos móveis de comunicação nos processos de aprender-ensinar*, que relata a experiência interdisciplinar que culminou na produção de crônicas a partir de registros fotográficos e audiovisuais de pontos importantes visitados pelos alunos na cidade do Rio de Janeiro. A presença de signos multimídia permitiu o compartilhamento das informações produzidas pelos alunos e a aprendizagem para além dos muros da escola. Ao final, os alunos puderam aprender sobre a história, geografia e trabalhar produção textual, além de conhecerem melhor sua região, refletindo sobre o seu próprio papel social.

A pesquisa também apontou para trabalhos que esboçaram maneiras como podem ser desenvolvidas propostas para utilização de laboratórios multimídias. No artigo denominado *Rádio e cinema escolares como elementos de inovação pedagógica na escola ativa capixaba (1928-1930)* são abordados a rádio, o cinema, o museu, o jornal escolar e a biblioteca rotativa para integração cultural. Colocando-os como fonte de inovação pedagógica proposta pelo governo do Espírito Santo entre 1928/1930, período em que se pensava a constituição da escola ativa e a formação de professores para esses recursos. Porém, a rádio não chegou a se concretizar, e o cinema trazia a ideia de compartilhamento de filmes para difusão da cultura e ilustração de suporte às disciplinas afins como história, geografia, ciências etc. De acordo o texto, a reforma trazia consigo a ideia das implicações de compartilhamento, interesse discente, eficiência na utilização do tempo escolar, multiplicação de conhecimentos e informações entre escolas, entre outras possibilidades, que esses recursos poderiam proporcionar. Esse texto faz uma alusão ampla de alguns benefícios e metas para um laboratório multimídia escolar, porém, não apresenta as experiências vivenciadas pelas escolas que participaram do projeto.

Oldenburg (2015) investigou o desafio de incorporar a mídia rádio no ambiente escolar, fugindo do ensino tradicional em turmas dos anos finais do ensino fundamental. Experimentou utilizar o rádio como um laboratório de práticas escolares, no intuito de

melhorar o desenvolvimento da leitura e da escrita desses alunos. Traz consigo não só a ideia de como e quando utilizar as tecnologias, mas, o porquê e o para quê de usá-las. Defende a ideia de trabalhos interdisciplinares para a composição de projetos efetivos de aprendizagem de conteúdo, tendo o rádio como possibilidade de socialização de aprendizagens. Para tanto, os professores e grupos de alunos receberam formação técnica para utilizar os equipamentos, porém, o foco estava na locução de programas. Foi apresentada a seguinte metodologia referente às oficinas aplicadas: levantamento para pautar os programas, divisão de responsabilidades, apresentação do programa e, no final, avaliação do processo, tudo decidido pelo grupo. Um coordenador adulto faz a mediação e prepara o jovem que, futuramente, multiplica a experiência. O trabalho não apresenta detalhamento de como se deu a integração curricular aos programas de rádio ou como a interdisciplinaridade conseguiu ser aplicada, mas já nos traz uma ideia de como trabalhar uma proposta de laboratório radiofônico.

Outro artigo encontrado na base Dialnet, *Aulas-laboratorios de bajo costo, usando TIC*, Calderón et al. (2014), apresenta as TIC como possibilidade para a formulação de laboratórios de baixo custo para o ensino da ciência. É um breve levantamento de propostas experimentais retiradas de artigos e livros que têm como base o uso das TIC com combinação de estratégias de ensino. Cita a aprendizagem por imersão, trazendo propostas de mini projetos de pesquisa com desafios que começam simples e vão aumentando o nível de complexidade de acordo com o envolvimento do aprendiz; recomenda o uso de tablets, celulares, câmeras digitais e outros dispositivos digitais móveis como instrumentos de auxílio no processo de investigação, através do vídeo e da fotografia, ou de softwares disponíveis na web. Esse artigo aponta caminhos para a superação das dificuldades estruturais das escolas e traz consigo a ideia de um espaço comum de troca de experiências, onde professores podem observar experiências exitosas de seus colegas.

Em *Los medios audiovisuales: funciones didácticas y principios metodológicos para su integración en los procesos de enseñanza y aprendizaje*, Regaña (2016), apresenta os meios audiovisuais como grandes fontes didáticas, sendo eles, junto aos meios digitais e internet, os mais utilizados nos processos de ensino e aprendizagem. A autora aponta algumas características desses recursos, como serem transmissores de informação que devem ser abordadas criticamente. Como instrumento motivador, é uma estratégia para capturar e manter a atenção dos alunos, permitindo também fomentar dinâmicas de trabalho colaborativo e acesso à prática de uso das novas ferramentas comunicativas. Como instrumento de conhecimento, o trabalho conjunto entre professor e aluno deve gerar

qualidade de material produzido, mas, principalmente, qualidade no processo da prática de ensino, onde se deixa claro as tarefas e objetivos de cada um, gerando responsabilidade individual e coletiva acerca do próprio processo de aprendizagem. Como instrumento de avaliação, possibilita situações reais e simuladas para avaliar o conhecimento dos alunos ou confrontação do material produzido, através dos novos conhecimentos adquiridos (por exemplo, comunicação icônica). Como instrumento de alfabetização, reconhece a necessidade de entender o funcionamento tecnológico da mídia e seu impacto sociológico.

O artigo contribui com esta pesquisa fazendo um apanhado de temas que devem ser levados em consideração quando se pensa na formação de professores para o uso de tecnologias digitais e na proposta de uso pedagógico de ilha midiática.

Toda a revisão de literatura trouxe pontos importantes que ajudam a justificar a importância desta pesquisa e desenhar o caminho a ser seguido para o alcance dos objetivos. As boas experiências encontradas e os alertas deixados pelos pesquisadores em seus trabalhos são de grande contribuição para o planejamento desta pesquisa. No próximo tópico apresentamos a justificativa para o desenvolvimento deste trabalho, apresentando o contexto que suscitou sua pertinência, a problemática vivenciada, a delimitação do nosso objeto de estudo, assim como o produto final desenvolvido.

#### 1.4 JUSTIFICATIVA

No ano de 2018 a Escola Estadual Castro Alves recebeu uma verba para ser aplicada ao Programa de Inovação Pedagógica proposto pelo Banco Mundial. Nesse projeto estava prevista a compra de recursos tecnológicos tais como: computadores para edição de vídeo, tablets, câmera fotográfica e filmadora, equipamentos para rádio escolar etc. O objetivo dessa compra era desenvolver o projeto pedagógico para leitura e letramento intitulado ComunicaCAL<sup>7</sup>. O projeto consistiu em melhorar a leitura e produção textual dos alunos do primeiro ano do ensino médio, através da produção de vídeo e programas radiofônicos.

Para tanto, fez-se necessário formar os professores para o uso crítico de mídias e conteúdos audiovisuais na sala de aula. Apesar de o Projeto Político-Pedagógico da escola não citar, até aquele momento, quaisquer diretrizes quanto ao uso de recursos tecnológicos

---

<sup>7</sup> Título dado ao projeto de leitura e letramento do concurso de inovação pedagógica promovido pelo Banco Mundial no ano de 2017.

digitais, os professores e gestores demonstraram interesse no projeto. Foi nesse contexto que a escola começou a se preocupar em como utilizar as TDIC com os alunos e a levantar questionamentos sobre a importância desses recursos e os desafios que eles impõem à escola. É diante dessa problemática que pensamos em mídia-educação como nosso objeto de estudo e na produção de um kit tutorial que norteie os professores quanto ao uso dessa ilha midiática como produto final desta investigação.

As definições mais atuais de mídia-educação se referem, de um lado, à inclusão digital, ou seja, à apropriação dos modos de operar estas “máquinas maravilhosas” que abrem as portas do mundo encantado da rede mundial de computadores, possibilitando a todos se tornarem produtores de mensagens midiáticas; e, de outro, às dimensões de objeto de estudo, antiga “leitura crítica” de mensagens agora ampliada, e de ferramenta pedagógica, que diz respeito a seu uso em situações de aprendizagem, isto é, à integração aos processos educacionais. Segundo V. Reding, da Comissão Europeia, “a mídia-educação é hoje tão necessária ao exercício completo de uma cidadania ativa, quanto era, no início do século 19, o domínio da leitura e da escrita” (BELLONI, 2009a, p. 1099).

Desenvolvendo o kit, guia de práticas tecnopedagógicas para uso dos referidos equipamentos, objetiva-se verificar as possíveis relações com as seguintes hipóteses: “A formação de professores para o uso de recursos multimídia diminui a subutilização desse espaço na escola” e “Alunos e professores que promovem o uso crítico de recursos multimídia em sala de aula são mais ativos no processo de ensino aprendizagem”.

Compreendíamos que era necessário oferecer aos nossos professores e alunos uma formação voltada para a produção audiovisual, porém, o recurso só poderia ser destinado de forma direta aos alunos. Em decorrência disso, tivemos uma grande lacuna no projeto, a ausência na formação de professores. Para os alunos, foram ministradas pela empresa Caboré<sup>8</sup> um curso de audiovisual de três módulos: roteiro, produção e edição. A participação dos professores se restringiu a acompanhar os oficinairos nas salas de aula e a definir junto aos alunos os temas para o desenvolvimento dos roteiros.

Entendendo que esses recursos poderiam contribuir não apenas com a aprendizagem dos alunos, mas também na formação continuada dos professores, a gestão escolar apresentou a preocupação em preparar sua equipe docente para o uso desse novo espaço e seus equipamentos, garantindo que esses recursos fossem bem utilizados e pudessem fazer parte da proposta curricular da escola.

---

<sup>8</sup> Endereço eletrônico para contato com a produtora e coletivo Caboré audiovisual <http://caboreaudiovisual.com.br/produtora-sobre-nos/>

Esta pesquisa, portanto, acabou se tornando pertinente, no sentido de pensar em princípios norteadores para o uso da ilha midiática, através do desenvolvimento de um kit tutorial para uso desse ambiente, que levasse em conta as descobertas feitas através dos estudos observados no estado da arte apresentado anteriormente. Há o reconhecimento da necessidade de formação para o uso crítico, pedagógico e instrumental dos recursos disponíveis, que provoque no professor uma postura de pesquisador e mediador da aprendizagem; que leve em conta esses recursos no seu plano de aula; e que proponha atividades que possam ser aplicadas em sua prática de ensino. A ilha midiática deve ser um laboratório para desenvolvimento, produção e socialização de conhecimento, deve ter um movimento dinâmico que permita o diálogo, a pesquisa e a experimentação e que gere responsabilidade individual e coletiva.

Entendemos que essa geração atual está imersa numa rede de informação e comunicação, é usuária da internet para pesquisa, trabalho e entretenimento, e se relacionam através de redes sociais. Se o uso da TDIC se faz tão necessário às interações sociais, e também no mundo do trabalho, consideramos que a escola tem o papel de orientar seus sujeitos para essa prática.

Na era digital, estamos rodeados, na verdade imersos, em tecnologia. Além disso, a taxa de mudança tecnológica não mostra nenhum sinal de abrandamento. A tecnologia está levando a grandes mudanças na economia, na nossa forma de nos comunicarmos e relacionarmos com os outros, e cada vez mais no modo como aprendemos. No entanto, nossas instituições educacionais foram construídas em grande parte para outra era, baseadas em uma era industrial, em vez de digital. Assim, professores e instrutores são confrontados com o enorme desafio da mudança (BATES, 2017, p. 49).

Esta pesquisa pretende contribuir para a inovação da prática educativa com o auxílio de recursos multimídia, particularmente, os recursos audiovisuais. Observando as propostas de uso desses recursos pelos professores, observamos pouco impacto na aprendizagem, limitando-se ao uso de projetor digital em substituição à lousa, reprodução de conteúdos, baixa interação entre os alunos, condicionada ainda a memorizar informações sem produção de significados. A proposta de um guia de práticas educativas para uso da ilha midiática visa contribuir para a formação crítica, pedagógica e instrumental dos professores com uma linguagem fácil, lúdica, objetiva e acessível. Assim, esperamos desenvolver um material que ajude professores a entender melhor um pouco do universo tecnológico como auxílio ao processo de ensino, suscitando a experimentação de novas práticas em busca de novos resultados de aprendizagem. Para tanto, levantamos a seguinte questão de pesquisa: Quais as

possibilidades de utilização de uma ilha midiática como meio para auxiliar a prática educativa? No intuito de perseguir uma resposta a tal questão, no item a seguir estabelecemos os objetivos da pesquisa.

## 1.5 OBJETIVOS

### 1.5.1 Geral

Desenvolver um kit tutorial de mídia-educação como guia para utilização de uma ilha midiática para produção de conteúdos multimídia no espaço escolar, visando o uso crítico, dialógico e experimental das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação como auxílio à aprendizagem.

### 1.5.2 Objetivos específicos

- a) Identificar a concepção dos professores sobre o uso de recursos multimídia na prática educativa, no intuito de definir diretrizes para a formação docente;
- b) Identificar os recursos multimídia disponíveis na escola e avaliar seu uso pelos professores;
- c) Desenvolver propostas de utilização da ilha midiática existente na escola, para desenvolvimento de um kit tutorial;
- d) Documentar um pequeno acervo multimídia produzido pelos professores a partir do kit, para servir de referência a outros professores não participantes da pesquisa.

## CENA II – COMO TUDO ACONTECE

### 2.1 ABORDAGENS METODOLÓGICAS

Para buscar cumprir com os objetivos propostos, tomamos a abordagem qualitativa como base metodológica. Conforme apresenta Gil (2008), a pesquisa qualitativa é aquela por meio da qual os procedimentos analíticos são principalmente de natureza qualitativa, não existe um modelo pronto a ser seguido. Nesse tipo de pesquisa, a análise qualitativa

[...] depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma seqüência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório (GIL, 2002, p. 133).

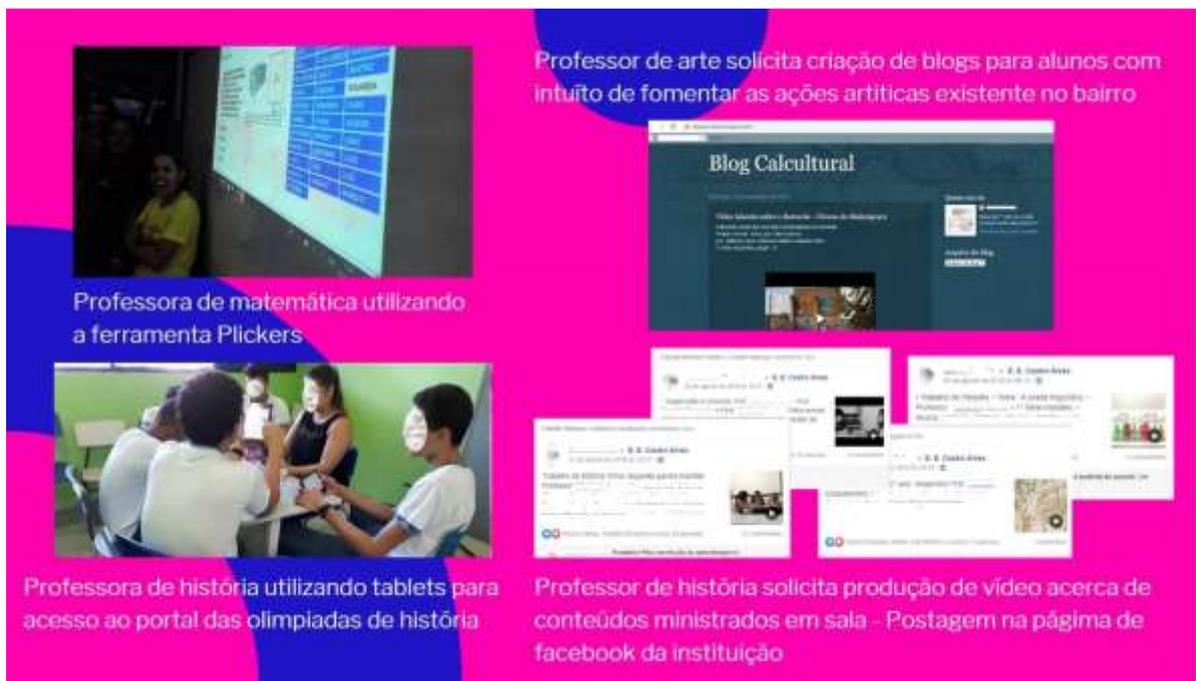
Optamos por este tipo de pesquisa porque o diálogo foi a nossa ferramenta de interação com os professores. Nossa pretensão foi que, ao mesmo tempo em que observássemos a dinâmica escolar, ouvíssemos os sujeitos da pesquisa, buscando fazer ligações entre o discurso e fala, aproveitando ao máximo a condição de coordenadora pedagógica da pesquisadora na escola campo. Foi esse também um dos motivos que justificaram os procedimentos metodológicos serem delimitados nesta investigação nas premissas da pesquisa-ação. De acordo com Thiollent (1985, p. 14 apud GIL, 2002, p. 55), a pesquisa-ação é:

[...] um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Por esse motivo, o interesse dos professores no uso de TDIC em sua prática é o outro ponto que justifica esta escolha. Uma das suas funções na coordenação pedagógica escolar é identificar temas para formação continuada de professores necessários ao fortalecimento do trabalho educativo e viabilizar essas formações. Foi em meio a essas observações que percebemos que alguns professores da instituição estavam interessados no uso de novas

tecnologias educacionais. Esses educadores começaram, ainda que de modo intuitivo, a experimentar práticas<sup>9</sup> que de alguma forma perpassava pelo digital, a criação de blog, produção de vídeos abordando conteúdos de diversas disciplinas compartilhados na página de facebook da instituição, exposição fotográfica, uso de aplicativos para o ensino, (à exemplo de plickers), computadores e tablets como meios para pesquisa.

Ilustração 1 – Registro de trabalhos dos professores com recursos multimídia



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Porém, mesmo com todas essas iniciativas, percebeu-se que ainda havia ausência de criticidade nesse uso e descuido com o material disponível na escola. Notebooks não estavam sendo utilizados com frequência, o que impedia a atualização automática dos sistemas operacionais, necessária aos aparelhos. O mesmo acontecia em relação aos tablets, muitos não foram sequer cadastrados para primeiro uso. Esporadicamente, professores utilizavam os tablets para fazer uma pesquisa com os alunos acerca de um determinado tema que havia sido ministrado em suas aulas, ou para responderem tarefas online relativas às Olimpíadas Brasileiras de História (há pequena participação de alunos da escola).

<sup>9</sup> Exemplos de práticas desenvolvidas estão disponíveis em: <https://blogcalcultura.blogspot.com.br/> e <https://eecastralves.wixsite.com/eecal/contato>

Para produzir os vídeos solicitados relativos a conteúdos de sala de aula, não havia preocupação por parte dos professores em orientá-los acerca de técnicas simples para produção audiovisual, tampouco acerca da linguagem dos meios em que seriam compartilhadas as publicações; havia apenas a solicitação de uma produção de vídeo com a exposição de conteúdos que substituiria a apresentação presencial. Essas exposições eram realizadas em lousas digitais que serviam de projetores, substituindo o quadro branco, pois não eram utilizadas para o fim que lhes foram destinadas, devido os professores não terem as competências técnicas para seu uso. Além disso a internet necessária ao funcionamento delas inexistia nas salas de aula.

A internet disponível na escola provém da Rede Giga Metrópole<sup>10</sup> que é uma rede de comunicação de dados de alta velocidade, utiliza tecnologia óptica para prestar serviços de conectividade a algumas escolas públicas estaduais da região metropolitana de Natal. Porém o projeto leva internet até um molden central que fica geralmente na secretaria escolar, não contempla a distribuição dessa internet nas demais dependências das escolas, ficando isso a cargo do governo do estado, infelizmente não houve investimento para essa distribuição, sendo assim temos internet de qualidade mas ela não chega as salas de aula.

Percebemos, assim, uma subutilização dos recursos até agora identificados. Além disso, há outros recursos que precisam ser socializados, pois os professores desconhecem a existência. Acreditamos que esses equipamentos podem oferecer muito mais para o desenvolvimento das aulas, sendo necessário que os professores descubram suas potencialidades e planejem suas aulas levando em conta o uso crítico e pedagógico de tais recursos e não apenas o uso instrumental.

Seguimos os seguintes passos para a realização desta pesquisa: encontros para diálogo e levantamento de dados através de grupo focal e pesquisa documental, busca por referencial teórico, análise de dados, desenvolvimento de quatro vídeos tutoriais para uso crítico de recursos multimídia, realização de formação de professores, montagem e disponibilização do kit tutorial.

---

<sup>10</sup> Dados dos projeto Giga metrópole: <https://www.imd.ufrn.br/portal/rede-giga>

## 2.2 CAMPO E SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual Castro Alves - EECA, fundada em 03 de março de 1972, localizada no bairro de Nova Descoberta, cidade de Natal, no estado do Rio Grande do Norte. O bairro em que a escola se encontra é composto por um misto de classe social baixa e média. Nele há oferta de educação privada em preços acessíveis a sua comunidade no ensino fundamental anos iniciais e finais. Já no ensino médio, as escolas privadas do bairro atendem a classe média alta. Neste sentido, a EECA recebe no ensino fundamental uma parcela pequena de alunos advindos dessas escolas privadas e uma maior parcela das instituições públicas da redondeza. No ensino médio, a parcela de alunos vindos da iniciativa privada sobe bastante. Além disso a EECA é a única escola pública que oferece ensino médio no bairro. Seu funcionamento se dá nos turnos matutino, vespertino (ofertando o ensino fundamental anos iniciais e médio) e noturno (ofertando ensino médio regular), contabilizando cerca de 600 alunos.

De acordo com o Projeto Político-Pedagógico, considera-se função da escola:

[...] mediar o processo de ensino aprendizagem. A escola como instância mediadora, realiza uma ação de formação humana através do legado cultural da humanidade, configurando a compreensão do mundo e a sua transformação. A escola que queremos construir deve ser pautada pela articulação entre o mundo vivido e a cultura elaborada, viabilizando a vivência dos que dela fazem parte. A escola assumirá o papel fundamental de estimular e efetuar o espaço de ações pedagógicas enfatizando o trabalho coletivo, que irá formar o cidadão participativo, responsável e crítico (2018, p. 11).

Nesse sentido, quando a escola leva em consideração na aprendizagem do aluno o legado cultural da humanidade para a compreensão de mundo, implica-se levar em consideração não só o passado da sociedade humanidade, mas também as experiências vividas no presente. Sendo assim, ainda mais uma vez ressaltamos a necessidade de pensar em mídia-educação para a formação de professores no uso de Tecnologia Digitais de Informação e Comunicação na Escola.

A estrutura da escola oferece à comunidade sete salas de aula, um laboratório de informática (revitalizado no ano de 2019), uma biblioteca, um laboratório de ciências, um pequeno auditório improvisado, um pátio utilizado como quadra esportiva, quatro banheiros, uma sala de secretaria, uma sala de professores, uma direção, uma sala de coordenação e uma

pequena área verde, além de uma ilha multimídia (sala de recursos tecnológicos), lugar em foco na nossa pesquisa.

A ilha midiática era a antiga sala de vídeo, lugar em que os professores levavam seus alunos para assistir filmes, ainda no tempo de fita VHS e depois dvd. Com o tempo esses aparelhos ficaram em desuso, por causa do surgimento do pendrive e da disponibilização de vídeos pela internet. Então o espaço tornou-se uma sala de projeções, o que não modificou o objetivo proposto para ela. No entanto, só era possível exibir filmes off-line, pois a internet da escola não chegava lá. Como esses computadores projetores eram móveis, os professores preferiam levá-los às salas de aulas, ao invés de ir com os alunos a outro ambiente. Então a sala de vídeo foi ficando cada vez mais abandonada. Até que, após a escola ser contemplada com o Concurso de Inovação Pedagógica, proposto pelo Banco Mundial, decidiu-se trocar o lugar da biblioteca com o da sala de vídeo, visto que esse espaço estava perto da secretaria da escola, que disponibilizava de internet Wi-Fi e também porque a escola receberia equipamentos multimídia, para os quais esse acesso seria muito importante. Assim, a sala de vídeo, deixou de ser sala de vídeo e passou a ser a sala de recursos multimídia, que, por ser o único lugar da escola em que os alunos teriam acesso à internet por meio desses equipamentos, chamamos de ilha midiática. Porém, mesmo com novos equipamentos e nova funcionalidade, a frequência de uso de equipamentos por alunos e professores é baixa, sendo então subutilizada, e é justamente a essa ilha que objetivamos dar funcionalidade.

O corpo docente, sujeitos desta pesquisa, é composto por vinte e nove professores. Sendo quinze mulheres (cinco especialistas e duas mestres) e quatorze homens (seis especialistas, dois mestres e um doutor). Todos os professores com graduação adequada na área em que atuam. Em relação à idade tem-se 3,3% até vinte e cinco anos, 26,7% dos professores tem até trinta e cinco anos, 33,3% entre trinta e cinco e quarenta e cinco anos e 33,3% acima de quarenta e cinco anos. Em relação ao tempo de serviço no sistema público de ensino, tem-se 33,3% dos professores com menos de cinco anos, 26,7% tem entre cinco e dez anos, 26,7% tem entre dez e quinze anos, 6,7% tem entre quinze e vinte anos de serviço e 6,9% tem mais de vinte anos de atuação. Atuam em apenas uma escola pública com carga horária completa 20% desses profissionais, 60% precisam trabalhar em duas escolas públicas, 16,7% trabalhando em três escolas, e ainda 3,3% que atuam em mais de três escolas para conseguir completar sua carga horária. Um outro ponto observado foi que 83,3% dos professores atuam exclusivamente em escola pública, enquanto apenas 16,7% atuam também em escolas privadas. Do quantitativo geral de professores vinte se comprometeram como

participantes da investigação. Lecionantes das disciplinas de História, Arte, Português, Geografia, Matemática, Química, Biologia, Religião e Espanhol.

Podemos encontrar professores próximos da aposentadoria, ou que lecionam há muitos anos, ou ainda, professores recém-formados que têm proposto novas formas de ensinar na escola. Estes têm buscado colocar em prática a teoria sociointeracionista proposta no PPP. A expressão *colocar em prática* é proposital, pois, apesar de essa teoria está no PPP pelo menos desde 2008, professores mais antigos na instituição ainda conduzem sua sala de aula com práticas tradicionais. Esse encontro de formas de ensinar tem trazido para a escola novas possibilidades de diálogo e de experimentações. Inclusive, foi pela mão desses novos professores que começaram a esboçar o uso de recursos tecnológicos em salas de aulas. Podemos também “culpabilizar” os estagiários advindos de instituições como Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, que trouxeram aos professores tutores da escola planos de aula que incluíam o uso de recursos tecnológicos.

## 2.3 ETAPAS DA PESQUISA

### 2.3.1 Etapa 1: Concepções e práticas educativas no uso de recursos multimídia

Na fase exploratória identificamos a concepção dos professores sobre o uso de recursos multimídia na sua prática educativa, no intuito de obter um diagnóstico das demandas formativas que serviriam de subsídio à capacitação docente, com vistas à educação para as mídias.

A coleta de dados foi feita através de grupo focal com a equipe docente. O grupo focal caracteriza-se pela possibilidade de gerar novas formas de pensar, ou pela análise e levantamento de hipóteses de um determinado assunto com base numa comunicação dialógica. Os participantes possuem objetivos comuns e procuram discuti-los para um determinado fim em equipe. De modo geral, as opiniões de todos os participantes são levadas em consideração, sendo ouvidas por todos, desta forma, cada um se fundamenta melhor sobre sua fala inicial ou mesmo mudam de opinião. De acordo com Backes et al. (2011, p. 439), “Essa técnica vem sendo utilizada para explorar as concepções e experiências dos

participantes, podendo ser usada para examinar não somente o que as pessoas pensam, mas como elas pensam e por que pensam assim”. Cabe ao coordenador realizar:

[...] o esclarecimento sobre a dinâmica de discussões, os aspectos éticos vinculados ao estudo e ao processo interativo. Estimula o debate, elabora a síntese dos encontros anteriores e encerra a sessão por meio de acertos e combinações para os próximos encontros (BACKES et al. 2011, p. 440).

A análise dos dados foi feita através de minuciosa observação dos diálogos entre os participantes da pesquisa, no intuito de encontrar as fragilidades e potencialidades, tanto internas quanto externas relacionadas ao uso da ilha midiática. A partir desse diagnóstico, buscaremos alternativas para o uso crítico-reflexivo dos recursos multimídia.

### 2.3.2 Dinâmica com o grupo focal

Em relação ao diagnóstico acerca da concepção dos professores sobre o uso de recursos multimídia na prática educativa, definiu-se a categorização analítica com base nas dimensões da mídia-educação levantadas por Belloni (2009a). A autora estabelece três dimensões intrínsecas e indissociáveis que compõem a formação para uma educação midiática (ou mídia-educação): 1) Aprender “**Sobre as mídias**” (consumo crítico de conteúdo a partir da alfabetização tecnológica; 2) Aprender “**Através das mídias**” (uso da mídia nas relações sociais e como meios de intervenção na realidade a partir do letramento midiático); e 3) Aprender “**Com as mídias**” (experimentação e apropriação de sua forma instrumental e pedagógica).

Com base nessas três categorias, levantou-se três hipóteses problematizadoras para orientar os diálogos e perceber pontos de vista através do que denominamos de Atividades Geradoras de Posicionamento (AGP). Essas atividades terão o papel de motivar a expressão dialogada dos participantes.

Para a dimensão “**Aprender sobre mídias**”, levantamos duas hipóteses: (consumidor crítico de conteúdo).

- I. Os professores não compreendem a necessidade de se “pensar sobre as mídias”, no sentido de percebê-las como meios que não são neutros, e por isso carregam valores e ideologias daqueles que detêm o poder de produção e difusão.

Para a dimensão “**Aprender através das mídias**”, levantamos a seguinte hipótese: (produtor crítico de conteúdo).

- II. Os professores não utilizam as mídias para se expressar e produzir sua existência. Acabam por apenas reproduzir o que lhes chega já pronto e acabado, assumindo como verdade. Através das mídias o professor pode agir e atuar sob a sociedade e a escola, mas não o faz.

Para a dimensão “**Aprender com as mídias**”, levantamos a seguinte hipótese (aprendizagem significativa):

- III. Os professores utilizam as mídias apenas como meio instrumental, não percebem que pode funcionar como ferramenta pedagógica, as mídias podem auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem.

Nesse sentido, para investigar a hipótese I, desenvolveu-se a AGP-I, que consiste em apresentar um vídeo baseado no conceito de sociedade midiaticizada de Krotz (2007) e Fausto Neto (2006), para que os professores expressem concordâncias e/ou discordâncias acerca do conteúdo.

Para investigar a hipótese II, desenvolveu-se a AGP-II e III. A AGP II visou provocar os professores a refletir e opinar sobre o seu papel de educador na sociedade midiaticizada, para isso faremos a dinâmica da batata quente, que consiste em passar uma caixa contendo quatro habilidades necessárias aos profissionais de educação para o ensino da mídia com base em Belloni (2009b). O professor que estiver com a caixa deverá retirar uma das habilidades e emitir sua opinião acerca da afirmação, estando aberto para que outros participantes opinem também. Na AGP-III solicitamos que os sujeitos da pesquisa respondessem os seguintes questionamentos: Que tipo de mídias você utiliza para se comunicar e o que costuma comunicar? Você já utilizou alguma mídia em sala de aula como fim para socialização de pesquisa? Qual foi a proposta?

Para investigar a hipótese III, desenvolveu-se a AGP IV e V. Na AGP IV, foram exibidos dois vídeos produzidos durante as aulas de História de um dos sujeitos da pesquisa. O objetivo consistia em pedir aos professores sujeitos da pesquisa que fizessem comentários acerca do que consideram competência técnica e competência pedagógica presentes nos

vídeos. Na AGP V solicitamos sugestões-relâmpago de aulas com uso de recursos tecnológicos existentes na escola, a partir do seguinte exemplo: Você tem uma câmera filmadora um gravador e cinco computadores com acesso à internet. De que modo você utilizaria esses recursos em aula? Todos os diálogos foram gravados em áudio, para posterior transcrição, tabulação, análise e discussão. A pesquisadora assumiu o papel de coordenadora de diálogo e registrou todo o momento através de gravação de áudio.

É importante ressaltar que num grupo focal o objetivo é investigar o conhecimento prévio dos participantes, o modo como eles enxergam os assuntos abordados e, a partir disso, fazer uma análise para levantar os pontos de fragilidade, oferecendo posteriormente uma formação que possa ajudá-los a superar suas dificuldades. Sendo assim, o objetivo dessas dinâmicas não é formar os professores e sim ouvi-los para poder planejar uma formação que, nesse caso, foi oferecida através de um kit contendo vídeos tutoriais didáticos para o uso crítico de recursos multimídia, produto final desta pesquisa, com o objetivo de contribuir para o uso da ilha multimídia existente na escola.

Foi realizado um levantamento dos equipamentos multimídia existentes na escola, assim como uma avaliação de como os professores têm orientado o uso desses recursos por seus alunos em suas práticas de aula. Como instrumento de coleta de dados para este objetivo de pesquisa, utilizamos a análise documental.

Como comumente pensamos que o trabalho de pesquisa sempre envolve o contato direto do pesquisador com o grupo de pessoas que será estudado, esquecemos que os documentos constituem uma rica fonte de dados. O exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ou interpretações complementares, constitui o que estamos denominando pesquisa documental (GODOY, 1995, p. 21).

Fizemos levantamento dos materiais disponíveis na escola, acessamos a página do Facebook da instituição e avaliamos duas produções de vídeos orientadas pelos professores que foram socializadas através desse canal, durante o ano de 2018, pelo projeto ComunicaCAL.

[...] caberá agora ao pesquisador ler os documentos selecionados, adotando, nesta fase, procedimentos de codificação, classificação e categorização. Supondo que a unidade de codificação escolhida tenha sido a palavra, o próximo passo será classificá-las em blocos que expressem determinadas categorias, que confirmam ou modificam aquelas presentes nas hipóteses e referenciais teóricos inicialmente propostos (GODOY, 1995, p. 24).

Gomes (2008) propõe que os professores façam a análise de materiais audiovisuais para selecionar o que irão usar em suas aulas, apresenta conceitos que definem o vídeo didático como um produto específico, produzido com intenção didático-pedagógica e que considera como contexto de recepção, especialmente, a escola e a sala de aula. O autor sugere cinco categorias minuciosas de análise de vídeo, destacando que elas servem como sugestões que podem, e devem ser adaptadas a cada situação em que os vídeos serão utilizados. São elas: categoria de conteúdos, aspectos técnico-estéticos, proposta pedagógica e material de acompanhamento. As categorias aspectos técnico-estéticos, não foi considerada nessa seleção, pois está mais voltada a questões técnicas profissionais, o que não se espera em produções feitas por pessoas que não passaram por um curso específico de audiovisual.

Selecionamos quatro dessas categorias, considerando as que mais se adaptam aos objetivos desta pesquisa. O objetivo é fazer uma análise qualitativa dos trabalhos produzidos a partir do uso de recursos multimídia existentes na escola. As categorias selecionadas foram:

**Conteúdos** – por permitir a identificação de fatores como: se a pesquisa foi incentivada no processo de produção de vídeo; e se os autores conseguiram apreender o conteúdo da proposta, contextualizando e adequando a linguagem ao público a quem se destinava (demais colegas da sala e usuários da página do Facebook da escola).

**Linguagens** – por identificar se houve preocupação com conhecimento técnico básico necessário para que o vídeo pudesse transmitir “as regras da arte” para cada tipo de proposta produzida. Assim como para uma mínima adequação estética que possibilite ao aluno não só a produção de um vídeo, mas a apreensão do funcionamento básico da linguagem audiovisual.

**Proposta pedagógica** – por possibilitar identificar se os professores conseguiram fazer a aplicação prática de seus conteúdos, sugerindo a seus alunos o uso crítico dos recursos multimídia, levando em consideração conhecimentos técnicos e pedagógicos que propusessem atividade ao aluno no processo de aprendizagem.

**Material de acompanhamento** – por se tratar a presença de dados de identificação da produção (título, autores, professor orientador).

### 2.3.3 Etapa 2: Proposta de uso crítico e pedagógico da ilha midiática

Foi desenvolvida uma pesquisa de referência teórica para definição de uso crítico de recursos multimídia. Os dados adquiridos na Etapa 1 serviram como indicadores para a Etapa 2, em que foram elaborados os roteiros necessários às produções dos vídeos didáticos tutoriais compositivos do kit, com as instruções para o uso da ilha midiática existente na escola. O kit será disponibilizado aos professores no intuito de contribuir em sua formação para o uso crítico de recursos multimídia na educação e será composto pelos seguintes materiais:

- I – Manual de uso da ilha midiática
- II – Quatro vídeos tutoriais (storytelling, draw my life, stop motion e time-lapse)<sup>11</sup>
- III – Sequências Didáticas para mídia-educação
- IV – Pequeno acervo de exemplos de produção dos professores

O manual de uso da ilha midiática trará informações e orientações de caráter técnico. Em uma linguagem simples e acessível, serão descritos os equipamentos disponíveis na ilha e suas funcionalidades. Cada vídeo tutorial está numa modalidade audiovisual diferente, isso para que ele possa também servir como inspiração para a aplicação de diferentes técnicas da linguagem. As modalidades são: *storytelling*, *draw my life*, *stop motion* e *time lapse*. A ideia é que os vídeos, além de abordarem o uso crítico de recursos da ilha midiática, também promovam a aproximação dos docentes com diferentes modalidades de produção audiovisual. Abaixo, explicamos o que cada vídeo irá abordar:

Quadro 1 – Técnicas de produção utilizadas

<b>Modalidade</b>	<b>Intencionalidade e finalidade</b>
Storytelling	Aprendizagem sobre as mídias
Draw my Life	Aprendizagem através as mídias
Stop Motion	Aprendizagem com as mídias
Time lapse	Demonstração das produções anteriores

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2019.

<sup>11</sup> A descrição detalhada sobre essas técnicas; bem como sobre a produção dos vídeos tutoriais, encontra-se na Cena 3 desta dissertação.

O Kit Tutorial de Mídia-Educação trará sugestões de sequências didáticas que poderão ser desenvolvidas pelos professores na sala de aula, com base nas três dimensões da mídia-educação. A quadrilogia dos vídeos tutoriais será organizada com base nas três categorias de Gomes (2008): conteúdos, linguagens e proposta pedagógica. Primeiramente, o levantamento das necessidades de aprendizagem (conteúdos curriculares a serem trabalhados). Em seguida, a escolha e adequação da linguagem para a finalidade educacional. Finalmente, a proposta pedagógica para a produção da página web em que será disponibilizado o kit (design educacional).

Durante a realização da formação com os professores-sujeitos da pesquisa, os produtos gerados pelos docentes irão compor a última parte do kit, servindo de referência a outros profissionais que não puderam participar da formação.

Realizamos encontros para formação de professores que culminaram em um pequeno acervo audiovisual que servirão de exemplo para outros docentes. Os encontros realizados tiveram como base categorias de instrução para uso da ilha midiática. Princípios conceituais que definirão como devemos compreender o uso de recursos multimídia no espaço escolar (aprender sobre as mídias – consumo crítico); princípios instrumentais serão abordados para garantir o uso adequado dos recursos multimídia existentes na instituição (aprender através das mídias – produtor crítico); e princípios pedagógicos servirão de base para a prática educativa em sala de aula (aprender com as mídias – aprendizagem significativa).

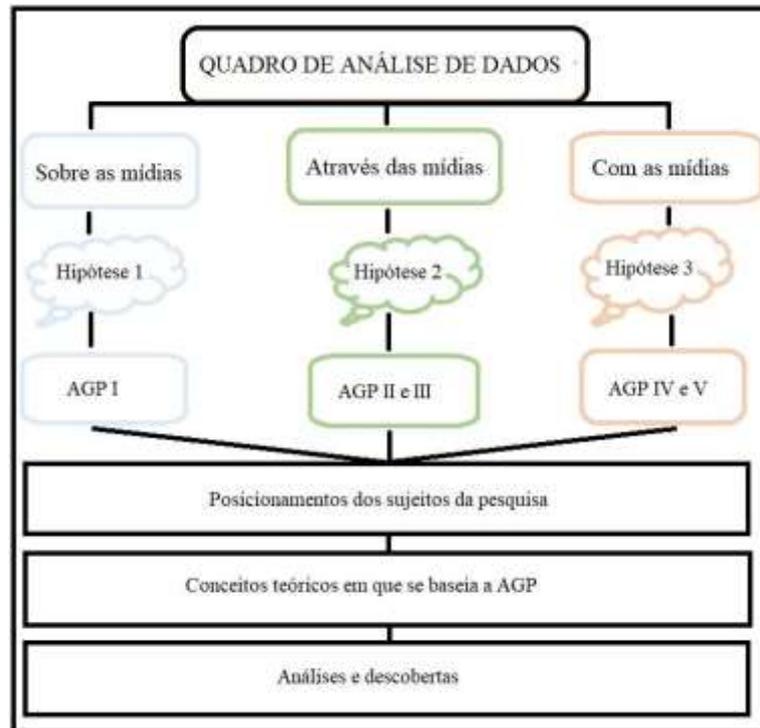
## 2.4 INSTRUMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Os instrumentos de coleta e análise de dados foram pensados de acordo com cada indicação metodológica e cada objetivo descritos nas etapas acima.

### 2.4.1 Instrumento de coleta relativo ao objetivo específico “a”

O mapa mental indica de forma sucinta o funcionamento da dinâmica do grupo focal. Logo abaixo, os quadros indicam cada etapa da dinâmica com as questões orientadoras e as categorias de análise. A indicação de cores da ilustração abaixo representa a relação categoria/questionamento/atividade geradora de posicionamento.

Ilustração 2 – Categorias de análise segundo Belloni (2009)



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, com base em Belloni (2009).

O quadro a seguir traz uma conceituação objetiva dos três tipos de aprendizagem que encontramos em Belloni (2009a) para a aprendizagem em mídia-educação. Esses princípios teóricos embasaram o desenvolvimento das atividades propostas para o grupo focal e o desenvolvimento dos vídeos tutoriais para a formação de professores.

No quadro a seguir, apresentamos a síntese das AGP desenvolvidas no grupo focal e oriundas das hipóteses levantadas em cada dimensão da mídia-educação.

Quadro 2 – Hipóteses levantadas para condução do grupo focal

<b>Grupo focal</b>		
<b>Sobre as mídias</b> (consumidor crítico)	<b>Através das mídias</b> (produtor crítico)	<b>Com as mídias</b> (aprendizagem significativa)
Hipótese 1: Os professores não compreendem a necessidade de se “pensar sobre as mídias”, no sentido de percebê-las como meios parciais.	Hipótese 2: Os professores não utilizam as mídias de modo a se expressar e produzir sua existência. Acabam por apenas reproduzir o que lhes chega já pronto e acabado, assumindo como uma sua realidade. Através das mídias, o professor pode agir e atuar sob a sociedade e a escola, mas não o faz.	Hipótese 3: Os professores utilizam as mídias apenas como meio instrumental, não percebem que, como ferramenta pedagógica, as mídias podem auxiliar no desenvolvimento de novas práticas educativas.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Belloni (2009).

Quadro 3 – Atividades geradoras de posicionamento para condução do grupo focal

<p><b>Atividade I:</b></p> <p>Desenvolva uma reflexão a partir do vídeo <i>Midiatização   Teoria da Comunicação</i><sup>12</sup> (Definição da Sociedade Digitalizada, 5'36", com base em Krotz (2007) e Fausto Neto (2006)).</p>
<p><b>Atividade II:</b></p> <p>Quatro professores irão retirar de dentro de uma caixa afirmações acerca do papel dos profissionais em educação para o ensino das mídias com base na proposta de Belloni (2009b), e deverão se posicionar criticamente, argumentando sobre a concordância ou discordância das afirmações.</p>
<p><b>Atividade III:</b></p> <p>Responda os seguintes questionamentos: Que tipo de mídias você utiliza para se comunicar e o que costuma comunicar? Você já utilizou alguma mídia em sala de aula como fim para socialização de pesquisa? Qual foi a proposta?</p>
<p><b>Atividade IV:</b></p> <p>Observe dois exemplos de produção de vídeo feitas por alunos de nossa escola. Faça um comentário acerca do que você considera competência técnica e outro acerca de competência pedagógica.</p> <p>Vídeos: <i>Civilizações</i><sup>13</sup> e <i>Literatura de cordel no RN</i><sup>14</sup></p>
<p><b>Atividade V:</b></p> <p>Você tem disponível uma câmera filmadora, um gravador e cinco computadores com acesso à internet. De que modo você utilizaria esses recursos em aula?</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AeyJNpqh5WE&t=67s> Acesso em: 01 jun 2019.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iTftwJMf9ww&feature=youtu.be> Acesso em: 01 jun 2019

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f-pqIKad5wI&feature=youtu.be> Acesso em: 01 jun 2019

Após o registro dos diálogos realizados no grupo focal, a análise da relação entre os posicionamentos teóricos de Belloni (2009b) e Amorim (2014) e o discurso dos professores será organizada com base no quadro a seguir:

Quadro 4 – Sistematização da análise dos diálogos do grupo focal

<b>ANÁLISE DE DADOS</b>
<b>HIPÓTESE:</b>
<b>AGP:</b>
<b>CONCEITOS TEÓRICOS DA AGP:</b>
<b>POSICIONAMENTO DOS SUJEITOS DA PESQUISA:</b>
<b>ANÁLISE CRÍTICA:</b>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Objetivo específico b. Quadro de categorização de uso de recursos multimídia da ilha midiática que resultou em produtos audiovisuais disponíveis na página do facebook da instituição durante o ano de 2018. Esse período foi escolhido, pois foi durante esse ano que os professores começaram a ter acesso aos recursos adquiridos com o Projeto de Inovação Pedagógica para Leitura e Letramento ComunicaCAL (Comunica Castro Alves), que acabou se efetivando através das propostas de produções audiovisuais.

Quadro 5 – Categorias para análise de vídeo baseada em Gomes (2008)

Materia de acompanhamento	Conteúdos	Linguagens					Proposta Pedagógica	
<b>IDENTIFICAÇÃO</b> () Título () Turma () Componentes () Professor orientador	() Qualidade pesquisa, exatidão e apropriação. () Clareza () Contextualização () Adequação da linguagem ao público-alvo () Presença de referências	<b>IMAGEM</b> () Uso dos planos variados () Movimentos de câmera Cuidados com: () Iluminação () Cenário () Figurino	<b>TEXTO VERBAL</b> () Qualidade linguística do texto verbal oral em concordância com a proposta de formato e público () Pode-se perceber espontaneidade de emoções, sentimentos ou ambos.	<b>ÁUDIO</b> () Expressividade () Clareza () Integração do som com a imagem () Qualidade estética do som ambiente	<b>ROTEIRO</b> () Clareza de argumento () Personagens () Identificação da obra	<b>ESTRUTURA NARRATIVA</b> () Função do vídeo é clara	<b>FORMATO</b> () Entrevista () Reportagem () Documentário () Situações-problema () Outro	() Passividade no processo de ensino () Atividade no processo de ensino () Aplicações práticas do conteúdo () Objetivos claros [informar, motivar, sensibilizar, exemplificar, etc.]. () Pressupõe mudança de comportamento, de atitude ou de habilidade.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir da proposta de análise audiovisual de Gomes (2008).

Ainda em relação ao objetivo b, elaboramos o quadro a seguir para levantamento dos recursos multimídia existentes na escola.

Quadro 6 – Lista de recursos multimídia disponíveis na escola

<b>Recurso</b>	<b>Funcionalidade</b>	<b>Quantidade</b>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Até aqui, apresentamos todos os procedimentos relativos ao planejamento para levantamento de dados. Dessa forma, buscamos alcançar os objetivos propostos e damos início à próxima cena, em que iremos fazer um diálogo entre teóricos, sujeitos da pesquisa e pesquisador. Nesse sentido, apresentaremos a base teórica em que nos respaldamos, a discussão de dados, as reflexões do pesquisador, além das experiências desenvolvidas através dos momentos de formação.

## CENA III – O QUE EXPLICA TUDO ISSO

### 3.1 ECOSSISTEMAS COMUNICATIVOS

A ideia de estarmos inseridos na sociedade da informação (ASSMANN, 2000) nos impele a refletir sobre o papel da educação dentro desse contexto. Essa definição vem do processo constante dos avanços da ciência e da tecnologia. Houve uma revolução tecnológica após o surgimento da tecnologia digital; e a sociedade desenvolveu novas relações sociais e novos processos para lidar com a informação e a produção do conhecimento. Da mesma maneira o desenvolvimento tecnológico nos processos de comunicação, abalaram as estruturas sociais e redesenham as maneiras de socializar conhecimento.

A sociedade da informação é a sociedade que está actualmente a constituir-se, na qual são amplamente utilizadas tecnologias de armazenamento e transmissão de dados e informação de baixo custo. Esta generalização da utilização da informação e dos dados é acompanhada por inovações organizacionais, comerciais, sociais e jurídicas que alterarão profundamente o modo de vida tanto no mundo do trabalho como na sociedade em geral (ASSMANN, 2000, p. 9).

Porém, apesar de vivermos na sociedade da informação digital ou intencionalmente produzidas, não vivemos, ainda, na sociedade do conhecimento. As informações são de fácil acesso, somos bombardeados por elas o tempo todo por diversos meios, mas só construímos conhecimento quando somos levados a refletir criticamente sobre essas informações. Sendo assim, o conhecimento vai além do acesso e compartilhamento de informação, é necessário um processo formativo voltado para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Em primeiro lugar, é fundamental estabelecer uma distinção clara entre dados, informação e conhecimento. Do nosso ponto de vista, a produção de dados não estruturados não conduz automaticamente à criação de informação, da mesma forma que nem toda a informação é sinônimo de conhecimento. Toda a informação pode ser classificada, analisada, estudada e processada de qualquer outra forma a fim de gerar saber. Nesta acepção, tanto os dados como a informação são comparáveis às matérias-primas que a indústria transforma em bens (ASSMANN, 2000, p. 8).

A grande quantidade e velocidade com que as informações transitam na sociedade atual fazem parte do ecossistema da vida humana e os efeitos causados por isso não podem

deixar de ser levados em consideração, se quisermos entender como esse ecossistema funciona para agir sobre com autonomia e criticidade. A episteme da palavra “ecossistema” é o um ponto de partida para refletir sobre as mudanças comportamentais humanas causadas pela sociedade da informação, também considerada a sociedade midiaticizada, já que tece suas relações através de ligações sociotécnicas, uma sociedade em que se permeiam diversos equipamentos multimídias que mediam relações sociais constantemente (FAUSTO NETO, 2006).

Em sua estrutura, a palavra ecossistema vem da união “oikos” e “sistema”, sistema da casa, representando um conjunto de comunidades que habitam e interagem em um determinado espaço. Enquanto seres humanos, vivemos em comunidades influenciadas por princípios sociológicos, filosóficos, de crenças, de classes etc. Essas comunidades têm como necessidade básica a comunicação. Para Shaun (2002, p. 93):

O conceito de ecossistema comunicacional designa organização do ambiente, a disponibilização dos recursos, o *modus faciendi* dos indivíduos e grupos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de ação comunicacional. No caso a família, a comunidade comunicativa, ou uma emissora de rádio criam, respectivamente ecossistemas comunicacionais. Os indivíduos, e grupos envolvidos as instituições podem pertencer e atuar, simultaneamente, em distintos ecossistemas comunicacionais, uns exercendo influência sobre os outros.

Nessa dimensão social sofremos muitas mudanças ao longo da história, mas nunca a comunicação deixou de ser símbolo de poder. O acesso do povo à informação sempre foi temido pelos “detentores de poder”, principalmente se tal acesso se der de maneira crítica. Apesar do acesso por si só não representar ameaça, ele é importante para a construção do conhecimento, como dito anteriormente.

A evolução das comunicações de massa está diretamente associada à evolução da humanidade. Não foi por acaso que, três séculos depois da invenção dos tipos móveis de Gutemberg, as monarquias europeias caíram uma a uma como dominós em fila. Isso ocorreu porque o domínio da informação é essencial para a manutenção de qualquer estrutura de poder personalista, seja ela de que regime for, onde não prevaleçam os princípios democráticos (inclusive em alguns ditos democráticos). A livre circulação de ideias por meio de livros e periódicos foi instrumento catalisador da insatisfação contra os regimes monárquicos que levou ao caminho sem volta dos regimes participativos (AMORA et al., 2011, p. 16).

Tendo em vista que estamos progressivamente imersos em um volume incalculável de informação, urge pensarmos em processos educacionais que desenvolvam nos sujeitos a capacidade de selecionar o que é importante, refletir criticamente sobre, produzir conhecimento e mudar comportamentos, muitos vezes impostos por uma lógica capitalista. Tal lógica tem utilizado as mídias para promover o discurso que mais lhe convém, aquele que deseja que as pessoas consumam sem crítica, pois, sem ela, é mais fácil vender qualquer ideia.

Devemos atentar para o tempo que gastamos na televisão, internet, redes sociais, ou mesmo escutando rádio. Esse uso tem ocorrido de modo corriqueiro, às vezes ligamos a televisão só para nos fazer companhia, ou ficamos lendo postagens dos nossos amigos nas redes sociais, por horas, sem nenhum objetivo a não ser entretenimento. Aliás, é para isso que esses recursos têm servido para a maioria das pessoas em nosso tempo. Como afirma Gitlin (2003, p. 14, grifo do autor):

As mídias hoje são ocasiões e condutos de um modo de vida identificado com a racionalidade, a conquista tecnológica e a busca de riqueza, mas também de algo muito diferente, algo que chamamos de *diversão, conforto, conveniência ou prazer*.

Ao observar os modos como temos utilizado as mídias, grande parte das pessoas não compreendem, por exemplo, porque as propagandas surgem repentinamente em suas redes sociais, justamente sobre produtos que pretendiam comprar. Produtos que um supermercado precisa vender com mais rapidez estão ao alcance do consumidor ou em lugares de destaque promocional. O mesmo acontece com as reportagens de jornais e revistas. Ao desenvolvermos uma percepção crítica das técnicas, ou seja, da linguagem das mídias que é utilizada para transmitir informações de acordo com cada gênero linguístico presente no meio que irá comunicar, como ele funciona, e qual o seu objetivo, conquistamos mais autonomia em nossas próprias decisões.

Mas os empreendedores fabricantes de recursos multimídias não estão preocupados se sua clientela consumidora é acrítica, justamente essa condição os ajuda a vender cada vez mais produtos, em ocupar nosso tempo, em nos fazer dependentes, em nos fazer sentir realizados com a compra de um item de última geração. Gitlin (2003), fazendo uma analogia, afirma que as mídias têm *contrabandeado* o hábito de viver com as mídias.

Nossas crianças e jovens há muito têm sido vistos como um potencial mercado consumidor para as empresas de comunicação. Elas têm investido em produtos atraentes para

esse público, surgem youtubers, tablets com layout infantil, programas audiovisuais com temáticas contemporâneas, aplicativos diversos, jogos e uma infinidades de atrativos.

Quando observamos o que as crianças estão fazendo com essa tecnologia fora da escola, fica claro que ela é basicamente um meio para a cultura popular. As crianças que têm acesso a computadores em casa estão usando-os para jogar, surfar nos sites de entretenimento na internet, trocar mensagens instantâneas, participar de redes sociais, baixar e editar vídeos e músicas (BUCKINGHAM, 2008, p. 2).

Dessa forma, eles têm mergulhado no mundo tecnológico com intensidade, mas sem criticidade, e nem percebem a influência desses meios no seu comportamento.

O lugar das mídias na vida das crianças merece atenção especial – não apenas porque as crianças são inigualavelmente impressionáveis mas porque sua experiência dá forma ao futuro de todos se hoje achamos natural um ambiente recheado de mídia, com certeza uma das razões é porque crescemos nele e não podemos mais ver como é extraordinário (GITTLINS, 2003, p. 29).

As mídias se apresentam como um lazer rápido, prático e barato, trazendo consigo a falsa facilidade de convivência harmoniosa, agindo como uma espécie de “entorpecente” para nossas crianças. A lógica do acesso à internet propõe atividades multitarefadas, ser capaz de acessar páginas, comunicar-se, enviar e receber arquivos estar atento a diversos tipos de conteúdos e direcionamentos, perpassando por informações instantâneas que visualizamos automaticamente, sem apreendê-las de fato, gerando atitudes automáticas. Os sujeitos estão expostos a uma sobrecarga cognitiva que pode cultivar impaciência e ansiedade, influenciando diretamente nas relações sociais e, particularmente, na aprendizagem.

Do ponto de vista da socialização das novas gerações, a cultura e a comunicação (mediatizadas por tecnologias cada vez mais sofisticadas e de funcionamento opaco para a maioria dos usuários) vão se transformar: cresce a importância das “interações mediatizadas” e das mensagens simbólicas mundializadas, de um lado, enquanto de outro, tende a ocorrer uma perda de importância, ao menos relativa, das principais instituições modernas de socialização: a família, a escola e a religião (BELLONI, 2009b, p. 32).

E que saída temos em relação a essa lógica de mercado que, de uma maneira geral, tem nos envolvido numa teia de relações que nos fazem “estar com as mídias mesmo quando não estamos com ela”? (GITLINS, 2003, p. 33).

Amora (2011) observa a mídia a partir de três possibilidades de existência. A possibilidade *capitalista*, na qual quem decide de que modo e o que a mídia comunica são os grandes produtores de comunicação de massa. Outra possibilidade refere-se à presença de um “Estado interventor”, ressaltando que, nesse caso, seria ele a decidir a quantidade e a qualidade dos produtos ofertados sem termos o poder de negar ou pedir substituição do produto. Por fim, aquela da “População Produtora”, que surge com o barateamento dos meios de produção, dando maior possibilidade de as pessoas se apropriarem dos meios e quebrarem com o monopólio dos pequenos grupos detentores da comunicação de massa. A *População produtora*, porém, necessita alfabetizar-se tecnologicamente para ter consciência das potencialidades para sua produção. E esse é um papel que deve ser assumido pela Educação, tendo em vista que as famílias acabam também por serem levadas ao consumo desenfreado e irrefletido dos produtos midiáticos.

Se os adultos não estão preparados para lidar criticamente com as mídias, se não estão letrados para seu consumo ponderado, não possuem condições de ensinar às crianças a fazê-lo. A escola, portanto, é o lugar que encaminhamos os futuros cidadãos da sociedade da informação para sistematizarem seu conhecimento de mundo, agir sobre ele e transformá-lo a partir de suas competências, habilidades e atitudes.

Enquanto espaço privilegiado de construção de conhecimentos e formação de comportamentos, não se pode ignorar que a realidade da sociedade midiática impacta no espaço escolar e nas suas práticas educativas. Nesse sentido, entende-se que as novas relações sociais provocadas pela influência midiática precisam ser entendidas como cultura social e dessa forma estarem presentes nas salas de aula. Precisamos nos preparar para o que já é real e urgente. Precisamos adquirir novos conhecimentos, para suprir a necessidade social que nos é imposta, isto é, a de uma educação para as mídias para lidar com os novos ecossistemas comunicativos.

As diretrizes para a formação docente visando o uso de recursos midiáticos na educação precisam levar em consideração o ecossistema midiático em que estamos inseridos. A escola tem como papel fundamental preparar o cidadão para a emancipação social e contribuir assim na redução das desigualdades econômicas.

A mídia-educação traz, então, o alerta de refletir sobre o modo como temos utilizado os recursos multimídia na escola. Precisamos propor uma nova forma de pensar e fazer com as mídias, para assim construirmos um ecossistema vivo, em constante transformação, em que os sujeitos participem da democratização da comunicação através da apropriação de

linguagens multimídia e do seu potencial socializador no espaço escolar. A nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sugere que o papel de conduzir o aluno à criticidade do discurso midiático é dos profissionais em educação.

É importante que a instituição escolar preserve seu compromisso de estimular a reflexão e a análise aprofundada e contribua para o desenvolvimento, no estudante, de uma atitude crítica em relação ao conteúdo e à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais. Contudo, também é imprescindível que a escola compreenda e incorpore mais as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação (e também de manipulação), e que eduque para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital (BRASIL, 2017, p. 59).

Em consonância com esse contexto e com a premissa de que no processo de ensino é necessário levar em consideração a realidade vivida pelos sujeitos, realizamos, na Etapa I desta pesquisa, um grupo focal e levantamos dados sobre concepções dos professores sobre o uso de recursos multimídia na prática educativa. Exploramos diversos pontos referentes à presença maciça das mídias no contexto socioeducativo em que esses profissionais precisam estar inseridos. O grupo focal aconteceu em um sábado, dia 03 de agosto de 2019, dedicado à formação continuada e planejamento coletivo. No calendário escolar do Rio Grande do Norte existe um sábado a cada bimestre destinado a esse tipo atividade escolar. Esse dia, na maioria das vezes, não tem uma boa frequência dos docentes, isto porque não é um dia remunerado, e por lei o professor que cumpre toda a sua carga horária de trabalho durante a semana não tem obrigatoriedade de estar aos sábados na escola. Ainda assim, obtivemos a presença de 21 docentes no encontro para realização do grupo focal.

Os professores demonstraram estar animados em participar da pesquisa. Tivemos inicialmente um lanche, um breve momento administrativo e demos início aos nossos diálogos voltados à dinâmica composta por cinco atividades geradoras de posicionamento (AGP), conforme explicado na Cena II desta pesquisa. As discussões foram bastante interativas. Houve muita atenção às falas uns dos outros, com complementações, concordâncias e discordâncias.

Ilustração 3 – Registro do encontro para o grupo focal



Fonte: Acervo da autora.

Na AGP1, foi solicitado que os participantes assistissem a um vídeo produzido por universitários e disponibilizado no Youtube, durante a disciplina de Teoria da Comunicação, no Curso de Graduação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no ano de 2015. Após assistirem, solicitou-se que fizessem um comentário a respeito do conteúdo. O vídeo exposto retrata uma linha do tempo das formas de comunicar desde o jornal impresso até o surgimento das mídias móveis, destacando que a comunicação foi potencializada com o avanço tecnológico e com a difusão da internet e das mídias digitais. O vídeo apresenta o processo de midiatização como um fenômeno social e tecnológico, baseado em Krotz (2007). Afirma que a midiatização é um processo contínuo em que os meios alteram a sociedade e a cultura e vem acompanhando a atividade humana desde o início do uso da escrita e da leitura. O vídeo também retrata a necessidade de consumo crítico e domínio das novas tecnologias que surgem, e é finalizado com a ideia de que o avanço tecnológico é algo socialmente determinado. Não é a televisão ou o computador que criam uma sociedade nova, é a sociedade que precisa de processos interacionais novos.

O objetivo dessa atividade foi observar se na fala dos professores há uma percepção sobre o fato de estarmos vivendo em uma sociedade midiatizada, se há consciência do papel que as mídias digitais imprimem em nossas vidas e de que a comunicação midiática é ideológica e intencional e está a serviço de interesses hegemônicos. Após assistirem ao vídeo proposto, sentados em círculo, um a um emitiram reflexões acerca do que observaram:

*Eu achei bem interessante porque mostra a questão da evolução da tecnologia, e como parece que a gente tá sempre tendo que correr atrás do*

*novo que tá surgindo, quando a gente vai se adaptando com uma coisa, aí surge outra e aquela já fica obsoleta. A gente vai atrás de aprender aquilo, aí quando a gente tá dominando aparece outra coisa, né? Então principalmente para quem nasceu na época que pegou ainda o mundo sem internet, é ainda mais difícil acompanhar. Parece que essa nova geração que tá nascendo agora, já nasce nesse ritmo, né? Mas, a gente que ainda pegou pré-internet, a gente tá sempre correndo atrás de novo que tá surgindo (PROFESSOR 1).*

*Eu tô assistindo umas séries, para mim a coisa mais legal é essa coisa da velocidade da informação do compartilhamento (PROFESSOR 7).*

*Eu estava analisando o uso das mídias. A mídia não teve durante um bom tempo a velocidade que tem hoje em dia. Então a gente também tem que ter consciência que a gente está vivendo um processo que nunca foi tão rápido, durante muito tempo a gente vinha com o jornal, com a carta, a comunicação era feita por telegrama, depois a gente teve uma evolução, aí veio o rádio, e tal. Acho o quê?... 30 anos, talvez menos, a gente teve um saldo de uso das mídias gigantesco. Então assim, temos que ter consciência que a gente está dentro desse processo e que vai usar muito desses processos midiáticos aí pela frente, não é? E o que me chamou atenção também, foi justamente a capacidade que a gente tem hoje em dia da comunicação mesmo em si, né? As mídias hoje facilitaram muito a comunicação (PROFESSOR 8).*

Pensar na quantidade de informação, mediadas por mídias a que podemos ter acesso é muito importante, porém, mais importante ainda é saber quem emite essa informação, como ser crítico diante dela, ter consciência de que também podemos ser produtores de informação e atuar no mundo midiático e ainda como professores ensinar nossos alunos a também fazê-lo. Precisamos nos reconhecer como parte integrante de ecossistemas comunicativos, buscando entender a lógica de funcionamento das mídias, construindo nossas inferências que devem perpassar principalmente pelo teor político ideológico existente entre a relação emissor-receptor. Para Belloni (2009a), não podemos ser meros receptores de mensagens, precisamos entender o avanço tecnológico como um processo social que está presente na educação, trabalho, tempo ócio, comunicação.

As análises dos professores apontam para o reconhecimento de estarem vivendo em uma sociedade onde os meios de comunicação se desenvolveram muito rapidamente e estão presentes em diversos recursos digitais que mediatizam as formas de comunicação no dia a dia. Porém, são falas que retratam uma visão pouco aprofundada, pois não trazem consigo a reflexão crítica das implicações nos nossos comportamentos sociais. A preocupação por parte dos professores em entender como a mídia funciona não está voltada a seu papel ideológico, mas a sua dimensão técnica, como é retratado nas falas que se seguem:

*A mídia é muito boa. Eu acho que a gente tem que aprender é como usar, pra realmente valer a pena. Não sei nada, eu sou péssima então se eu tivesse que filmar alguma coisa ia sair tudo embaçado, eu queria saber como usar melhor (PROFESSOR 5).*

*Eu acredito que essa evolução contribui bastante, mas tem horas que parece que a gente estaciona o aprendizado em relação a essas mídias. Você já precisa ter o conhecimento maior! Eu fiz o curso de mídias na educação e vimos toda essa parte dos tipos de mídia, mas teve uma época em que não tivemos mais curso para a questão de utilização. Então isso é como estacionar (PROFESSOR 2).*

Essa preocupação acabou concentrando o diálogo entre os professores nas dificuldades de como usar recursos tecnológicos junto a seus alunos. Uma preocupação válida, mas que não leva em conta o papel ideológico da mídia. É importante que tenhamos essa compreensão, pois “é preciso valorizar o mundo real dos sujeitos, considerá-los como protagonistas de sua história e não como meros ‘receptores’ de mensagens e consumidores de produtos culturais” (BELLONI, 2009b, p. 20). Enquanto professores, só seremos capazes de mediar essa aprendizagem, se primeiro apreendê-la.

Outro ponto levantado pelos professores e que consideramos importante, foi o receio de o aluno ter mais domínio de TDICs que o professor.

*[...] porque o professor fica às vezes um pouquinho perdido com essas mídias, tem alunos que chegam até com algumas novidades, algum conhecimento de mídia, o que torna-se um bloqueio às vezes para o professor levar para sala de aula (PROFESSOR 2).*

Isso nos leva à necessidade de que ensinar exige pesquisa. Exige a consciência e a ação pela busca de conhecimentos.

Enquanto ensino contínuo buscando e reprovando. Ensino porque busco, porque indaguei e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996 p. 29).

Nesse sentido, a pesquisa é um caminho para alcançar o conhecimento técnico necessário para o uso das mídias. Nenhum curso será capaz de abordar todas as mídias e suas atualizações constantes, o que realmente vai fazer a diferença diretamente na atuação do

professor com uso de mídias é seu desejo de pesquisa focada no recurso que deseja utilizar. É necessário também respeito ao saberes dos educandos.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, a escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 1996, p. 30).

Compreender que o ensino é um processo de troca de saberes é de suma importância para superar a ideia do medo que o aluno tenha mais domínio de uma determinada mídia de que o professor, pelo contrário, esse fato pode ajudar no compartilhamento de ideias e experimentação de novas práticas.

Educador-educando e educando-educador, no processo educativo libertador, são ambos sujeitos cognoscentes diante de objetos cognoscíveis, que os mediatizam. Poder-se-á dizer, e não têm sido poucas as vezes que temos escutado: “Como é possível pôr o educador e o educando num mesmo nível de busca do conhecimento, se o primeiro já sabe? Como admitir no educando uma atitude cognoscente, se seu papel é o de quem aprende do educador?” (FREIRE, 1983, p. 53).

A troca de conhecimento entre docente e discente faz parte do processo de ensino com base numa comunicação dialógica. Não podemos é utilizar o conhecimento que os alunos têm sobre determinada mídia e tomar isso como “muleta” para que o professor não venha a se apropriar dos conhecimentos técnicos da mídia utilizada em suas aulas, como podemos perceber na seguinte fala:

*Técnica não existe porque eu não sei dizer, eu faço o seguinte eu quero isso assim, assim e assim. Aí você tem dúvida? A internet. Ah eu não sei escrever essa palavra, o dicionário tá aqui, pegue, vá pesquisar a palavra. Eu não sei Professor, você vai pra internet, pesquisa, fique à vontade, agora tal dia eu quero pronto, aí eles trazem, tem uns que não traz não.*  
(PROFESSOR 10)

Na verdade há riqueza em estar aberto para aprender com o aluno e no caminho do conhecimento crescerem juntos.

Belloni (2009b), baseada nas palavras de Len Masterman (1993), cita alguns motivos para pensarmos em abordar a educação midiática em nossas escolas alertando que a

sociedade tem consumido cada vez mais as mídias ao ponto de fazê-lo até inconscientemente devido a grande saturação de acesso a esses recursos tecnológicos. A publicidade, por exemplo, trouxe com mais ênfase a importância ideológica das mídias sendo utilizada para lhe convencer a comprar algo, seja um objeto ou uma ideia, o que culminou no aparecimento de um novo setor nas instituições sociais a “gestão da informação”.

Nesse sentido, é necessário termos consciência da importância do avanço tecnológico na vida humana, tomando para si a criticidade do uso desses recursos e da leitura das mensagens que eles carregam. Toda mensagem possui a intencionalidade de quem a emite. Esta é a ideia base que está presente nas finalidades daqueles que se comunicam, para que assim possam pensar e decidir sobre seu próprio pensamento e sobre a intencionalidade do outro. Pensar SOBRE AS MÍDIAS vai além de entender tecnicamente como elas funcionam (manusear um celular, tablet, aplicativo etc.). Pensar SOBRE AS MÍDIAS tem uma conotação muito mais ideológica do que instrumental.

Os posicionamentos dos professores refletem a consciência de que as tecnologias presentes no cotidiano não desaparecem em sala de aula, pelo contrário, impõem o desafio de serem utilizadas de modo mais crítico.

*O que eu pude observar foi essa evolução da tecnologia e eu acho que a gente tem que ter só um pouquinho de cuidado. Com relação à sala de aula, ela tem um lado positivo na vida. Como é que poderíamos utilizar em sala de aula (a exemplo do acesso à internet) porque às vezes se torna viciante para o aluno tem uns que realmente é difícil mesmo não consegue deixar de olhar um minuto a gente fica pedindo para guardar, essas coisas todas (PROFESSOR 4).*

*Assim na minha cabeça hoje, o grande desafio enquanto escola é trabalhar melhor, por exemplo, a questão do celular ele pode ser altamente interessante para gente porque os alunos gostam, mas eles não podem estar o tempo inteiro com o celular. Eu acho que descobrir esse meio termo é o grande lance, né? (PROFESSOR 6).*

Nesse sentido, a hipótese de que os professores não compreendem a necessidade de se “pensar sobre as mídias”, de modo a percebê-las como meio parcial, se concretiza como real, visto que não há percepção dos recursos tecnológicos com o propósito de apropriação para autonomia da prática cidadã.

A AGP2 foi pensada para abordar o papel do professor quanto ao uso das mídias em sala de aula, como ele se vê nesse processo e investigar como tem utilizado esses recursos no trabalho e na vida pessoal, a fim de aferir como eles se expressam e se conseguem, ou não,

aplicar isso em sua prática educativa. A atividade foi conduzida através da dinâmica da batata quente, em que os participantes passaram uma caixa com afirmações de Belloni (2009b) sobre os desafios encontrados pelos professores para o ensino da mídia, uns para os outros, até que o coordenador batesse palmas, quem estava com a caixa nas mãos retirava a proposição lia em voz alta e comentava concordando, discordando e argumentando, podendo ser complementado pelos demais.

De acordo com a autora, existe hoje uma convergência dos paradigmas presenciais e a distância e há transformações no fazer do professor, que necessita ser coletivo e multicompetente, e do estudante, que necessita ser autônomo. Com essas habilidades, os participantes reconhecem a necessidade de estarem sempre abertos a novas aprendizagens para que assim possam estar atualizados como o modo de ser que se exige ao ensino da mídia, porém afirmam que para isso é necessário investimento em formação continuada, e que esse investimento deve sair principalmente da empresa que lhe contrata, nesse caso específico da Secretaria Estadual de Educação, por meio do governo Estadual do Rio Grande do Norte. Porém, as formações continuadas oferecidas pelo órgão são escassas, enquanto as exigências para que os professores sejam cada vez mais dotados de novas competências são altas. Além desse fator, os investimentos em infraestrutura, manutenção, aquisição de novos equipamentos, materiais de apoio pedagógico, principalmente tecnológico, são muito baixos e não suprem as necessidades básicas da escola, sendo a situação tecnológica da instituição em que esta pesquisa está sendo realizada privilegiada, ainda assim, no quesito manutenção, praticamente não se tem apoio.

Existe uma inquietação quanto à atualização do *fazer* do professor, ao mesmo tempo em que reconhecem essa necessidade, sentem-se desvalorizados no sentido de não se sentirem supridos em programas de formação continuada, advindos da secretaria de educação do estado.

*Sugere que a gente seja assim, não disse como é que o professor vai dominar isso, como é que o professor vai conseguir enxergar isso, de tal maneira que ele possa fazer o aluno perceber, que ele possa pegar tudo isso e produzir conhecimento, dizer que isso é papel do professor pode até dizer, mas daí para a prática não é muito simples (PROFESSOR 13).*

A autonomia sendo uma habilidade a ser alcançada pelo aluno trouxe opiniões convergentes no sentido de que para os professores autonomia é algo muito distante da realidade dos seus alunos. Isto porque eles confundem o significado de autonomia com a

visão desvirtuada de autodidaxia e com autodidatismo. Adotamos em nossa pesquisa a definição de Freire (1996, p. 107), na qual autonomia seria um processo de amadurecimento que deve acontecer durante toda a vida no intuito de provocar o indivíduo a tomar decisões desde as mais simples do dia a dia, até as mais complexas, capazes de mudar a sua realidade. Para ele, “A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser”. Enquanto o autodidatismo, segundo o dicionário, é a pessoa que aprendeu alguma coisa sozinha, por si mesma, sem a ajuda de um professor, mentor ou instrutor. Segundo Belloni (2008), autodidaxia se refere às novas formas de aprender através de uma apropriação espontânea do avanço técnico.

*Mas assim, se a gente trazer esse contexto de autonomia para dentro da escola, a gente sabe que é algo necessário, mas, é algo muito distante... Dentro do chão da escola é muito difícil, porque a gente tá dentro de sala de aula corpo a corpo com esse menino e temos dificuldade agora o que desejamos é essa autonomia (PROFESSOR 6).*

O professor enxerga a autonomia como algo difícil de construir, que depende muito mais do aluno do que dele mesmo, não compreende que é um processo formativo, e deve ocorrer em sincronia com o ato de ensinar. Afinal, não ensinamos para que o aluno aprenda o conteúdo, mas que tenha capacidade de refletir sobre ele e apropriar-se para a vida.

*É porque assim, como nós estávamos falando antes sobre o processo de mudança em relação às novas tecnologias, nós estamos passando por diversos processos de mudanças, estamos do meio de uma mudança muito significativa na sociedade em relação à educação, principalmente também por causa da evolução das tecnologias antigas para chegada de novas tecnologias, e de uma mudança na forma das próprias pessoas pensarem, de raciocinarem. Muitas pessoas hoje veem a educação de uma maneira diferente. O autodidatismo está se tornando um fenômeno cada vez mais constante, tá deixando até de ser fenômeno, para ser uma coisa natural (PROFESSOR 12).*

*O contraponto dessa história é que (concordo plenamente com planejamento pedagógico tudo isso dá certo) continuamos dependendo do compromisso do aluno, e eles estão cada vez menos comprometidos. Então, essa cultura do “autodidatismo”, essa cultura deles serem estimulados a estudarem sozinhos, precisa de um compromisso muito forte que a família não nos apoia nesse ponto. Eles estão pensando como batata, e é muito difícil ensinar uma batata a fazer alguma coisa. Então, vai partir da nossa geração atuar na sala de aula, conduzir esses meninos tão pequeninos ainda, a aprender a ficar sentado, aprender a ler sozinho, aprender a compreender o que está lendo, e aprender a pedir ajuda porque, muito deles muitas vezes ficam “aí eu não vou pedir ajudar*

*não, porque eu tenho vergonha”, isso ele tem que trabalhar sozinho. Você não pode ter esse tipo de comportamento! Então, eu acho que estamos no momento atual no processo de mudança, vai chegar lá, vai chegar lá e você vai achar que é um fundo negro (PROFESSOR 5).*

Os professores cometem um equívoco comum, em que se culpa o aluno por seu fracasso educacional, ao invés do processo de ensino. Para eles o aluno autônomo é aquele capaz de estudar sozinho o que lhes é apresentado na sala de aula e realizar as tarefas solicitadas. Uma visão mais preocupada com o desejo da postura do “bom aluno”, aquele que obedece sem questionar. Esses posicionamentos demonstram o quanto precisamos avançar quanto a estarmos preparados para auxiliar os nossos alunos a desenvolverem sua autonomia, a qual não se reduz à capacidade de estudar sozinho, mas de pensar criticamente sobre o que estuda. É necessário enxergar-se como agente motivador do desenvolvimento de um sujeito crítico frente aos desafios que serão enfrentados na aprendizagem de seus alunos em sala de aula e para a vida.

A segunda afirmação sorteada foi a de que para o ensino da mídia é necessário um professor que compreenda a importância de mediatizar o processo de ensino-aprendizagem, analisando e aproveitando ao máximo as potencialidades comunicacionais e pedagógicas dos recursos midiáticos disponíveis. A partir disso, criar ou aproveitar materiais estratégicos que auxiliem o processo de ensino, no intuito de estimular uma aprendizagem ativa. Para isso é necessário uma formação continuada que proponha o exercício da atuação dos professores como comunicadores dialógicos, mediadores, tutores no processo de aprendizagem, em que a tecnologia seja utilizada como um meio para se atingir um objetivo de aprendizagem e não como um fim em si mesmo. Essa é uma lacuna existente desde as próprias instituições formadoras como as universidades, que passaram muito tempo sem contemplar as TDIC como área a ser apreendida para exercício no ensino aprendizagem. Ainda hoje é muito pequena a porcentagem de tempo que algumas universidades dedicam a este fim, quando dedicam. Também é necessário que a gestão escolar visualize esta lacuna e dialogue sobre a necessidade desse processo formativo e proporcione oportunidades neste sentido.

Relativo a essa afirmação os sujeitos da pesquisa concordam que é necessário aproveitar os recursos multimídia existentes na escola e testar novas formas de uso para propor uma aprendizagem ativa, mas não sabem como fazê-lo. Até mesmo o aluno foi apontado como um ponto de dificuldade no que se refere à aplicação de novas práticas pedagógicas com recursos multimídia. Isso significa que, mesmo sendo “nativos digitais”,

eles também precisam muitas vezes passar pelo processo de alfabetização tecnológica para se apropriarem da técnica de um determinado recurso.

*[...] quando você vem, aí vídeo, vamos fazer um vídeo disso, daquilo lá, usar app “ah, professora, não passa um trabalho para gente escrever”. Então essa falta de vontade dos alunos às vezes também desestimula a gente, né, esse ano eu tô querendo aprender, para trabalhar com podcast, que é uma coisa que eu nunca ouvi falar e lá na formação a gente aprendeu, só que eu esbarro na dificuldade técnica, primeiro, que eu nunca fiz, eu não conhecia, eu tô na fase de ouvir e entender a linguagem como é que é, e depois vou tentar baixar algum aplicativo para ver como que se grava. Lá na formação disseram assim: “não mais é que a gente não sabe, mas os alunos todos ouvem”, mas eu já andei fazendo uma pesquisa e eles não sabem nem o que é, então, para passar para eles, primeiro eu tenho que dominar aquilo, não posso chegar para eles e dizer: “se vire, e faça aí” se nem eu mesma sei fazer. Então assim, precisa realmente pra gente aproveitar tudo isso, a gente precisa de uma formação né, pra entender o que é, e poder passar. (PROFESSOR 1).*

É bem verdade que os alunos da escola pública possam não estar familiarizados com alguns tipos de recursos multimídia, porém pela natureza da sua geração, eles terão facilidade em aprender o novo, e sua imersão diária na linguagem multimídia acabará por naturalizar o uso instrumental do recurso. A maior dificuldade que os alunos enfrentarão é desenvolver um pensamento crítico que perpassará o uso da tecnologia. Esse grande desafio deve ser enfrentado primeiramente pelos professores, que só conseguirão levar seus alunos a esse caminho quando sentirem-se aptos a planejar aulas que provoquem ações reflexivas.

Assim como a alfabetização passa a ser um direito do cidadão na modernidade e corresponde à difusão da imprensa, a formação do cidadão do século XXI deve incluir necessariamente, uma “alfabetização técnica”, e ir além dela, buscando a formação integral, que abrange tanto os aspectos técnicos das “regras da arte” de cada suporte tecnológico, incluindo o conhecimento de suas potencialidades pedagógicas (BELLONI, 2002, p. 34).

Outros grandes desafios alertados por Belloni (2009b) são salas de aula numerosas, alunos que passam mais tempo estudando no ensino básico e que continuam sua formação ao longo da vida. Os professores, sujeitos da pesquisa, confirmam essas demandas e sentem bastante dificuldade de administrar essa realidade e proporcionar a seus alunos melhores oportunidades de aprendizagem. A maioria dos professores precisa cumprir uma carga horária excessiva e possuem uma “clientela” muito numerosa para dar conta de uma aprendizagem significativa. Trabalhos burocráticos como averiguar frequência, corrigir

atividades, ter de ocupar muito tempo da aula copiando conteúdos, poderiam ser otimizados, por Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), como o Sistema Integrado de Gestão da Informação (SIGEDUC), disponível on-line para toda a Rede Estadual de Ensino, mas muitas vezes por não terem domínio técnico do sistema, ele é visto como complicado demais, e acaba sendo desconsiderado pelos professores da rede.

Nesse sentido, a alfabetização tecnológica, mesmo no seu nível instrumental, pode auxiliar no processo educativo através da otimização do trabalho burocrático e o que pode proporcionar mais tempo para que o professor invista no teor crítico-pedagógico do ensino. Só o encontro presencial em sala de aula não tem sido suficiente para tratar da formação global do aluno. Por isso o ensino híbrido, que utiliza estratégias e metodologias do ensino presencial e aquele realizado a distância estão se tornando cada dia mais palpáveis. Sendo assim, é urgente a necessidade das instituições de ensino compreenderem a importância de formação continuada dos profissionais da educação para a alfabetização tecnológica.

Continuando sua série de alertas sobre os desafios a serem enfrentados pelos profissionais da educação para o ensino das mídias, Belloni (2009b) exemplifica que é necessário a interação com a tecnologia de modo criativo, inteligente e distanciado, no sentido de se compreender o modus de funcionamento da mídia para que assim se possa intervir com ela, promovendo a autonomia frente ao consumo e produção de conteúdo, tanto pelo professor quanto pelo aluno.

Quanto a isso, os professores refletiram que não se apropriaram dessa linguagem midiática nem do conhecimento tecnológico, tendo o medo como justificativa, mas que apesar disso tentaram desafiar seus alunos. A falta de conhecimento da linguagem midiática leva o professor a se sentir inseguro na relação junto ao aluno para produção crítica de conteúdo. Os participantes reconhecem que a Base Nacional Comum Curricular - BNCC sugere que o papel de conduzir o aluno à criticidade do discurso midiático é deles. Mas, para eles, a BNCC não indica o caminho de como fazer isso e, mais uma vez, aponta a formação continuada como algo necessário. Reconhecem que devem estar na condição de exploradores, de descobridores, acreditando que para produzir conteúdo é preciso ter domínio técnico e que para ensinar a produzir conteúdo é necessário muita segurança desse domínio. Para nossos participantes, esse é um processo muito difícil. Pouco tempo de planejamento, pouco investimento em formação docente, pouco tempo de aula para executar o que foi planejado e baixas condições de acesso à rede de internet. Afirmam que para

enfrentar tudo isso é necessário repensar a infraestrutura da escola, os equipamentos e materiais para uso em sala de aula e a carga horária de aulas.

*Eu acho assim, se apropriar do conhecimento é tão importante quanto produzir conhecimento, temos um mero consumidor, nos desafiaria criar as condições para que isso aconteça, as condições técnicas, as condições do tempo. O professor fica muito em sala de aula e ele é encarado assim, como professor de sala de aula. Falta tempo pro professor pensar, planejar e executar tudo isso. Enquanto no Brasil não se mudar a esse modelo, esse paradigma, nós não vamos sair do lugar. Porque tá tudo aí, o desafio está posto, isso é imprescindível, esse avanço, a gente tem que enfrentar isso, mas é preciso repensar a estrutura, o layout da sala de aula, a estrutura de horários, tudo isso é fase para que isso aconteça realmente, na minha opinião (PROFESSOR 14).*

Mesmo sentindo dificuldade em conduzir os alunos no caminho da sua formação, os professores têm testemunhado muitos conseguirem dar continuidade aos estudos na educação formal após o ensino básico.

*Porque assim, por trabalharmos com ensino médio e fundamental, eu acho que a gente está focando muito só nesse ponto. Mas o ensino ele vai para além das fronteiras acadêmicas, o ensino também é dentro de casa. O ensino formal, estudo das ciências, é na escola, é em cursos de aprimoramento pessoal como, por exemplo, o curso de idiomas, que você faz curso de informática, outros cursos de aprimoramento, pós-graduação, mestrado, tudo isso conta como tempo de formação, como tempo de estudo ao longo da vida. Hoje em dia é muito comum uma pessoa formada, ter mais de uma especialização, mais de uma pós-graduação. Tem gente que fez mestrado, já tá fazendo o mestrado pensando no doutorado, então isso não era acessível para uma grande parcela da população que existe hoje, isso não era acessível para essa população, eu não gosto de usar essa palavra porque é muito modinha, mas enfim, isso era muito elitizado, e hoje você tem pessoas muito comuns que não fazem parte da elite, mas, que tem acesso largo a essa formação educacional. Então, quando se fala de formação ao longo da vida eu entendo isso, não apenas no ensino fundamental ou médio, mas além dessas fronteiras (PROFESSOR 12)*

*Hoje a gente tem essa parte aí da graduação, os alunos mesmo do CAL, inúmeros, que encontro, “Professora tô fazendo biologia, tô fazendo isso, tô fazendo aquilo”, que há alguns anos a gente num encontrava, né? Até os alunos do noturno que era bem fechado, era um que saía pra uma universidade. Aí tem aluno fazendo educação física, tem aluno fazendo gastronomia, muitos alunos que eu vejo (PROFESSOR 15).*

A aprendizagem é algo com o que convivemos ao longo de toda a nossa vida, frequentamos a escola básica por no mínimo dezoito anos, nossa interação com outras pessoas nos traz aprendizagens etc. A pergunta-chave é: Como essa aprendizagem tem

influência em minha atuação na sociedade e como professora sou capaz de dar aos meus alunos instrumentos que propiciem criticidade nesse percurso?

Para observar como os professores têm utilizado os recursos tecnológicos disponíveis na escola e se eles fazem uso dessas mesmas tecnologias em sala de aula, foi perguntado sobre que tipo de mídia costumavam utilizar e o que costumavam comunicar; bem como se já utilizaram esses recursos em sua prática educativa. As respostas geraram o seguinte resultado:

Ilustração 4 – Recursos tecnológicos utilizados no cotidiano dos professores



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os participantes indicaram que usavam as redes sociais como fim de conversas informais ou como fim de trabalho e estudo. As redes sociais também foram citadas como um lugar onde se busca informação, onde se mantêm atualizados através de notícias. No nosso dia a dia utilizamos essas mídias quase que automaticamente, elas às vezes até têm ocupado bastante nosso tempo e atenção, nos distraindo, e impedindo momentos mais produtivos com nós mesmos. Somos capazes de enviar mensagens uns aos outros, observar as postagens dos nossos conhecidos, perseguir likes. Podemos até ler e compartilhar notícias, às vezes, falsas. Tudo isso retrata o uso instrumental e sem criticidade das plataformas

mediáticas. Como instrumentos na prática educativa os professores afirmaram utilizar redes sociais como WhatsApp e Facebook, para direcionamentos de aula, ou postagem referentes a trabalhos desenvolvidos com os alunos, ou ainda utilização de plataformas educacionais para consulta ou produção de algum conteúdo on-line. Também foram citadas plataformas colaborativas como Padlet<sup>15</sup> e Mentimeter<sup>16</sup>. Porém, o professor as utiliza na instituição particular em que trabalha e não na escola do estado, por falta de internet nas salas de aula.

Consideramos que os sujeitos da pesquisa começam a arriscar o uso desses recursos em sua prática, mas falta-lhes a consciência da dimensão ideológica e domínio de suas linguagens, necessário para conseguir intervir socialmente e explorar suas potencialidades pedagógicas. Os professores reconhecem a importância do seu papel no ensino com as mídias, mas não possuem habilidades para fazê-lo com autonomia e criticidade. Nesse sentido, não utilizam as mídias de modo a se expressar e produzir sua existência. Estão à espera de iniciativa externa que lhes proponha formação continuada para as mídias. Não se reconhecem como capazes de autodidatismo. Acabam por continuar desenvolvendo uma prática de ensino acrítica em relação ao uso das TDIC, não atuando, neste âmbito, nem sobre a sociedade, nem sobre a escola.

A terceira hipótese da nossa pesquisa se baseia na ideia de que é necessária experimentação e apropriação da forma instrumental e metodológica dos recursos multimídia, e também numa reflexão sobre a relação que os professores têm com o aparato tecnológico. Escolhemos a linguagem audiovisual como recorte para essa análise, isto porque a solicitação de produção de vídeos tem sido realizada constantemente aos alunos como fim para a apresentação de um conteúdo. Sendo assim, os professores realizaram a tarefa de analisar e comentar acerca do que consideram como competências técnicas e pedagógicas em dois exemplos de vídeos feitos por alunos e que haviam sido postados na página de Facebook da escola para socialização (AGP IV).

Os vídeos analisados foram produzidos por alunos do 1ª (Civilização Inca) e 2ª (Cordel) séries do Ensino Médio, sob orientação do professor de História. Após assistirem aos dois vídeos, os professores sintetizaram que competências técnicas são aquelas que levam

---

<sup>15</sup> É um site para a criação de murais, que podem ser elaborados coletivamente através do compartilhamento de fotos, links, textos e outros conteúdos. É utilizado como auxílio do desenvolvimento de conversas criativas multimídia e *brainstorming*.

<sup>16</sup> O Mentimeter é um recurso digital para criar interações em tempo real, como enquetes, nuvem de palavras ou coleta de perguntas.

em consideração os aspectos da linguagem audiovisual como cuidados com a captação de áudio, de fotografia, a edição, o formato de apresentação etc.

*A gente viu que essa técnica é a questão do áudio da filmagem, da luz, de escolher um local apropriado para filmagem mais essa parte mesmo (PROFESSOR 1).*

Aqui se revela uma despreocupação na orientação dos alunos quanto a características técnicas básicas que devem ser levadas em consideração na produção audiovisual, o professor está preocupado com a apreensão do conteúdo.

*Só em o aluno está reunido, discutindo aquele assunto, para mim já é fantástico, por exemplo, agora mesmo eu tô com desafio, todos os alunos vão fazer teatro. Minha prova vai ser um teatro, já defini para eles conteúdo da segunda guerra mundial de acordo com a sala, então os grupos já estão trabalhando. Já foi definido, eles vão lá, eu vou ver como é que tá, vou acompanhar aquela coisa toda. No vídeo, eu dou pra ele o tema, aí eles saem, vão pra pesquisa, voltam para mim, eu vejo se tá bom, e se não tá bom eu mando “esse negócio tá errado” eles se danam porque boto lá “isso aqui tá errado”, então você tem que refazer. Eu acho que só isso para mim já é o suficiente, construir não é fácil, sem falar que eu amo demais quando eles brigam. Brigam para fazer uma peça (PROFESSOR 10).*

Mesmo sendo a apreensão do conteúdo uma parte primordial do processo de aprendizagem, o respeito à técnica do audiovisual revela a capacidade de realizar uma leitura mais aprofundada da linguagem, visto que existem diversos formatos de vídeo, cada um com intencionalidades específicas, precisamos saber quando e como utilizar, formatos jornalísticos, humorísticos, ficcionais, de documentário etc. Isso enriquece a maneira de enxergar as diversas formas de linguagem midiática, trazendo uma aplicabilidade para a vida, o que corrobora com o que os professores definiram como competência pedagógica:

*A preparação do que vai ser dito, o conteúdo que vai ser abordado, a forma como é abordado, a necessidade do que vai ser exposto pelo aluno, todo conteúdo, como vai ser exposto, qual tipo de filmagem e de vídeo, se é apenas a exposição ou se é uma entrevista ou se é uma música ou um show, né (PROFESSOR 8).*

Pensar pedagogicamente um recurso multimídia é levar em conta suas características técnicas, seu modus de funcionamento social e ser capaz de pensar em como utilizar-se desse recurso influenciando e contribuindo socialmente. Para Belloni (2002), na educação essa

dimensão tem sido ignorada, reduzindo os meios a seus aspectos meramente instrumentais, como se fossem ferramentas neutras e não meios produtores de significados. É necessário quebrar esse paradigma para que assim possamos de fato aprender a decodificar as linguagens midiáticas, e através do exercício prático exercitar uma produção crítica. Para a autora (2009), a dimensão “ferramenta pedagógica” diz respeito a seu uso em situações de aprendizagem, isto é, à integração aos processos educacionais.

Através da AGP V buscamos observar em uma atividade de planejamento de aula-relâmpago com TDIC como os professores utilizariam os seguintes recursos multimídia disponíveis: uma câmera filmadora, um gravador e cinco computadores com acesso à internet. Os planos de aula apresentados reforçam ainda mais o uso instrumental desses recursos:

*Na disciplina de História, levaria o gravador para gravar a participação deles de maneira espontânea para eles dizerem o que aprenderam do conteúdo. Os computadores para pesquisar as aulas e dinamizar (PROFESSOR 10).*

*Pesquisar sobre cinco países de Língua Inglesa e produzir um vídeo falando sobre a história, população, área, cultura e pontos turísticos. Com o gravador pedir pra gravar uma música típica do país (PROFESSOR 8).*

*Criaria ilhas para discussões com um computador em cada ilha para divulgar a discussões no Padlet. Usaria também um datashow para projetar o Padlet e faria a filmagem das discussões (PROFESSOR 13).*

*Dividiria a sala em grupo. Distribuiria uma tarefa para cada grupo utilizando a internet. Socializava o trabalho de todos para o grande grupo. Escolheria um aluno para gravar e outro para filmar (PROFESSOR 18).*

Qual é o objetivo de gravar a fala dos estudantes, de gravar um vídeo ou a música típica de um país? Quando cita os computadores para pesquisa não descreve se haverá uma orientação acerca de filtragem de conteúdo, acreditando que só pelo fato de os alunos usarem o computador já dinamizaria a aula. Outros planejamentos pensaram os recursos como meio para aprender um conteúdo.

*Solicitaria que elaborassem um vídeo sobre doenças tropicais utilizando uma câmera filmadora. Com os computadores pesquisariam sobre as causas, agente causador, sintomas, tratamento e prevenção das doenças. E com o gravador fizessem uma entrevista com um profissional da área de saúde, falando sobre o assunto (PROFESSOR 16).*

*Para a disciplina de ensino religioso utilizaria para reproduzir um debate sobre intolerância religiosa, gravando as falas, fazendo pesquisas de casos e por fim filmando um teatro encenado com um caso de intolerância religiosa (PROFESSOR 17).*

*Passaria uma pesquisa sobre determinado assunto e pediria que os alunos elaborassem um vídeo explicando o que eles entenderam sobre o assunto. O trabalho poderia ser apresentado em forma de entrevista, documentário, teatrinho etc. (PROFESSOR 15).*

Apenas em um caso houve preocupação em exercer uma influência social com a produção midiática que seria feita pelos alunos, através de um compartilhamento em redes sociais. Nesse plano os alunos realizariam atividades diversificadas que os colocaria em movimento. No entanto, é preciso levar em consideração que o plano aborda pelo menos três formas de linguagens midiáticas (podcast, audiovisual, textos para redes sociais). Sendo assim, é necessário orientar os alunos acerca de cada uma delas.

*Dividiria a turma em grupos. Cada grupo ficaria responsável pela apresentação de trabalhos com temáticas estabelecidas previamente pelo professor. As apresentações devem ser dinâmicas e até interativas se quiserem, desde que fujam do formato convencional. Todas as apresentações seriam filmadas. Pelo menos um grupo apresentaria uma forma de debate em mesa redonda, que seria não apenas filmado, mas gravado em áudio para ser transformado em podcast. Nos computadores, os arquivos seriam editados e publicados nas redes sociais da escola (PROFESSOR 1).*

Analisando os resultados dessa atividade (AGP V), percebemos que é necessário estimular os professores a novas práticas de ensino, em que as TDIC sejam vistas em uma posição de meio para se atingir um fim, sendo este o objetivo de aprendizagem. O recurso não deve ser utilizado sem um objetivo potencializador do processo de ensino e aprendizagem. Como recurso pedagógico, ele precisa estar integrado ao planejamento de aula como um facilitador da construção de novos conhecimentos, levando em consideração sua identidade ideológica e sua linguagem específica, podendo assim promover inovação<sup>17</sup> nessa forma de ensinar, assim como promover socialização, expressão, reflexão sobre a realidade e sobre como mudá-la.

---

<sup>17</sup> A palavra inovação relaciona-se ao ato de inovar, ao ato de fazer algo novo (FUCK; VILHA, 2012). Portanto, inovação está muito mais relacionada à mudança de postura pedagógica do que propriamente de utilizar novos recursos tecnológicos.

Finalizamos aqui o grupo focal, os dados levantados nessa dinâmica nos deram a direção para o desenvolvimento dos roteiros dos vídeos tutoriais voltados à formação de professores em mída-educação. Esses roteiros podem ser encontrados nos Apêndices G, H, I e J desta dissertação e serão abordados com detalhes no Tópico Design Instrucional. Porém, mais alguns dados foram importantes para delinear os encontros de formação, o levantamento dos recursos multimídia disponíveis na escola e como estavam sendo utilizados. Esses resultados estarão presentes no tópico a seguir.

### 3.2 ALFABETIZAÇÃO TECNOLÓGICA NA ERA DIGITAL

Podemos utilizar tecnicamente os diversos recursos multimídia que temos à mão, sabemos como ligar, desligar, encaminhar uma mensagem, ouvir um áudio, editar um vídeo ou uma foto, isso é importante. Porém, precisamos ir além do uso instrumental, se quisermos entrar no campo crítico necessário ao entendimento do que existe além do que é produzido e reproduzido pelos meios midiáticos. Essas habilidades estão ligadas à alfabetização tecnológica. O que ensinamos deve servir para a prática do contexto que vivenciamos. Quando alunos passamos por situações em que pensamos: *“Por que temos que aprender sobre determinado assunto?”* ou: *“Para que ele vai servir na minha vida?”*. Esses questionamentos precisam ser levados em consideração se quisermos ensinar para a vida e não para a acumulação de conteúdos descontextualizados. Da mesma forma se quisermos ensinar por meio de mídias, precisamos ser capazes de refletir sobre sua linguagem e utilização para que possamos transformar nossas condições de vida na sociedade, de modo a torná-las mais justas.

Este tipo de trabalho será facilitado na medida em que o professor dominar o saber relativo às tecnologias, tanto em termos de valoração e conscientização de sua utilização (ou seja, por que e para que utilizá-la), quanto em termos de conhecimentos técnicos (ou seja, como utilizá-la de acordo com as suas características) e de conhecimento pedagógico (ou seja, como integrá-las ao processo educativo) (SAMPAIO; LEITE, 2004, n.p.)

Para adquirir essas habilidades é preciso reconhecer a necessidade de uma alfabetização tecnológica, pois é através da capacidade de decifrar o código midiático em sua esfera técnica e ideológica que conseguiremos pensar conscientemente sobre o papel

pedagógico que um professor pode desenvolver a partir de um recurso multimídia. Nesse sentido,

O conceito de alfabetização tecnológica do professor envolve o domínio contínuo e crescente das tecnologias que estão na escola e na sociedade, mediante o relacionamento crítico com elas. Este domínio se traduz em uma percepção global do papel das tecnologias na organização do mundo atual e na capacidade do/a professor/a em lidar com as diversas tecnologias, interpretando as linguagens e criando novas formas de expressão, além de distinguir como, quando e por que são importantes e devem ser utilizadas no processo educativo (SAMPAIO; LEITE, 1999 apud LEITE, 2004, on-line).

O multifacetado mundo da linguagem midiática e a variedade de tecnologias digitais que se apresentam constantemente podem assustar, mas a ideia é a mesma de quando começamos a nos apropriar da língua escrita. Começamos pelas letras, depois vêm as sílabas, as palavras, as frases e, por fim, as várias tipologias textuais. Sendo assim, a alfabetização tecnológica também trata da apropriação do código midiático que carrega ideologias, visões de mundo [...]. Sampaio e Leite (2011), fazendo essa comparação da alfabetização tecnológica com a alfabetização escrita, afirmam que em ambas existe um condicionamento para a decodificação e a interpretação dos signos escritos dentro de um determinado contexto, o que podemos entender como letramento<sup>18</sup>.

Alfabetização tecnológica e letramento são, portanto, indissociáveis. Tendo como finalidade construir no indivíduo a postura de cidadão crítico e reflexivo, através da capacidade de interpretar as mensagens escritas e subentendidas que podem existir no uso da Língua Portuguesa. Precisamos aprender a ler os meios, assim como aprendemos a ler o código escrito e seus diferentes gêneros literários.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989. n.p.).

Para desenvolver a apropriação sobre as TDIC, é necessário um processo primeiro de alfabetização tecnológica, que envolve a decodificação da técnica e interpretação das tecnologias e suas linguagens, sendo a escola um dos principais espaços, senão o meio

---

<sup>18</sup> Iremos discutir com mais profundidade o letramento digital no próximo tópico (3.4).

primordial, para o desenvolvimento dessas competências. Sendo assim, o processo de formação continuada de professores se torna condição *sine qua non* para que sejam alfabetizados tecnologicamente, e assim possam mediar através de suas práticas a educação para as mídias.

A alfabetização deve ser compreendida como uma etapa obrigatória para o desenvolvimento de uma prática que utilize TDIC como um meio para o ensino, para o desenvolvimento de processo educativo contextualizado, considerando que a educação contribui para a liberdade do indivíduo, tal como explica Freire (1983, p. 52):

Neste processo histórico-cultural dinâmico, uma geração encontra uma realidade objetiva marcada por outra geração e recebe, igualmente, através desta, as marcas da realidade. Todo esforço no sentido da manipulação do homem para que se adapte a esta realidade, além de ser cientificamente absurdo, visto que a adaptação sugere a existência de uma realidade acabada, estática e não se criando, significa ainda subtrair do homem a sua possibilidade e o seu direito de transformar o mundo. A educação que, para ser verdadeiramente humanista, tem que ser libertadora, não pode, portanto, caminhar neste sentido. Uma de suas preocupações básicas, pelo contrário, deve ser o aprofundamento da tomada de consciência que se opera nos homens enquanto agem, enquanto trabalham.

A alfabetização tecnológica como um dos primeiros passos na sociedade midiática para a promoção de uma educação libertadora segue os mesmos princípios da alfabetização do código linguístico, e requer do professor a compreensão e a interpretação da linguagem midiática, assim como as formas de operar suas técnicas. De acordo com Sampaio e Leite (2011, p. 74), a tecnologia precisa estar presente nas escolas para:

a) diversificar as formas de atingir os conhecimentos; b) ser estudadas, como objeto e como meio de se chegar ao conhecimento, já que trazem embutidas em si mensagens e um papel social importante; c) permitir ao aluno, através da utilização da diversidade de meios, familiarizar-se com a gama de tecnologias existentes na sociedade; d) serem desmistificadas e democratizadas.

Ou seja, através das TDIC podemos nos utilizar de diversas formas de acesso a informações por meio da internet, ou mesmo de práticas off-line. Inicialmente é necessário refletir sobre os motivos de utilizar um determinado recurso. Para trabalhar com os alunos notícias da comunidade escolar, por exemplo, eles poderiam produzir um jornal impresso, uma mídia que supriria os objetivos de aprendizagem, dentre eles o desenvolvimento de um ambiente de interação e compartilhamento sobre o que acontece na escola e na comunidade

em que ela está inserida. Mas para a produção da mídia jornal, é necessário compreender o funcionamento de um jornal, a escolha das temáticas, o processo de edição, preocupação com as características estruturais e de linguagem desse veículo de informação, pensar na quantidade de cadernos, no público-alvo, na periodicidade, nas tipologias textuais, no levantamento de informações, na pauta, na forma de organizar a equipe de desenvolvimento etc. Antes mesmo de pensar nos conteúdos que serão abordados para que assim se possa além de construir os conteúdos de aprendizagem, os alunos precisam contextualizá-los. Nesse sentido, serão capazes de reconhecer as intencionalidades de um jornal em qualquer contexto.

A alfabetização tecnológica nos leva a perceber a intencionalidade do discurso, e nos dá domínio para tomarmos decisões conscientes, objetivando o aprendizado. É um processo que precisa ocorrer junto ao letramento midiático para que assim haja transformação de informação em conhecimento desenvolvendo consumidores e produtores críticos de conteúdo. Esse domínio é necessário para acessar as potencialidades pedagógicas que existem no uso de recursos midiáticos na educação.

Uma das dificuldades encontradas por professores das escolas públicas em geral é o acesso escasso a recursos tecnológicos para serem utilizados na prática educativa. Investigamos que recursos multimídia estariam disponíveis na escola para auxílio no processo de alfabetização tecnológica dos professores e alunos. Com o resultado encontrado, desenvolvemos o infográfico que se segue.

Ilustração 5 – Infográfico de recursos multimídia disponíveis na escola



Fonte: Arquivos da pesquisa.

Através desse levantamento foi possível perceber que a escola possui com uma quantidade significativa de recursos multimídia, os quais podem ser utilizados pedagogicamente para a realização de diversas atividades. A questão é como esses recursos estão sendo utilizados. Observando o Facebook da instituição descobrimos que alguns

professores solicitaram que seus alunos desenvolvessem vídeos em grupo para apresentação de trabalhos, resumos de capítulos do livro didático, documentassem uma aula de campo ou uma entrevista, utilizando a câmera filmadora e seus próprios celulares. Nesse sentido, resolvemos analisar com mais profundidade os dois vídeos produzidos pelos alunos sob orientação dos professores utilizados no grupo focal. Para essa análise aplicamos as categorias de Gomes (2008), como foi descrito nas etapas de pesquisa.

O primeiro vídeo produzido foi **Civilização Inca**, desenvolvido por alunos do primeiro ano do ensino médio, durante a disciplina de história. Na *categoria identificação*, o vídeo apresenta título, identifica componentes e turma, além do orientador; na *categoria conteúdos*, o grupo utilizou apenas as informações do livro didático adotado pela escola, o que delimitou as informações apresentadas; na *categoria imagem*, não há diversidade de planos fotográficos, nem movimentação de câmera, os alunos optaram por um formato em que o apresentador fala diretamente com o receptor de modo estático, possivelmente por falta de prática sobre outras possibilidades ou orientação. Ou ainda, reproduzindo um formato de mídia televisiva de programas jornalísticos. Não há cuidados com figurinos, iluminação ou cenário, sendo a gravação feita com os participantes muito à vontade em casa, ou na escola, retratando que também não houve preocupação com esse aspecto. Na *categoria linguagens*, a qualidade linguística não pode ser avaliada em relação ao desenvolvimento pessoal do aluno, visto que o que é falado está simplesmente sendo lido, como se fosse uma transcrição. Não se percebe espontaneidade emoções, sentimentos ou ambos. Em relação ao áudio, também não há expressividade, o vídeo traz muitos ruídos, mas se consegue ouvir com clareza o que os alunos falam, a integração da imagem com o som é suficiente, dentro do possível, já que não houve edição separada dos quesitos. O roteiro é claro, indicando que a intenção da produção foi apresentar um resumo do assunto “Civilização Inca” presente no livro didático. Não houve muitos cuidados técnicos em relação à imagem e ao áudio. O formato proposto traz traços de uma apresentação jornalística, devido à presença de um apresentador “depositando” informações ao seu público. Na *categoria proposta pedagógica*, percebe-se passividade dos sujeitos, que apenas apresentaram por meio do vídeo o que faziam em sala de aula, cada componente fez “sua parte” em separado, enviando a um editor, que montou o filme. Em relação à finalidade pedagógica da alfabetização tecnológica, fica a dúvida sobre os motivos que levaram o professor a solicitar uma produção audiovisual, qual seria a intenção dele em relação a essa produção, visto que os alunos não conseguiram deixar

claro a intenção do vídeo: informar, motivar, emocionar, exemplificar etc. Nesse sentido, fica uma lacuna no processo de integração da tecnologia utilizada ao processo educativo.

Mas uma vez, conseguimos perceber o uso meramente instrumental das TDIC. Fica clara a memorização do conteúdo e a reprodução de uma prática tradicional de ensino. A atividade não promove criticidade, nem quanto ao conteúdo, nem quanto ao uso de recursos multimídia. Isso reforça ainda mais a importância da alfabetização tecnológica para a apropriação das linguagens midiáticas.

O segundo vídeo **Cordel** é uma entrevista a uma cordelista em seu ambiente de trabalho. Na *categoria identificação* não há presença de título, autores, orientador da produção, ou qualquer forma de identificação. Na *categoria conteúdos*, percebe-se a qualidade de pesquisa, visto que os alunos tiveram de ir a campo para desenvolver seu trabalho, o conteúdo é claro, apresetando a história da cordelista Tonha Mota com esse gênero textual. A linguagem é um bate-papo baseado em uma entrevista leve, não há presença de referências em relação ao conteúdo abordado. Na *categoria linguagens*, a imagem é marcada por dois planos fotográficos, e apenas uma movimentação de câmera.

A iluminação utilizada foi a natural, o cenário foi bem pensado, enfatizando o contexto da entrevista, utilizando uma parede com xilogravura e outra com estantes de cordel ao fundo, existentes na Estação do Cordel. Em relação ao figurino, não houve cuidados, visto que a paleta de cores da camisa do entrevistador não compunha com o cenário, dando um tom descontextualizado. Em relação ao texto verbal, os alunos conseguem trazer uma sensação de proximidade com o público através da espontaneidade de ações e sentimentos. Relativo ao áudio, a captação foi feita diretamente do celular sem auxílio de microfone, o que acarretou em ruídos externos, porém, consegue-se ouvir muito bem a fala dos entrevistadores e da entrevistada. O roteiro traz uma abertura com breve identificação da entrevistada, sua história com o cordel, e termina com duas declamações de poemas da própria autora. Porém, fica a sensação de necessidade de uma despedida. Já em relação à *categoria proposta pedagógica*, podemos perceber o aluno em atividade, indo em busca de informações e trazendo a realidade vivida através de um relato de experiência.

Nesse vídeo podemos perceber um avanço do instrumental ao uso pedagógico, na medida em que o professor propôs a experiência da entrevista, o que levou os alunos a vivenciarem um momento de interação e descoberta, em que eles precisaram trabalhar em equipe e dividir responsabilidades, havendo assim uma integração entre o recurso audiovisual e o objetivo pedagógico.

A análise dos dois vídeos alerta sobre a necessidade de uma preocupação primeira do docente quanto a sua própria alfabetização tecnológica, para que assim possa mediar a aprendizagem junto aos discentes e a escolha dos instrumentos tecnológicos pensados para a sala de aula possa potencializar o processo de aprendizagem. É claro que há valor pedagógico no processo em que se dá a experiência, o que se aprendeu, o que se construiu individualmente e coletivamente, mas entender a linguagem da mídia que está sendo trabalhada inclui um conhecimento de leitura de práticas culturais de comunicação que necessitam ser apropriadas pela sociedade.

Com os dados levantados através de consulta a documentos da escola: Planilha de recursos tecnológicos do Projeto de Inovação Pedagógica ComunicaCAL (oriunda do projeto submetido ao Banco Mundial, Projeto Político-Pedagógico (Documento base norteador das práticas escolares) e acervo de produção audiovisual dos alunos (publicados na página do Facebook da instituição), chegamos aos resultados descritos até aqui. Consideramos que há um grande potencial para o desenvolvimento de práticas educativas digitais, visto que há um bom acervo na escola, e também uma predisposição dos professores para o uso dos equipamentos disponíveis. Em nosso tempo de observação das práticas dos professores com recursos digitais, pudemos observá-los utilizando junto a seus alunos computadores, tablets e projetores. O que falta é um cuidado maior com as regras da arte de cada instrumento e uma melhor integração das TDICs no processo de ensino. Fica claro aqui que uma formação de professor que leve em conta a alfabetização tecnológica irá trazer grandes contribuições para a comunidade escolar.

### 3.3 LETRAMENTO DIGITAL PARA UMA COMUNICAÇÃO DIALÓGICA

A apreensão da língua escrita é um pré-requisito para o exercício da cidadania, isto porque ela é uma das principais formas de interagirmos enquanto sociedade. A língua escrita se desenvolveu primordialmente para ampliar e aprimorar os processos de comunicação, o que nos levou a desenvolver variadas formas de representação do pensamento: carta, receita, artigo, prosa, conto etc. E com o advento da Web 2.0 várias dessas mídias passaram a interagir no mesmo ambiente, o que se costuma denominar de “convergência digital”.

Web 2.0: nova geração de ferramentas baseadas na web como blog, wix e sites de redes sociais, focadas na comunicação, no compartilhamento e na colaboração, e que, portanto, transforma usuários comuns da internet, de consumidores passivos de informação, em colaboradores ativos de uma cultura partilhada (DUDENEY; HOCKLY; PREGUM, 2017, p. 18).

Nesse sentido, ao invés de abordarmos aqui o letramento midiático, abordaremos o letramento digital, pois as mídias convergiram para esse meio. Nessa cultura partilhada, a qual se refere à citação acima, cada vez mais se tem acesso a materiais e conteúdos multimídia. Para “navegar” nas páginas web, os usuários precisam dominar minimamente essa linguagem digital formada por hiperlinks, caso contrário, ficam perdidos em meio a tanta informação e acabam por apenas reproduzir ideias, sem a devida reflexão crítica.

A alfabetização tecnológica sobre a qual se discutiu no tópico anterior, além de ser um processo indispensável aos docentes contemporâneos da cultura digital, deve ser realizada concomitantemente ao letramento digital. São dois processos indissociáveis, um é a aquisição da linguagem técnica (alfabetização) e o outro tem relação com o uso social dessa técnica (letramento) nos diferentes contextos e intencionalidades. Nesse sentido, é necessário compreender o processo de letramento como o desenvolvimento da autonomia frente às diversas situações comunicativas em que a sociedade está inserida; bem como para atender às múltiplas formas de representação e expressão do pensamento, capacitando os sujeitos a agir sobre a sociedade, transformando-a.

A multiplicidade comunicativa digital nos impõe a necessidade de *letramentos*, saber usar cada espaço virtual, dominando-o com competência, para que consigamos cumprir a função social de cada um desses espaços. Enquanto sujeitos da sociedade da informação, necessitamos buscar os letramentos necessários para as exigências socioculturais, econômicas e políticas dessa sociedade. Algumas dessas exigências são entendidas como habilidades:

[...] próprias do século 21, tais como criatividade e inovação, pensamento crítico e capacidade de resolução de problemas, colaboração e trabalho em equipe e, autonomia e flexibilidade, aprendizagem permanente. No centro desse complexo de habilidades, está a capacidade de se envolver com as tecnologias digitais, algo que exige um domínio dos letramentos digitais necessários para usar eficientemente essas tecnologias, para localizar recursos, comunicar ideias e construir colaborações que ultrapassem os limites pessoais, sociais, econômicos políticos e culturais (DUDENEY; HOCKLY; PREGUM, 2017, p. 17).

Tais habilidades são necessárias para transitar pelos diversos ambientes de representação simbólica presentes no meio digital (ambientes colaborativos on-line, blogs, redes sociais, AVAs etc.). Essas habilidades apontam para a formação de um indivíduo que pense criticamente, que atue sobre o meio em que está inserido, sendo capaz de relacionar-se e posicionar-se frente às diversas situações problematizadoras ou de convivência com o outro, sendo capaz de também aplicar esses conhecimentos nos ambientes digitais, dando respostas críticas às informações que lhe chegam. As novas tecnologias trouxeram um aumento na variedade das formas de comunicação, que precisam ser dominadas através do letramento digital. Para Dudeney, Rockly e Pregum (2017, p. 17), o letramento digital são “habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital.”

Essas são algumas características dos nativos digitais, crianças e adolescentes mais abertos ao uso de novas tecnologias, com maior facilidade técnica, ligados a uma realidade de conexão através da internet (CARVALHO, 2012). Porém, não há uma geração homogênea digitalmente, “primeiro por fatores óbvios como posição socioeconômica, nível de educação e localização geográfica, assim como fatores menos óbvios como gênero, raça, e língua” (DUDENEY; ROCKLY; PREGUN, 2017, p. 26). Esses autores nos alertam que essa geração é experiente no uso da tecnologia para entretenimento e propósitos sociais, mas ainda precisa ser orientada para o bom uso profissional e educacional.

Preocupados com os letramentos digitais, os autores categorizam quatro tipos de temas básicos que se complementam para o letramento digital que precisamos desenvolver no sentido de promover a aprendizagem dos alunos: linguagem, informação, conexões e (re)desenho. Para cada tema, eles trazem um conjunto de letramentos básicos. O tema *linguagem* traz consigo parte do universo da expressão linguística através do letramento impresso, letramento em SMS, letramento em hipertexto, letramento em multimídia, letramento em jogos, letramento móvel, letramento em codificação. Por exemplo, na linguagem audiovisual, base do Kit Tutorial de Mídia-Educação produzido nesta pesquisa, é possível identificar diversos letramentos, tais como: storytelling, draw my life, stop motion e time lapse. Esse tema leva em consideração a capacidade de desenvolver textos escritos, reconhecendo e aplicando suas normas formais e características da tipologias textuais, também a capacidade de utilizar a norma culta e a linguagem coloquial. O tema *informação* foca nos letramentos classificatórios, pesquisa, informação, filtragem. Esse tipo de letramento nos leva a refletir que toda mídia é dotada de intencionalidades, trazendo consigo

uma ideia a ser vendida através de argumentos que muitas vezes podem estar subentendidos, geralmente escondidos nos códigos e símbolos selecionados para a montagem do discurso, seja ele narrativo, visual, audiovisual, ou qualquer outro. Dessa forma, é necessário ser capaz de investigar, de não acreditar na primeira fonte, pode-se fazer isso através de pesquisa, classificando dados e determinando elementos para filtragem de informações. O tema *conexões* alerta para o letramento em rede, participativo, intercultural. Para tanto, é necessário conseguir projetar-se enquanto voz ativa, imprimindo uma identidade própria, comunicando-se de modo crítico, contribuindo e influenciando diálogos. Por fim, o tema *(re)desenho*: letramento remix, que se refere à recriação de informações, a partir de macroletramentos. Através desse letramento se alcança a habilidade de dar novo sentido a um fato comunicado. Os memes são exemplos desse tipo de letramento. O intuito de se elencar topicamente o estudo feito pelos autores é para que tenhamos a dimensão do quanto os letramentos digitais são muitos e reforçar que o que precisamos é começar e aos poucos ir adquirindo novos conhecimentos através dos *letramentos*.

No que se refere a letramentos digitais, e ao receio dos professores no uso de novas tecnologias em sua prática, buscamos refletir sobre o papel do professor e o papel do aluno. Há muito já se questiona sobre a postura do professor no ato de ensinar. A postura que se espera é a do educador dialógico. Aquele que tem como tarefa motivar os alunos na busca por conhecimentos, o que, segundo Freire (1983, s/p.), “exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade”. Nesse sentido, o educador deve assumir o papel de mediador, e se reconhecer também como aprendiz. Dessa forma, o autor compreende que o ato de educar é um ato dialógico, em que professores e alunos trocam experiências e constroem novos saberes.

Assim, a matéria-prima da educação passa a ser a comunicação, visto que o ato de educar deve ser mediado pelo diálogo horizontal, onde há troca entre os sujeitos cognoscentes. Para Freire (1983, p. 89), “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. Do contrário, estamos fadados a uma educação autoritária, que privilegia o acúmulo de informação e se torna mera reprodução de conteúdo descontextualizado. Educação em que o professor apenas transmite seus saberes para os alunos, sem que estes desenvolvam seu pensamento crítico. Nessa concepção, justifica-se a resistência em relação à inserção e ao uso de novas tecnologias na educação, que não lhe foram apresentadas durante sua formação acadêmica ou continuada, e que não admitem que

um aluno possa compartilhar com ele outros conhecimentos e assim traçarem juntos novos caminhos para o saber.

Para os professores que não tiveram esse tipo de formação, a habilidade de aprendizagem permanente é imprescindível. Ele precisa buscar conhecimento, testando e experimentando. O que pode auxiliá-lo é observar que as habilidades de uso de novas tecnologias dominadas pelos seus alunos é uma oportunidade para aprendizagem mútua. De um lado, o domínio de funcionalidade tecnológica; do outro, o domínio pedagógico e de conteúdo. Os alunos podem apresentar mais facilidade em aprender a mexer nesses equipamentos, mas os professores podem dar o direcionamento pedagógico adequado para que os alunos utilizem esses equipamentos como potenciais ferramentas de aprendizagem.

Compreender a necessidade dos letramentos digitais está intrinsecamente ligado ao entendimento da comunicação dialógica como pressuposto para a autonomia de pensamento no mundo midiaticizado e midiático. Sobre educação dialógica ou comunicação dialógica, Freire (1983, p. 87), caracteriza “[...] a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo”. Nesse sentido, ainda para o autor (1983, p. 109), “[...] A tarefa do educador, então, é a de problematizar aos educandos o conteúdo que os mediatiza, e não a de dissertar sobre ele, de dá-lo, de estendê-lo, de entregá-lo, como se se tratasse de algo já feito, elaborado, acabado, terminado”.

Sabendo que os letramentos digitais são muitos, mas para dar início podemos contar com a facilidade que os alunos possuem no manuseio das TDICs. Devemos, portanto, buscar novas experiências com o mundo midiático através da pesquisa e da experimentação, lançando mão de uma comunicação dialógica com os nativos digitais. Nesse sentido, para elaborar propostas de utilização da ilha midiática existente na escola, campo desta pesquisa, planejamos dois encontros para formação de professores em mídia-educação, buscando identificar os letramentos midiáticos a serem considerados no Kit Tutorial de Mídia-Educação.

O primeiro encontro aconteceu no dia 13 de fevereiro de 2020, durante a semana de planejamento das atividades anuais da escola. O período de férias e reinício das atividades acadêmicas trouxe muitas mudanças à equipe docente. Alguns professores se afastaram para assumir projetos na Secretaria de Educação do Estado, cursar doutorado, assumir a direção ou a vice-direção escolar, outros se aposentaram. Nesse processo, dos 21 educadores, sujeitos da pesquisa, que participaram do grupo focal, apenas 17 estiveram presentes nos demais

encontros da formação, além de novos profissionais que chegaram à escola e, por solicitação da direção escolar, assistiram ao encontro.

Ilustração 6 – Primeiro encontro para a formação de professores



Fonte: Acervo da autora.

Nosso primeiro encontro de formação em educação para as mídias tinha como objetivo abordar as três dimensões da mídia-educação, em especial “aprender sobre as mídias”. Nessa dimensão trabalhamos a necessidade de consumo crítico de conteúdos a partir da alfabetização tecnológica. Essas necessidades foram identificadas durante a análise de dados do grupo focal. Como recursos tecnológicos para essa formação, utilizamos a internet, um aplicativo de edição de vídeo, smartphones, computador, projetor e acesso ao WhatsApp.

Ilustração 7 – Uso do celular durante a formação



Fonte: Acervo da autora.

Dias antes desse encontro foi solicitado pelo grupo de WhatsApp da escola que os professores baixassem, através do Play Store o aplicativo FilmoraGo nos seus celulares.

Ilustração 8 – Aplicativo utilizado na formação



Fonte: [encurtador.com.br/ktKLW](http://encurtador.com.br/ktKLW)

Essa ação exigiu habilidades para acessar uma loja virtual de aplicativos, instalar o aplicativo escolhido e observar seu tutorial. Esse aplicativo é um recurso de fácil utilização para a edição de vídeo que funciona de forma rápida e intuitiva. Nele o usuário pode reunir as cenas, áudios e efeitos, tanto de imagem quanto sonoros, e ao fim renderizar<sup>19</sup> o processo. Aqui há um exemplo de manipulação técnica necessária quando se utiliza uma tecnologia, aspecto levantado como importante no processo de alfabetização tecnológica proposto por Sampaio e Leite (2011).

Após baixarem os aplicativos, foi apresentado o primeiro vídeo tutorial de uma série de três utilizados na formação e parte compositiva do Kit Tutorial de Mídia-Educação. A dimensão “aprender sobre as mídias” tratada nesse vídeo aborda a parcialidade existente nos discursos midiáticos, contando a história de uma personagem que, ao chegar em casa após o trabalho, depara-se com a notícia de que haverá a construção de um muro na fronteira de dois países, México e Estados Unidos. Levada pelos discursos que lhe chegam, vai recebendo as informações como verdade, sem levantar nenhum questionamento ou reflexão. Até que a personagem tem acesso a sucessivas versões sobre o mesmo fato, provocando-lhe confusão e ainda mais desinformação. Começa então uma narrativa acerca do contexto social em que vivemos com a forte presença da mídia, o que Rodrigues (1990) denominou de sociedade midiática. Após o dilema da personagem diante de tantas informações, há um convite para que o público ajude a resolver o problema da personagem (como construir uma opinião em

---

<sup>19</sup> Esse processo transforma um ou mais arquivos num único arquivo como resultado final, unificando elementos como fotos, áudios, vídeos etc.

meio a diversas versões de um mesmo fato), pesquisando sobre o assunto e emitindo opiniões.

Para resolver o desafio proposto ao final do vídeo em nossa formação, os professores precisaram refletir e seguir a premissa de duvidar de qualquer ideia que lhes chegue como pronta e acabada e fazer suas pesquisas, a fim de tomar uma decisão sobre o assunto e compartilhá-la através de um vídeo, desenvolvendo o exercício de serem também produtores de conteúdo. Nesse exercício os professores tiveram de trabalhar as aprendizagens existentes nas dimensões sobre as mídias quando são levados a refletir sobre o papel ideológico das mídias e através das mídias no momento em que precisam exercitar letramentos como o de informação em que foi necessário pesquisar, filtrar, classificar, analisar informações.

Foi dado um tempo de 15 minutos para que os professores pudessem fazer uma pesquisa breve acerca da construção do muro que separa os EUA do México, e assim elaborar uma opinião fundamentada a respeito do assunto.

O levantamento de dados do grupo focal apontou para a necessidade de oferecer ao longo da formação atividades que, além de discussões teóricas, proporcionassem experimentação através do fazer. Nesse sentido, propomos uma oficina de produção de vídeos baseados na dimensão aprender com as mídias. Foi explorado o conteúdo político e ideológico existente nos discursos midiáticos sobre a construção do muro e sobre essa mesma relação entre os países envolvidos. Desse modo, a mídia foi utilizada como ferramenta pedagógica integrada à prática de ensino. Além disso, a própria produção do vídeo é um recurso metodológico que pode favorecer o processo de aprendizagem.

Foram dadas às cinco equipes formadas um modelo simples de roteiro para que os professores pudessem construir sua própria compreensão crítica acerca da construção do muro, seguindo minimamente as regras da arte da produção audiovisual. O momento de criação dos roteiros foi o mais demorado do processo, mas os professores conseguiram trabalhar em equipe e completar a atividade.

Ilustração 9 – Modelo de roteiro utilizado pelos professores



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Após o roteiro pronto, os professores iniciaram a captura das imagens para a composição dos vídeos. Foram apresentadas aos participantes duas opções: uma em que eles próprios poderiam assumir o papel de atores ou apresentadores; e outra em que a composição de cenas poderia ser feita com imagens e voz em off<sup>20</sup>. Algumas orientações técnicas foram dadas para a captação de vídeo e áudio. A mínima qualidade técnica é necessária, para que a mensagem, ou seja, o conteúdo a ser transmitido por meio do vídeo, possa ser compreendido pelo público-alvo, de modo a cumprir com a sua finalidade comunicacional e pedagógica.

Ilustração 10 – Cuidados técnicos considerados



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

<sup>20</sup> Em linguagem audiovisual, voz exterior à cena, que narra ou comenta acontecimentos.

Nesse momento, os participantes ficaram livres para escolher o lugar mais adequado que atendesse aos cuidados técnicos na execução da produção e captação das cenas. Após finalizarem essa fase, iniciou-se a montagem audiovisual, ou seja, a edição. Mas essa foi a parte menos preocupante, pois eles conseguiram apenas com o tutorial do próprio programa montar seus vídeos, apresentando poucas dúvidas relacionadas ao manuseio do aplicativo.

Concluída a tarefa, os professores foram convidados a compartilhar sua experiência e os vídeos produzidos. No grande grupo, cada vídeo criado foi exibido no telão, e ao final pudemos conversar sobre a produção de cada equipe. Os quatro vídeos trouxeram diferentes argumentos, porém, todos apresentaram um posicionamento crítico contrário à construção do muro. Na dimensão aprender através das mídias, os sujeitos da pesquisa produziram criticamente conteúdo, expressando seu pensamento sobre determinado fato social. Isso demonstra que podemos atuar como produtores de conteúdo de maneira a refletir sobre as informações que recebemos e construir conhecimentos com base em leitura crítica, pesquisa e interpretação, processo pelo qual os alunos devem passar.

Essa experiência possibilitou aos professores, sujeitos da pesquisa, a compreensão sobre a influência ideológica das mídias, a presença maciça desses recursos em nosso dia a dia e o impacto no nosso modo de ver a realidade. Além disso, possibilitou a construção de uma “convicção duvidosa”, ou seja, de uma atitude questionadora diante das informações que chegam a nós. Também foi vivenciado um momento de alfabetização, através da apreensão do código técnico necessário ao uso de aplicativo de edição de vídeo. Assim como foi realizada uma aplicação pedagógica desse recurso e um momento de letramento digital, à medida que, através do uso da linguagem audiovisual, os professores puderam se expressar e produzir um conteúdo crítico, por meio dos posicionamentos deles. Assim, contribuíram com diálogos sobre fatos sociais, compartilhando sua produção entre os participantes e através de publicação na rede social Youtube.

O segundo encontro de formação ocorreu no dia 13 de março de 2020.

Ilustração 11 – Segundo encontro para formação de professores



Fonte: Acervo da autora.

Foram retomadas as dimensões aprender através e com as mídias por meio da continuação de exibição da sequência vídeos tutoriais. O vídeo “Aprender através das mídias” abordou a necessidade da alfabetização tecnológica, sugerindo o enfrentamento do novo, a experimentação e a apropriação das novas tecnologias para intervenção social e escolar. Entendemos como “intervenção” nessa dimensão a capacidade de expressar o pensamento e as ideias, utilizando-se das diferentes linguagens midiáticas. Logo após a exibição, os professores foram convidados a acessar o canal do Youtube onde estava veiculado o vídeo e fazer um comentário. Dentre eles destaque:

*Ver, investigar e repensar para aprender. A mera reprodução gera alienação... A criticidade gera evolução! (PROFESSOR 20).*

Segundo a fala do professor, ver e investigar significa ter atitude de buscar compreender o funcionamento de novas tecnologias; enquanto repensar para aprender está voltado à criatividade de pensar os usos além do que a tecnologia está proposta a fazer.

Um outro educador aponta que as mídias são aliadas do professor:

*Importantíssimo o tema. As mídias são grandes aliadas do professor. Grato pelas dicas e a bela história do seu pai (PROFESSOR 2).*

Essa fala nos traz um conforto, no sentido de que durante o grupo focal os professores se posicionaram em sua maioria receosos quanto ao uso dessas mídias, seja por se sentirem

tecnicamente despreparados, seja por acreditarem que seus alunos poderiam ter mais domínio sobre a técnica, o que os colocava em uma situação de desconforto.

*O vídeo em si é muito bom e interessante sobre a utilização das mídias. Traz informações que precisam se tornar conhecimento e, em seguida, ações efetivas (PROFESSOR 21).*

Nesse trecho, percebe-se que há uma vontade de experimentar, colocar em prática ações efetivas com mídias em sala de aula. Começa-se a pensar que o uso de mídias em sala de aula pode aproximar professores e alunos, e ainda potencializar o processo de ensino e aprendizagem. Esboça-se algo que leva em conta além do uso instrumental da mídia, o seu uso pedagógico.

Em uma segunda etapa da formação ocorreu um diálogo sobre os medos em relação a novas tecnologias em sala de aula, compartilhamos experiências e conversamos sobre alfabetização tecnológica. É o que podemos ver na fala a seguir:

*Eu acho muito complicado inserir novas tecnologias em sala de aula, porque eu tenho dificuldade demais de aprender (PROFESSOR, 4).*

Apesar de demonstrarem estar abertos a novas experiências com TDIC, alguns professores ainda se sentiam receosos em utilizá-las em sua prática de ensino, pois, apesar de conseguirem pensar em formas de integrar recursos tecnológicos e sua prática, ainda havia uma preocupação com a falta de domínio técnico.

*Eu até me disponibilizo a aprender, mas não tem quem me ensine. Os cursos que eu fiz sobre vídeos, por exemplo, foram só teoria, não teve prática (PROFESSOR, 19).*

O que precisou ser conversado foi que, para a alfabetização tecnológica é necessário não apenas estar aberto a aprender, mas tornar-se aprendente, ter iniciativa e começar. Como sugere o professor 22:

*Eu utilizo algumas tecnologias no dia a dia, alguns aplicativos de design, animações simples, coisas do tipo. Tenho facilidade para aprender, quando não sei vou pro Youtube, assisto um tutorial (PROFESSOR, 22).*

Após esse diálogo, exibimos o vídeo aprender com as mídias, em que foi exemplificado o uso de TDIC na sala de aula. Primeiro em seu uso instrumental e depois em seu uso crítico integrado ao processo de ensino. Propomos um quiz rápido sobre as questões abordadas no vídeo.

Ilustração 12 – Quiz aplicado na formação dos professores. I



Fonte: Dados fornecidos pelo programa Kahoot (2019).

Ilustração 13 – Quiz aplicado na formação dos professores. II



Fonte: Dados fornecidos pelo programa Kahoot (2019).

Ilustração 14 – Quiz aplicado na formação dos professores. III



Fonte: Dados fornecidos pelo programa Kahoot (2019).

As três questões levantadas no quiz abordavam as ideias base necessárias ao exercício das dimensões aprender através e com as mídias. Pudemos observar a compreensão dos professores após os vídeos tutoriais, sobre letramento digital e como utilizar as TDIC no fazer pedagógico. Como resultado das questões, obtivemos o seguinte ranking:

Ilustração 15 – Ranking do Quiz da formação de professores

Apelido	Classificação	Respostas corretas	Sem resposta	Pontuação final
Professor 4	11	100%	-	2642
Professor 22	2	100%	-	2623
Professor 19	3	100%	-	2187
Professor 20	4	66%	-	1821
Professor 3	5	66%	-	1527

Fonte: Dados fornecidos pelo programa Kahoot (2019).

É possível averiguar um resultado positivo em relação às respostas dos participantes que reconheceram que devemos utilizar as TDIC, dando importância tanto ao seu lado técnico quanto ao seu lado pedagógico, podendo contar com a ajuda dos alunos no manuseio das mídias digitais, mas não nos eximindo da responsabilidade de também apreendê-las. Igualmente, indicaram a necessidade de compreender o uso de TDIC como instrumentos de auxílio à prática pedagógica para o desenvolvimento de habilidades. Para isso é necessário

entender como a mídia funciona e utilizá-la a seu favor, aproveitando seu potencial pedagógico.

Finalizando o nosso encontro, os professores assistiram ao vídeo em time lapse, no qual se apresenta todo o processo de produção dos vídeos anteriores, compondo assim a quadrilogia de vídeos tutoriais de mídia-educação. Esse quarto e último vídeo serve como referência para professores que desejarem executar uma produção audiovisual. Nele encontramos as etapas de produção dos vídeos, desde a idealização de roteiro, produção, até a edição. Alguns professores deixaram suas dúvidas nos comentários do canal:

*Após elaborar todos esses vídeos, qual foi o seu maior aprendizado?*  
(PROFESSOR 15).

*Como podemos utilizar os desenhos ao mesmo tempo com as mídias?*  
(PROFESSOR 13).

*Qual a parte mais difícil da produção desse conteúdo?* (PROFESSOR 17).

*Qual a maior dificuldade encontrada durante todo o processo, além da falta de experiência com as ferramentas?*(PROFESSOR 18).

As dúvidas deixadas pelos professores demonstram que há curiosidade sobre o processo de produção dos vídeos, das técnicas, mas também acerca do processo de aprendizado necessário para o desenvolvimento dos vídeos tutoriais.

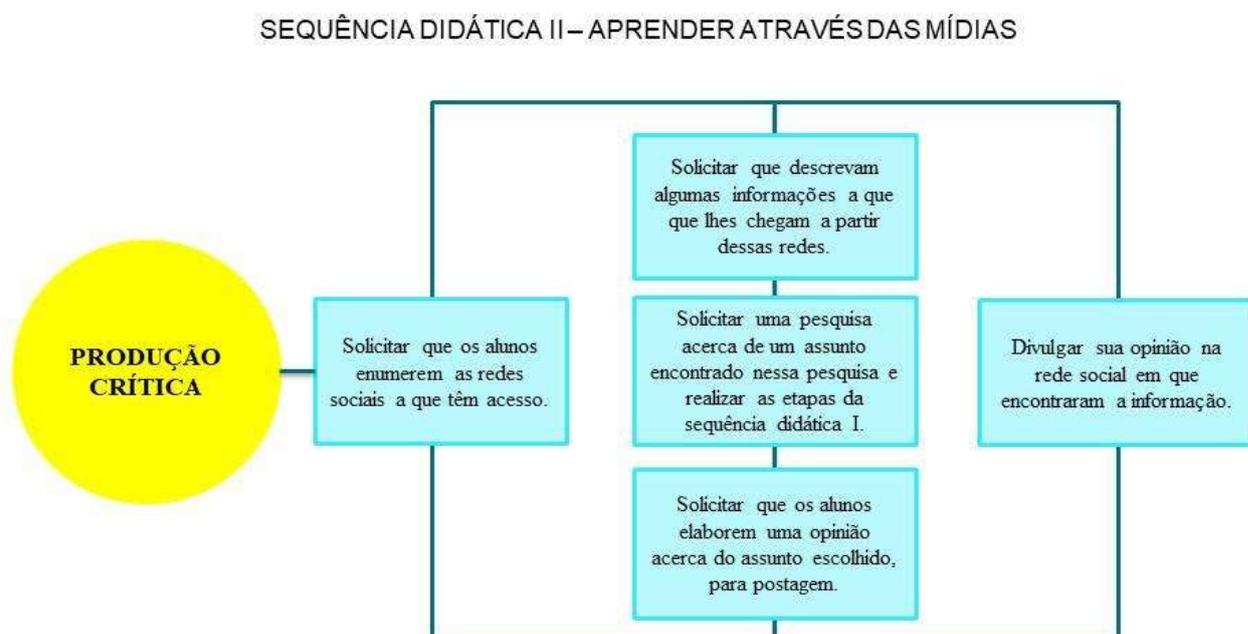
Para auxiliar os professores no ensino de mídia-educação, formulamos três sequências didáticas, que, de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Dispomos no Kit Tutorial de Mídia-Educação uma sequência didática referente a cada dimensão da mídia-educação: aprender sobre, através e com as mídias. Dessa maneira, qualquer professor pode desenvolver uma educação para as mídias, adaptando a sequência ao seu contexto educacional.

Ilustração 16 – Sequência didática para aprendizagem sobre as mídias



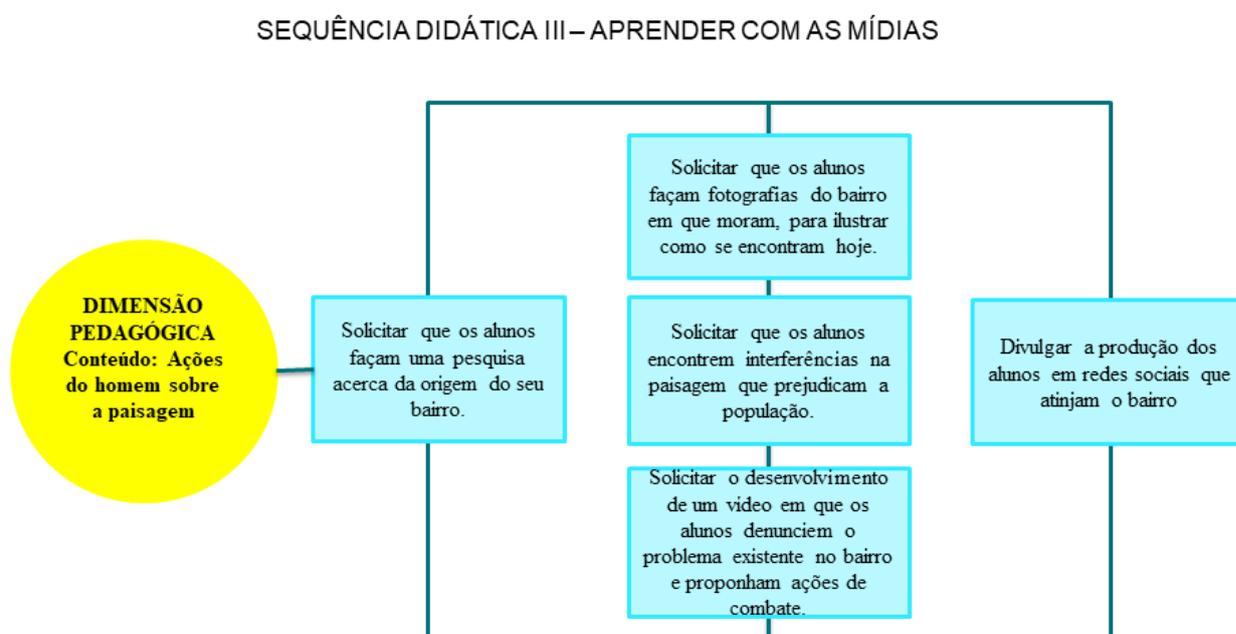
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ilustração 17 – Sequência didática para aprendizagem através das mídias



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ilustração 18 – Sequência didática para aprendizagem com as mídias



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ao colocar em prática as sequências didáticas, devemos incluir habilidades que juntas promovem o letramento digital (LIVINGSTONE, 2004), sendo elas a capacidade de manipular a tecnologia escolhida, realizar a leitura, reflexão e avaliação do conteúdo midiático, e a capacidade de formular e compartilhar informações, levando à produção de conteúdos que contribuam com os diálogos sociais, ao exercício da cidadania.

Podemos dizer que estamos letrados em algo quando somos capazes de ler, interpretar, contradizer, argumentar, ou seja, conseguir estabelecer um diálogo entre o que a mídia diz e a realidade vivida, através dos diversos meios de comunicação ofertados por elas. O papel de formar um sujeito para o exercício da cidadania é da escola, seja em um contexto analógico, seja em um contexto digital, o que está em jogo é o modus de vida humano no ecossistema comunicativo.

### 3.4 DESIGN INSTRUCIONAL CONTEXTUALIZADO

Na sociedade midiaticizada e midiática em que vivemos, estamos imersos em um mundo de produtos informacionais, para qualquer tema podemos encontrar um volume incontável de reportagens, sites, artigos, blogs, portais, e tudo mais que a internet oferece, sem falar nas fontes off-line, como livros digitais, todos eles com características próprias pensadas para chamar a atenção do seu público e oferecer algo que o interesse. No desenvolvimento de produtos, materiais e conteúdos, existem diferentes processos e metodologias para sua construção. O design instrucional busca encontrar a melhor forma de organizar informações através do planejamento, traçando estratégias para o alcance dos objetivos que se quer atingir, buscando ao máximo facilitar a aprendizagem dos alunos e tirando o maior proveito do tempo dedicado ao estudo. Para isso, o design instrucional se fundamenta nas áreas da educação (teorias de aprendizagem), administração (gestão de projetos e recursos) e comunicação (processos para transmitir mensagens através de um diálogo didático).

Em nossa pesquisa buscamos construir estratégias para resolver o problema da subutilização de equipamentos tecnológicos multimídia presentes na ilha midiática da escola. A escolha pelo processo de design instrucional foi importante para a produção do Kit Tutorial de Mídia-Educação na web, produto desta pesquisa, a ser disponibilizado aos professores para fomentarem práticas pedagógicas com a utilização da ilha midiática. O kit para as mídias fornecerá orientações técnicas e pedagógicas para utilização da ilha midiática, no intuito de auxiliar os professores no uso crítico, dialógico e experimental de TDIC como auxílio no processo de aprendizagem.

Para desenvolver o kit tutorial, seguimos os princípios do *design instrucional contextualizado* sugerido por Filatro (2004, p. 4), que perpassa desde a concepção da ideia até o produto final e a avaliação do processo:

[...] utilizamos o termo “design instrucional contextualizado” para descrever a ação intencional de planejar, desenvolver e aplicar situações didáticas específicas que, valendo-se das potencialidades da Internet, incorporem, tanto na fase de concepção como durante a implementação, mecanismos que favoreçam a contextualização e a flexibilização. Os modelos convencionais de design instrucional freqüentemente estruturam o planejamento do ensino-aprendizagem em estágios distintos: a) análise: envolve a identificação de necessidades de aprendizagem, a definição de objetivos instrucionais e o levantamento das restrições envolvidas; b)

design e desenvolvimento: quando ocorre o planejamento da instrução e a elaboração dos materiais e produtos instrucionais; c) implementação: quando se dá a capacitação e ambientação de docentes e alunos à proposta de design instrucional e a realização do evento ou situação de ensino-aprendizagem propriamente ditos; e por fim d) avaliação: envolve o acompanhamento, a revisão e a manutenção do sistema proposto.

No primeiro estágio fizemos um levantamento das necessidades de aprendizagem dos professores sujeitos desta pesquisa, momento em que identificamos as demandas educacionais, justificamos nossa ação e o que ela traria de mudança, além do motivo de tal ação ser oferecida naquele momento, naquele local, para aquele público e em determinado formato. Esse estágio está representado na Cena II desta pesquisa.

No segundo estágio do design delineamos o desenvolvimento dos vídeos. Segundo Kindem e Musburger (1997 apud VARGAS; ROCHA; FREIRE, 2007), o processo de produção de um vídeo tem, basicamente, três etapas:

- i. Pré-produção: consiste na preparação, planejamento e projeto do vídeo a ser produzido. Essa etapa abrange todas as demais atividades que serão realizadas, desde a concepção da ideia inicial até a filmagem. Nesta etapa nós desenvolvemos as sinopses e os roteiros dos nossos vídeos tutoriais.
- ii. Produção: etapa em que desenvolvemos as filmagens das cenas que compõem o vídeo. A produção deve cuidar para que tudo que esteja no roteiro seja providenciado: cenário, iluminação, objetos específicos etc.
- iii. Pós-produção: quando realizamos a edição organizando as tomadas gravadas para composição das cenas e dos vídeos como um todo.

Para o desenvolvimento do primeiro vídeo tutorial, “Aprender sobre as mídias”, a análise dos dados nos apontou a necessidade de alertar sobre a parcialidade existente nos discursos midiáticos e apresentar o consumo crítico dos conteúdos multimídia com o propósito de apropriação para autonomia necessária a prática cidadã. Fizemos isso através de um conto heróico que busca explicar o contexto vivido pela personagem e uma saída para sua inquietação final. A modalidade escolhida para essa produção foi o storytelling, um modo de contar uma história de modo envolvente trabalhando o audiovisual, nisso também houve intencionalidade, pois ele se destaca por uma linguagem que aproxima o público através do

imaginético. Apropriando-nos dessa linguagem, escolhemos um roteiro em que o professor pudesse se colocar no lugar do personagem, utilizando, inclusive, cenas do seu cotidiano.

Para o desenvolvimento do vídeo “Aprender através das mídias”, a análise dos dados nos apontou a necessidade de entender como a mídia é utilizada nas relações sociais e como podem ser meios de produção e expressão do pensamento crítico. Isso porque grande parte de nossos professores admitiram ter dificuldades técnicas e pedagógicas para lidar com as TDIC, o que os leva a não reconhecer a linguagem dessas ferramentas como uma oportunidade de dialogar com o mundo. A modalidade de vídeo draw my life, que significa desenhando minha vida, remete-nos à necessidade de reflexão sobre nossa própria história, o que pode levar a uma autoavaliação que determinaria a permanência ou mudança do caminho que se segue. Essa subjetividade veio somar ao processo de formação, pois a proposta é exatamente sugerir uma mudança de postura dos professores, para que troquem o medo do novo por atitudes de experimentação e pesquisa em busca de apropriação das TDIC.

Para o desenvolvimento do vídeo tutorial “Aprender com as mídias”, a análise dos dados nos apontou a necessidade de abordar a experimentação, de modo mais direto, a apropriação das TDIC em sua dimensão pedagógica. Os professores precisavam descobrir como usar esses recursos de modo a potencializar a prática de ensino. Nesse sentido, o vídeo retrata um professor que se depara com a falta de envolvimento dos alunos em sua aula e resolve observar mais atentamente o comportamento deles. Observando que constantemente os alunos faziam uso de TDIC, toma uma decisão que irá mudar o modo de conduzir sua prática. A modalidade escolhida para isso foi o stop motion, por ser uma técnica que trabalha o inanimado dando a ele vida através do movimento. Para desenvolver essa técnica, utiliza-se um sequencial de fotografias diferentes para simular o seu movimento. Fizemos aqui uma analogia entre o professor estático em sua prática de trabalho e o professor que queremos, aquele em “movimento em busca” por novas formas de ensinar e aprender.

Por fim, a análise dos dados também nos apontou para o desenvolvimento de um momento na formação que exemplificasse aos professores como elaborar um vídeo apontando cuidados com algumas técnicas básicas da linguagem audiovisual. Isso vai ajudar os professores a desenvolver suas próprias produções e orientá-los melhor nos projetos solicitados aos alunos. Intitulamos esse vídeo tutorial de “Processo de produção de vídeos” e para ele utilizamos a modalidade time lapse, uma técnica que diminui a frequência de cada foto ou vídeo por segundo, dando a ideia de o tempo ter saltado, afinal, tínhamos três processos de vídeos em modalidades diferentes para apresentar em um só.

Após a conclusão dos vídeos, começamos a desenhar o meio em que iríamos disponibilizar o Kit Tutorial de Mídia-Educação<sup>21</sup>. Por ser de fácil acesso a maior quantidade de pessoas possível, escolhemos criar uma página web (<https://cibelle.46graus.com/>) para gerar conteúdo e promover a formação de professores em mídia-educação. Além disso, existem plataformas que oferecem o serviço de criação de sites por um baixo valor e até mesmo gratuito, é o caso da plataforma 46graus, a qual utilizamos. Levando em consideração o nosso público-alvo, optamos por uma linguagem simples e objetiva. O kit foi desenvolvido com informações básicas e gerais, que servissem de orientação para qualquer instituição de ensino interessada e preocupada em promover uma educação para as mídias.

O 46graus<sup>22</sup> pode ser utilizado por iniciantes, é intuitivo e disponibiliza profissionais on-line para tirar suas dúvidas. O menu é composto por cinco páginas:

1. Apresentação: onde nos identificamos, indicando o objetivo da página web e o que os usuários devem esperar do conteúdo.
2. Manual de uso da ilha midiática: onde apresentamos alguns recursos tecnológicos para a realização de práticas educativas digitais.
3. Quadriologia de educação para as mídias: onde disponibilizamos os quatro vídeos tutoriais (storytelling, draw my life, stop motion e time lapse), são abordados os princípios da mídia-educação: aprendizagem sobre as mídias, através das mídias e com as mídias.
4. Sequências didáticas em mídia-educação: onde disponibilizamos três sugestões de sequências didáticas baseadas em educação para as mídias e um espaço de interação para que os usuários possam tirar dúvidas e dar sugestões.
5. Alguns exemplos: onde estão disponíveis pequenos vídeos produzidos durante a formação de professores, pelos participantes da pesquisa, assim como outras produções desenvolvidas na prática pedagógica com o uso do kit.

---

<sup>21</sup> Kit tutorial disponível em: <https://cibelle.46graus.com/>

<sup>22</sup> Endereço eletrônico para o site 46º: <https://46graus.com/>

Ilustração 19 – Página principal do Kit Tutorial de Mídia-Educação



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

No terceiro estágio foram desenvolvidos os encontros de formação de professores com base em mídia-educação em que apresentamos os vídeos tutoriais produzidos para a composição do Kit. Os detalhes dessa formação estão descritos no tópico de letramento digital desta pesquisa. Durante a formação os professores desenvolveram vídeos que servirão de referência para outros docentes, como exemplo de que é possível realizar novas ações, que podem potencializar nossa prática de ensino através da vivência de experiências inovadoras. Levando em consideração que inovar é fazer algo novo ou reinventar, algo que existe ou que ainda não foi realizado. Esses vídeos foram a resposta de um desafio proposto no momento da formação *Aprender sobre as mídias*. Para desenvolvê-los, os professores tiveram de fazer pesquisas, aprender a elaborar roteiro, capturar imagem e áudio, editar e compartilhar a produção. Esses vídeos foram anexados como parte do kit tutorial, como já descrito, na página de “Alguns exemplos”.

Ilustração 20 – Vídeos produzidos pelos professores durante oficina de formação



Fonte: Arquivo da autora.

O último estágio do design instrucional contextualizado está voltado à avaliação do que foi desenvolvido até agora, além do acompanhamento, a revisão e manutenção do sistema proposto. Faremos uma autoavaliação mais aprofundada na próxima cena. Para a manutenção e acompanhamento dos impactos do Kit na prática dos professores, deixamos na página web onde se encontra o Kit tutorial, o contato com a pesquisadora através de e-mail e abas de diálogos. Uma estratégia para a troca de experiências, e levantamento de informações que indiquem pontos de melhoria na formação desenvolvida ao longo desta pesquisa. Dessa forma, podemos criar um vínculo para o acompanhamento daqueles que se interessarem em aplicar a mídia-educação em sua prática.

## CENA IV – O FIM DE UM CICLO

Desenvolver um Kit Tutorial de Mídia-Educação como guia para utilização de recursos tecnológicos para a produção de conteúdos multimídia no espaço escolar, visando o uso crítico, dialógico, experimental das TDIC como auxílio à aprendizagem, foi um grande desafio. Primeiro porque foi necessária a profunda compreensão dos conceitos e a prática em mídia-educação para poder mediar o caminho com os sujeitos da pesquisa, que, apesar de interessados em prática de ensino com TDIC, precisavam quebrar alguns paradigmas tradicionais de ensino que ainda acompanhavam seu fazer pedagógico e buscar o exercício de uma comunicação dialógica. A dialogicidade é um pré-requisito indissociável do ensino com base em mídia-educação, visto que se refere ao desenvolvimento do pensamento crítico para a prática da cidadania.

É necessário que o professor se coloque no papel de aprendiz para poder desenvolver as habilidades necessárias ao ensino de mídia-educação, estar preparado para os desafios que lhes são impostos, como o rápido desenvolvimento das TDIC, acreditar no seu potencial para apreendê-las, e dominá-las, para não serem dominados. Assim poderão conduzir seus alunos a um caminho de criticidade em relação aos usos das mídias em seu dia a dia.

Durante o desenvolvimento da pesquisa tivemos algumas dificuldades, os vídeos tutoriais necessitaram de um prazo mais longo para ficarem prontos, o que impediu a realização dos momentos de formação ainda em 2019, pois chegou o fim do ano letivo. No início de 2020 houve greve da categoria de professores do estado do Rio Grande do Norte e depois, o isolamento social devido à Covid-19, que ocasionou a suspensão das atividades escolares.

Questões de mudanças na equipe docente também foram cruciais, professores que participavam da pesquisa deixaram a escola, outros que chegaram, apesar de também compreenderem a necessidade de formação em educação para as mídias, não fizeram parte do grupo focal, mas participaram dos momentos de encontro, pois a partir de então faziam parte do corpo docente que também iria trabalhar com TDIC em sua prática.

Conseguimos identificar as concepções dos participantes da pesquisa sobre o uso de recursos multimídia na prática educativa. Essas concepções estavam quase sempre voltadas para a dimensão do uso instrumental das TDIC, não levando em consideração a integração

pedagógica necessária para o uso crítico desses recursos, muito menos o letramento digital, com o qual os professores seriam capazes de atuar em diferentes contextos midiáticos.

Atividades desenvolvidas por alguns professores em suas práticas (solicitações de audiovisual, pesquisas na internet, produção de programa de rádio etc.) demonstraram uma abertura para o uso de tecnologias. Os professores reconheciam que existia potencial no ensino com mídias digitais, mas não sabiam como fazê-lo de modo crítico, sendo assim aceitaram a formação em mídia-educação, pelo seu próprio interesse e necessidade. A gestão escolar também reconheceu essa importância, estando sempre solícita, disponibilizando documentos sobre o fazer pedagógico dos professores e acesso aos equipamentos para que pudessemos desenvolver o Kit Tutorial de Mídia-Educação com base no que a escola poderia oferecer.

Para conseguir desenvolver os itens que compõem o kit, contamos com a ajuda de amigos mais experientes em audiovisual, em desenho, em design de sites, eles deram dicas valiosas. Assim também, enquanto professores, devemos encarar os saberes dos alunos mais habilidosos com as tecnologias digitais como um auxílio, uma troca de conhecimento, lembrando que, enquanto podem ter facilidade de lidar com o digital, nós professores compartilhamos com eles nossos conhecimentos pedagógicos e críticos em relação ao uso dessas mídias, tão necessários às novas gerações.

Esta pesquisa buscou desenvolver a mídia-educação, tanto na teoria quanto na prática, desde sua concepção, que teve como base a dialogicidade ao ouvir os professores, para depois traçarmos a proposta de utilização da ilha midiática, até o desenvolvimento de vídeos em diferentes modalidades, proporcionando contato com diversificadas linguagens do audiovisual, atividades na formação de professores que levaram em consideração propostas práticas de alfabetização tecnológica e letramento midiático.

Não conseguimos realizar totalmente o objetivo de documentar um pequeno acervo multimídia produzido pelos professores a partir do kit, para servir de referência a outros professores não participantes da pesquisa. A ideia inicial era a de que após os encontros de formação os professores desenvolvessem práticas educativas digitais com base no que aprenderam durante a formação, porém não puderam realizar essa etapa pelo contexto que vivemos de suspensão de aulas. Nesse sentido, prevendo essa possibilidade, promovemos durante o primeiro encontro de formação um momento para a prática de produção audiovisual. Contudo, conseguimos disponibilizar um material produzido pelos professores que servisse de exemplo a outros.

O Kit tutorial desenvolvido foi de grande contribuição para a escola, promovendo junto aos professores uma nova prática educativa com uso de TDIC baseada em mídia-educação. Essa nova prática vem trazer essas tecnologias para dentro dos muros da escola e para as salas de aula, porém numa abordagem que enriquece o processo de ensino através de ações que buscam entender a sociedade midiática e como ela influi em nossas vidas, nos dando condições de atuar sobre essa lógica social.

Porém, mais do que contribuir com um grupo específico de professores, esta pesquisa oportuniza outras escolas a acessarem e dialogarem conosco, através da disponibilização do Kit Tutorial de Mídia-Educação numa página web, lugar em que qualquer pessoa pode ter acesso, a qualquer hora e em qualquer lugar. A página, além de uma ótima forma de promover um “negócio”, é um ótimo lugar de divulgação devido à facilidade de acesso, trazendo visibilidade e credibilidade à proposta apresentada. Isso é importante, pois é necessário que a pesquisa consiga exercer em seu máximo um impacto social.

Esta proposta tem o intuito de contribuir com a qualidade das práticas educativas a partir do desenvolvimento de uma educação para as mídias, considerando suas dimensões constitutivas: aprender sobre, através e com as mídias. Ao desenvolver o kit tutorial, espera-se contribuir para a reflexão da prática docente em que o professor se coloque como um facilitador da aprendizagem, tenha a habilidade de autoavaliação, de experimentar, de se sentir capaz de enfrentar as dificuldades existentes para o exercício da sua profissão, de utilizar criticamente as tecnologias para mediação de aprendizagem.

Alguns participantes da pesquisa inseriram em sua prática a aprendizagem sobre as mídias, em que o professor realizou uma oficina para preparar seus alunos em direção ao desenvolvimento de produções audiovisuais, com base na sequência didática sugerida para essa dimensão da mídia-educação.

Ilustração 21 – Aula de Geografia com base em aprender sobre as mídias



Fonte: Acervo da autora.

Agora que os professores têm clareza sobre os recursos disponíveis na escola e suas aplicações pedagógicas, podem pensar com mais cuidado em seus planos de aula. O kit tutorial será de grande utilidade, pois as ações geradas a partir dele propõem uma mudança que abrange não só o fazer do professor, mas dos alunos, pais, gestores, funcionários e demais participantes da comunidade escolar. É a tecnologia sendo integrada de modo crítico ao processo de ensino, ganhando vez no espaço de trocas e aprendizagens que é a escola.

Após o desenvolvimento da pesquisa, elencamos alguns pontos que podem servir de referência para novos estudos que visem contribuir para o desenvolvimento de uma cultura escolar, que entenda as TDIC como instrumentos poderosos para o exercício da democracia e como potencializadores no processo de aprendizagem.

Nesta pesquisa houve um foco maior na linguagem audiovisual, mas existe uma variedade de outras linguagens que podem ser exploradas e servir de exemplo para práticas propositivas na educação para as mídias. Realizar formações com oficinas práticas que realmente dialoguem com o fazer do ensino, possíveis de ser aplicadas na realidade vivida pelos docentes nas salas de aula lotadas, e com pouco tempo de aula é um anseio dos professores.

Levando em consideração que não é o uso instrumental de um recurso multimídia que irá potencializar o ensino, mas sim o teor pedagógico e de integração que damos a ele, a proposta de uma formação em mídia-educação que perpassa por metodologias ativas que possa dar aos professores referências para a realização de seu pensar pedagógico, é uma área de pesquisa que tem muito a contribuir. Sugerimos também um estudo de resultados com o

uso do kit (por parte de professores) na aprendizagem de seus alunos. E ainda pesquisas que partam da problemática que existe em relação a professores que têm acesso a TDIC, mas não utilizam.

O processo de aprendizagem é constante, ao buscar conhecimento é necessário reflexão, ação e avaliação, num processo cíclico e constante. Nesse sentido, esta pesquisa promove o início de um processo de aprendizagens, mas não o seu fim. As provocações construídas ao longo da formação continuada de professores traz inicialmente um desequilíbrio a um ecossistema comunicativo escolar, para o fomento de um outro, que se traduzirá em novas experiências com TDIC com base em mídia-educação.

## REFERÊNCIAS

AMORA, Dimmi et al. **Tecnologia e educação: as mídias na prática docente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011. 128 p.

ASSMANN, Hugo. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p.7-15, maio 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a02v29n2>. Acesso em: 03 jun. 2019.

BACKES, Dirce Stein et al. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 3, n. 35, p. 438-442, set. 2011. Disponível em: [http://www.saocamillo-sp.br/pdf/mundo\\_saude/88/10\\_GrupoFocal.pdf](http://www.saocamillo-sp.br/pdf/mundo_saude/88/10_GrupoFocal.pdf). Acesso em: 20 abr. 2019.

BATES, Tony. **Educar na era digital**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017. 607 p. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4524233/mod\\_resource/content/1/Educar%20na%20Era%20Digital.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4524233/mod_resource/content/1/Educar%20na%20Era%20Digital.pdf). Acesso em: 02 set. 2017.

BELLONI, Maria Luiza; BÉVORT, Evelyne. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 109, dez. 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302009000400008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302009000400008&script=sci_arttext). Acesso em: 24 mar. 2020.

BELLONI, Maria Luiza; GOMES, Nilza Godoy. Infância, mídias e aprendizagem: autodidaxia e colaboração. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 104, p. 717-746, out. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0529104.pdf>. Acesso em: 09 maio 2020.

BELLONI, Maria Luiza; CAMPOS, Neide Pelaez de; SUBTIL, Maria José; GOIDANICH, Maria Elisabeth; BARBOSA, Isabella Maria B.; GOMES, Nilza Godoy; CERNY, Roseli Zen; PINTO, Anamelea de C. **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, 2002. 188 p.

BELLONI, Maria Luiza. Tecnologia e formação de professores: rumo a uma pedagogia pós-moderna? Technology and teacher training: Towards a post-modern pedagogy? **Educação & Sociedade**, São Paulo, v. 19, n. 65, p.143-162, 01 dez. 1998. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73301998000400005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301998000400005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 30 de mar. de 2018.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2009. 102 p.

BUCKINGHAM, David. **Aprendizagem e cultura digital**. 2008. Disponível em: [https://www.academia.edu/2748122/Aprendizagem\\_e\\_cultura\\_digital](https://www.academia.edu/2748122/Aprendizagem_e_cultura_digital). Acesso em: 02 fev. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 01 abr. 2020.

BRITO, Paulo Valeriano de. **As gerações boomer, baby-boomer, X, Y e Z**. Publicado em 2013. Disponível em: <https://jornalggm.com.br/brasilianas-org/as-geracoes-boomer-baby-boomer-x-y-z/>. Acesso em 01 abr. 2020.

CARVALHO, Anderson. **As gerações Baby boomer, X, Y e Z**. Publicado em 2012. Disponível em: <http://www.coisaetale.com.br/2012/04/as-geracoes-baby-boomer-x-y-e-z/>. Acesso em: 01 abr. 2020.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo. **A sociedade em rede do conhecimento à ação política**. Belém: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005. 439 p. Disponível em: [https://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/a\\_sociedade\\_em\\_rede\\_-\\_do\\_conhecimento\\_a\\_acao\\_politica.pdf](https://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/a_sociedade_em_rede_-_do_conhecimento_a_acao_politica.pdf) Acesso em: 01 abr. 2020.

DELORS, Jacques (Coord.). Os quatro pilares da educação. In: **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 1998.

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Marck. **Letramentos digitais**. São Paulo: Parábola, 2016.

FAUSTO NETO, A. Será que ele é? Onde estamos? A midiatização de um “discurso proibido”. **Revista Ícone**, Recife, Contraluz, v. 2. n. 9, p. 41-60, dez, 2006a.

FUCK, Marcos Paulo; VILHA, Anapátricia Morales. Inovação tecnológica: da definição à ação. **Contemporâneos: revista de artes e humanidades**, [s. L.], n. 9, p. 1-1, abr. 2012. Disponível em: <http://www.revistacontemporaneos.com.br/n9/dossie/inovacao-tecnologica.pdf>. Acesso em: 04 maio 2020.

FURIA, Fernanda. **Entenda as diferenças entre as gerações X, Y, Z e Alpha**. 2014. Disponível em: <https://www.playground-inovacao.com.br/entenda-as-diferencas-entre-as-geracoes-x-y-z-e-alpha/> Acesso em: 01 abr. 2020.

FILATRO, Andrea; PICONEZ, Stela Conceição Bertholo. **Design instrucional contextualizado**. 2004. Disponível em: [http://www.miniweb.com.br/atualidade/Tecnologia/Artigos/design\\_instrucional.pdf](http://www.miniweb.com.br/atualidade/Tecnologia/Artigos/design_instrucional.pdf). Acesso em: 20 jul. 2019.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 24 v.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1989. 49 f.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000. 63 p.

GEORGE, Éric. Da “sociedade da informação” à “sociedade 2.0”: o retorno dos discursos “míticos” sobre o papel das TICs nas sociedades. **Libero**, São Paulo, v. 14, n. 27, p.45-54, jun. 2014. Disponível em: [http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/sociedade\\_da\\_informacao\\_2.pdf](http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/sociedade_da_informacao_2.pdf). Acesso em: 03 abr. 19.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

GIL, Antônio Carlos **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas S.a., 2008. 220 p. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2020.

GITLIN, Todd. **Mídias sem limite**: como a torrent de imagens e sons diminua nossas vidas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 349 p.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 3, n. 35, p. 20-29, jun. 1995.

GOMES, Luiz Fernando. Vídeos didáticos: uma proposta de critérios para análise. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 89, n. 223, p. 477-492, set. 2008. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/688/666>

KENSKI, Vania Moreira. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2007. 147 p. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=ncTG4el0Sk0C&oi=fnd&pg=PA15&ots=py97KKENtA&sig=yyEpy4Zjx1Dyx1BYx3LJaI\\_15sY&redir\\_esc=y#v=onepage&q=digitais&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=ncTG4el0Sk0C&oi=fnd&pg=PA15&ots=py97KKENtA&sig=yyEpy4Zjx1Dyx1BYx3LJaI_15sY&redir_esc=y#v=onepage&q=digitais&f=false). Acesso em: 12 fev. 2020.

KROTZ, Friedrich. **Mediatisierung**: Fallstudien zum Wandel von Kommunikation. Wiesbaden: VS Verlag für Socialwissenschaften, 2007.

LAUER, Caio. **A chegada da geração Z no mercado de trabalho**. Publicado em 2011. Disponível em: <https://www.catho.com.br/carreira-sucesso/colunistas/noticias/a-chegada-da-geracao-z-no-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 01 abr. 2020.

LEITE, Lígia Silva. **Tecnologia educacional**: descubra suas possibilidades na sala de aula. 2004. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/81733393/Tecnologia-Educacional-Descubra-Possibilidades>. Acesso em: 04 maio 2020.

LIMA, Ranieri. **Perfil das gerações no Brasil**: as gerações x, y e z e seus perfis políticos. São Paulo: Baraúna, 2012. 176 p.

LIVINGSTONE, Sonia. Media Literacy and the Challenge of New Information and Communication Technologies. **The Communication Review**, [s.l.], v. 7, n. 1, p. 3-14, jan. 2004. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/10714420490280152>

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da comunicação**: questão comunicacional e formas de sociabilidade. Lisboa: Presença, 1990.

SAMPAIO, Marisa Narciso; LEITE, Ligia Silva. **Alfabetização tecnológica do professor**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. 111 p.

SANTAELLA, Lucia. **Leitor prossumidor**: desafios da ubiquidade para a educação. 2013. Disponível em:

[https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09\\_abril2013/NMES\\_1.pdf](https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09_abril2013/NMES_1.pdf). Acesso em: 05 jul. 2018.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004, p. 95-128.

SGORLA, Fabiane. Discutindo o “processo de midiaticização”. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 8, n. 9, p. 60-68, 08 jan. 2009. Disponível em:

<http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/285>. Acesso em: 02 fev. 2019.

SHAUN, Angela. **Educomunicação**: reflexões e princípios. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. 128 p.

VARGAS, Ariel; ROCHA, Heloísa Vieira da; FREIRE, Fernanda Maria Pereira. Promídia: produção de vídeos digitais no contexto educacional: produção de vídeos digitais no contexto educacional. **Renote**, [s.l.], v. 5, n. 2, s.p., 28 dez. 2007. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1679-1916.14199>.

VIEGAS, Raissa Oliveira de Melo Costa. **Geração Alpha**: um estudo de caso no núcleo de educação infantil da UFRN. 2015. 75 f. TCC (Graduação em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – DETALHAMENTO DA REVISÃO DE LITERATURA

QUADRO 1	Passo 1	Passo 2	Passo 3	Passo 4	Passo 5	Passo 6
CBIE	Todos os artigos gerados pela string de busca 1	Todos os artigos gerados pela string de busca 2	Todos os artigos gerados pela string de busca 3	Leitura de Títulos	Leitura de Resumo	Leitura de Texto Completo
	8	1	0	9	5	3

QUADRO 2	Passo 1	Passo 2	Passo 3	Passo 4	Passo 5	Passo 6
CAPES	Todos os artigos gerados pela string de busca 1 com: (Formação de professores OR docente) Em “qualquer” (tecnologia de Comunicação e Informação OR TDIC OR Linguagem multimídia) “no título”	Todos os artigos gerados pela string de busca 2	Todos os artigos gerados pela string de busca 3	Leitura de Títulos	Leitura de Resumo	Leitura de Texto Completo
	8	6	1	15	7	6

QUADRO 3	Passo 1	Passo 2	Passo 3	Passo 4	Passo 5	Passo 6
Cielo	Todos os artigos gerados pela string de busca 1 com: (Formação de professores OR docente) [qualquer] (tecnologia de Comunicação e Informação OR TDIC OR Linguagem multimídia) “no título”	Todos os artigos gerados pela string de busca 2: (Recursos Multimídia OR Linguagem Multimídia OR Audiovisual ) [Palavras do título] and Escola OR Ensino OR Docentes OR Formação [Todos os índices]	Todos os artigos gerados pela string de busca 3: Central multimídia OR Ilha Midiática OR Ilha Midiática OR Rádio Escola OR Laboratório Multimídia [Palavras do título]	Leitura de Títulos	Leitura de Resumo	Leitura de Texto Completo
	1	12	0	13	1	0

QUADRO 4	Passo 1	Passo 2	Passo 3	Passo 4	Passo 5	Passo 6
Dialnet	Todos os artigos gerados pela string de busca 1	Todos os artigos gerados pela string de busca 2	Todos os artigos gerados pela string de busca 3	Leitura de Títulos	Leitura de Resumo	Leitura de Texto Completo
	3	382	22	407	12	4

QUADRO 5	Passo 1	Passo 2	Passo 3	Passo 4	Passo 5	Passo 6
Google Scholar	Todos os artigos gerados pela string de busca 1 resumida em: "Formação de professores" + "tecnologia de Comunicação e Informação"	Todos os artigos gerados pela string de busca 2 resumida em: "Formação de professores" + "linguagem multimídia"	Todos os artigos gerados pela string de busca 3 com as seguintes combinações: "central multimídia" + "escola" / "Laboratório multimídia" + "escola" / "rádio escola" + "ensino básico"	Leitura de Títulos	Leitura de Resumo	Leitura de Texto Completo
	77	41	310	428	29	8

**APÊNDICE B – REFERÊNCIAS ANALISADAS E INCORPORADAS NA BASE DA PESQUISA**

<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Fonte de pesquisa</b>	<b>QP01</b>	<b>QP02</b>	<b>QP03</b>	<b>CA1</b>	<b>CA2</b>	<b>CA3</b>	<b>Comentários</b>
<p><b>Uma experiência de formação de professores no uso de tecnologias móveis: a sala de aula expandida com a plataforma G Suite e Chromebooks</b></p> <p><i>Selma Bessa, Wellington Moura Maciel, Marcele da Silva Garrido, Eliziete Menezes, Daniel Garrido, José Guilherme Ribeiro, Marcos Dionisio, Caio Julius Ribeiro</i></p>	2017	CBIE	X			1	1	1	O artigo apresenta fases de uma formação de professores para o uso de TIC, implicando diretamente no currículo escolar, e apresentando resultados positivos em índices educacionais da escola, como maior envolvimento dos alunos na resolução de tarefas on-line.
<p><b>As tecnologias digitais e os professores do ensino médio: formação para o uso do tablet educacional</b></p> <p><i>Elivelton Gonçalves, Fernanda Costa, Adelma Araújo</i></p>	2016	CBIE	X			1,0	1,0	1,0	O artigo é um relato de experiência que aponta para a necessidade de formação voltada para a aplicação prática em três esferas: formação técnica/metodológica/ e de planejamento

Titulo	Ano	Fonte de pesquisa	QP01	QP02	QP03	CA1	CA2	CA3	Comentários
<b>O processo de apropriação pedagógica e tecnológica do tablet na formação do professor de Matemática</b>  <i>Maria Elisabette Prado, Nielce Lobo da Costa</i>	2015	CAPES	X			1.0	1	1	Os autores propõem o uso de recursos existentes em tablet para o ensino da matemática, numeram dificuldades e propõem uma formação baseada na experimentação da prática para a apropriação técnica e reflexiva das possibilidades de uso desse recurso midiático.
<b>Série “Docentes”</b>  <i>Marie Jane Soares Carvalho, Mayna Ávila, Bolívar Lauda</i>	2016	CBIE			X	1	1	0,5	O artigo apresenta a proposta de quatro vídeos acerca da atuação docente a partir do olhar dos próprios docentes em exercício no intuito de contribuir para a formação daqueles que desejam ingressar na área.
<b>Atenção a si e modos de conceber as tecnologias digitais na formação de professores</b>  <i>Chagas, Maria de Fátima de Lima Das ; Demoly, Karla Rosane Do</i>	2015	CAPES	X			0,5	1,0	1,0	Os autores relatam uma experiência em formação de professores para o uso de TICs. Utilizaram oficinas práticas como metodologia da formação, enfatizando que a aprendizagem ocorre significativamente

Titulo	Ano	Fonte de pesquisa	QP01	QP02	QP03	CA1	CA2	CA3	Comentários
Amaral ; Mendes Neto, Francisco Milton									quando há apropriação para o fazer. Ao final apresentam resultados qualitativos sobre o modo como os professores passaram a utilizar as tecnologias experimentadas em suas práticas pedagógicas.
<b>Profissionalização docente nas escolas públicas do estado de Tocantins: novo contexto de ensino e aprendizagem pelas tecnologias digitais</b>  Silvania Donadio Lemos	2016	CAPES	X			1,0	1,0	1,0	Trata-se de um recorte relativo à formação de professores para o uso de TDIC no programa PROUCA Tocantins. Metodologia qualitativa de pesquisa. Formação baseada em oficinas práticas para o uso de laptops por alunos do ensino fundamental. Apresenta como resultados parceria entre estudantes e professores, trabalho interdisciplinar, maior apropriação tecnológica.
Novas formas de aprender e ensinar: a integração das	2018	CAPES	X			1	1	1	As autoras abordam a necessidade de formação docente para o uso de

Titulo	Ano	Fonte de pesquisa	QP01	QP02	QP03	CA1	CA2	CA3	Comentários
tecnologias de informação e comunicação (TIC) na formação de professores da educação básica / New ways of learning and teaching: the integration of information and communication technologies (ICT) in the training of basic education teachers  <b>Renata Reis Chiossi; Christine Sertã Costa</b>									tecnologias como internet, dispositivos móveis etc. Não como fim em si mesma, mas capaz de revolucionar a prática pedagógica. Trata-se do oferecimento de um curso de formação para uso de recursos tecnológicos educacionais para professores do ensino básico do Rio de Janeiro.
<b>Rádio e cinema escolares como elementos de inovação pedagógica na escola ativa capixaba (1928-1930)</b>  Rosianny Campos Berto Regina Helena Silva Simões	2017	CAPES			X	1	1	1	Rádio e o cinema escolares como elementos de inovação pedagógica e de integração cultural projetados na reforma escolanovista no Espírito Santo (1928- 1930). Imaterialidade do uso pedagógico do rádio que não chegou às escolas, e materialidade de experiências cinematográficas escolares. Estratégias praticadas no

Titulo	Ano	Fonte de pesquisa	QP01	QP02	QP03	CA1	CA2	CA3	Comentários
									conjunto da reforma da instrução pública capixaba, em meio às relações de força que tensionavam a cena política, social, econômica e cultural no final dos anos 1920.
<b>Uma proposta de instrumento de roteirização de videoaulas à luz da teoria instrucional e da aprendizagem multimídia</b>  <b>Vinicius Carvalho Pereira</b>	2017	CAPES	X			1	1	1	O autor trabalhou a formação de professores através da experimentação e análise de um instrumento de roteirização para a produção de vídeoaulas em um reduzido número de professores. Percebeu que precisará melhorar seu instrumento de roteiro para conseguir realizar uma pesquisa mais ampla e qualitativa.
<b>Aulas-laboratorios de bajo costo, usando TIC</b>  Silvia Calderón, Pablo Adrián Núñez, José Di Laccio, Leila M. Iannelli, Salvador Gil	2014	Dialnet			X	1	1	1	Reflete sobre a necessidade de laboratórios para aulas práticas nas disciplinas das ciências, e propõe laboratórios de baixo custo apartir do uso de recursos midiáticos como apoio para experiementos através de

Titulo	Ano	Fonte de pesquisa	QP01	QP02	QP03	CA1	CA2	CA3	Comentários
									softwares gratuitos e outras proposições.
<b>El audiovisual como recurso didáctico en el aula: creación de dibujos animados con Muvizu</b>  Sonsoles Ramos Ahijado, Ana María Botella Nicolás, Miriam Gómez Jiménez	2016	Dialnet			X	0,5	0,5	0,8	O artigo sugere que o uso das TICs na escola permite que aos sejam alunos oferecidos: um ensino individualizado as suas necessidades: modelos atraentes baseados na interação. Proposição de tarefas e exercícios de acordo com o grau de realização dos objetivos. - Controle do aluno pelo professor e autoavaliação do aluno. Porém, no decorrer do texto, percebemos que a proposta de uso de animação está voltado para o professor.
<b>O uso de tecnologias móveis no ensino de ciências: uma experiência sobre o estudo dos ecossistemas costeiros da mata atlântica sul-capixaba</b>	2016	Dialnet		x		1,0	1,0	1,0	Uso de equipamentos digitais para pesquisa, registro e produção audiovisual de uma investigação do ecossistema da Mata Atlantica, por alunos de oitavo ano de escola básica. O

<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Fonte de pesquisa</b>	<b>QP01</b>	<b>QP02</b>	<b>QP03</b>	<b>CA1</b>	<b>CA2</b>	<b>CA3</b>	<b>Comentários</b>
Guilherme Augusto Maciel Ribeiro, Raíza Carla Mattos Santana, Isaura Alcina Martins Nobre, Danielli Veiga Carneiro Sondermann, Luciane da Silva Lima Vieira									planejamento do uso crítico, voltado para a alfabetização midiática e cidadã da TIC.
<b>Los medios audiovisuales: funciones didácticas y principios metodológicos para su integración en los procesos de enseñanza y aprendizaje</b>  Cristóbal Ballesteros-Regaña	2016	Dialnet			x	1,0	1,0	1,0	Apresenta os meios audiovisuais como grandes fontes didáticas sendo eles, junto aos meios digitais e internet, os mais utilizados nos processo de ensino aprendizagem. A autora aponta algumas características desses recursos.
<b>Limitações da prática docente no uso das tecnologias da informação e comunicação</b>  Vera Rejane Niedersberg Schuhmacher	2014	Google Scholar	X			1,0	1,0	1,0	A tese de doutorado aponta para três obstáculos na prática docente no uso das tecnologias da informação e comunicação: obstáculos epistemológicos, didáticos, estruturais.

Titulo	Ano	Fonte de pesquisa	QP01	QP02	QP03	CA1	CA2	CA3	Comentários
<b>O uso das tecnologias de informação e comunicação pelos professores das séries iniciais de Ensino Fundamental</b>  Rubens Dantas Cartaxo	2016	Google Scholar		X		1,0	1,0	1,0	Observação de uso de TIC's em aulas de ciências ministradas por professores do ensino básico. Análise de metodologia e impacto da TIC's e novas propostas socioconstrutivistas.
<b>Tecnologias da informação e comunicação: utilização como instrumento para a aprendizagem.</b>  Rosângela Bueno De Freitas Proença	2015	Google Scholar	X			1,0	1,0	1,0	Revisão bibliográfica acerca da importância da utilização das TIC's na educação e desenvolvimento dos alunos. Salienta a necessidade da formação continuada dos professores. Observa as TIC's como um meio para uma aprendizagem ativa.
<b>A apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação na prática pedagógica de professores: um olhar a partir dos cursos de formação continuada de alfabetizadores</b>	2016	Google Scholar	x			1,0	1,0	1,0	È uma dissertação de mestrado que investigou a formação continuada para apropriação de TIC's na prática pedagógica de professores a fim de responder as seguintes questões: os

Titulo	Ano	Fonte de pesquisa	QP01	QP02	QP03	CA1	CA2	CA3	Comentários
Priscila Ramos Toledo									professores conhecem o uso das TICs na prática docente? Como são utilizadas? O que é necessário para incluí-las em sua prática? Que formação os professores recebem para o uso dessas tecnologias? Teve uma abordagem qualitativa com participação de 4 professoras alfabetizadoras.
<b>Barreiras no uso da TIC na prática docente – Análise de relatórios nacionais e internacionais</b> Vera Rejane Niedersberg Schuhmacher, José de Pinho Alves Filho	2014	Google Scholar		X		1,0	1,0	1,0	O artigo traz um levantamento do investimento em novas tecnologias em oito países, e aponta para um alto investimento e um retorno á quem do esperado.
<b>A contribuição das mídias no processo de leitura e de escrita: um estudo sobre as potencialidades do rádio</b>	2015	Google Scholar			x	0,8	0,8	0,8	TCC acerca da utilização de rádio como laboratório para o enisno multidisciplinar com enfoque em leitura e escrita.

Titulo	Ano	Fonte de pesquisa	QP01	QP02	QP03	CA1	CA2	CA3	Comentários
Marli Fátima Oldenburg									Aplicação feita em turmas de ensino fundamental anos finais.
<b>Tecnologia no cotidiano da escola: aplicabilidade e evolução do uso no ambiente escolar</b>  Maria de Fátima Tomé Cavalcante	2014	Google Scholar	X						Analisa a aplicabilidade da tecnologia no cotidiano escolar, abordando as dificuldades dos docentes no uso dessas tecnologias em sala de aula. Percebemos que as novas tecnologias estão sendo cada vez mais incorporadas na educação. Critica a postura tradicional de ensino, sugere falta de capacitação, preconceito e medo quanto à inserção de novas tecnologias nas salas de aula.
<b>Juventudes, educação e cidade: a mediação dos dispositivos móveis de comunicações processos de aprender-ensinar</b>  Helenice Mirabelli Cassino Ferreira	2018	Google scholar		X		1,0	1,0	1,0	Experiência de uso de dispositivos móveis no ensino aprendizagem interdisciplinar

Titulo	Ano	Fonte de pesquisa	QP01	QP02	QP03	CA1	CA2	CA3	Comentários
As tecnologias numa escola pública do campo: um desafio pedagógico.  Daniela Pedra Mattos	2014	Google Scholar	X			1,0	1,0	1,0	Pesquisa sobre o uso do laboratório de informática pelos professores de uma escola publica no Rio Grande do Sul, logo após a implantação do Proinfo.

\*CA – Critério de avaliação

\*QP – Questão de Pesquisa

QP1: Como tem se pensado a formação de professores do ensino básico para o uso de TDIC em sala de aula?

QP02. Quais os impactos do uso de TDIC nas salas de aula as pesquisas apontam?

Critério de avaliação 1: Clareza e Objetivo

Critério de avaliação 2: Artigo possui coerência com o resumo descrito

Critério de avaliação 3: O artigo traz discussão de resultados

**APÊNDICE C – LEVANTAMENTO DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS EXISTENTES NA ESCOLA**

<b>Recurso</b>	<b>Funcionalidade</b>	<b>Quantidade</b>
Tablets com acesso à internet	Recursos multimídia.	29
Projektor de imagem	Recursos multimídia.	1
Computador com projeção de imagem acoplado	Recursos multimídia.	3
Câmera fotográfica/filmadora	Recursos multimídia.	1
Minigravador	Recursos multimídia.	2
Notebook para edição de áudio e vídeo com acesso à internet	Recursos multimídia.	2
Computadores com acesso à internet presentes no laboratório de informática	Recursos multimídia.	11
Pendrive unidade	Recursos multimídia.	40
Cartão de memória classe	Recursos multimídia.	10
Caixa de som para grandes ambientes	Equipamentos para promoção de áudio.	2
Microfone facial	Equipamentos para promoção de áudio.	2
Microfone sem fio	Equipamentos para promoção de áudio.	1
Cabo para caixa de som	Equipamentos para promoção de áudio.	5
Microfone auricular	Equipamentos para promoção de áudio.	2

<b>Recurso</b>	<b>Funcionalidade</b>	<b>Quantidade</b>
Microfone lapela	Equipamentos para promoção de áudio.	2
Caixas de som 8 polegadas	Equipamentos para promoção de áudio.	12
Mesa de som 8 canais	Equipamentos para promoção de áudio.	2
Microfone sm58	Equipamentos para promoção de áudio.	3
Potência de som 1.800 wats	Equipamentos para promoção de áudio.	1
Plugs p2 unidade 12,00	Equipamento para manutenção.	12
Plugs Canon unidade	Equipamento para manutenção.	12
Plugs p10 unidade	Equipamento para manutenção.	12
Bateria de câmera	Equipamento para manutenção.	1
Cabo VGA unidade	Equipamento para manutenção.	2
Cabo HDMI unidade	Equipamento para manutenção.	2
Adaptador unidade	Equipamento para manutenção.	3

<b>Recurso</b>	<b>Funcionalidade</b>	<b>Quantidade</b>
Fone de ouvido	Equipamento para manutenção.	4
Cabo de áudio P2 RCA	Equipamento para manutenção.	2

## APÊNDICE D – RELATÓRIO DETALHADO DAS ATIVIDADES GERADORAS DE POSICIONAMENTO

Análise de dados		
	Atividade Geradora de Posicionamento – AGP	Conceitos teóricos
<p>Hipótese 1 – Consumidor crítico</p> <p>Os professores não compreendem a necessidade de se “pensar sobre as mídias”, no sentido de percebê-las como meios parciais.</p>	<p><b>AGP 1</b> - Desenvolva uma reflexão a partir do vídeo: Midiatização   Teoria da Comunicação<sup>23</sup></p> <p>(Definição da sociedade digitalizada, 5'36", com base em Krotz (2007) e Fausto Neto (2006)).</p>	<p><b>Aprender sobre as mídias para um consumo crítico</b> (BELLONI, 2009; AMORIM, 2014)</p> <p><b>Quanto à importância dos recursos multimídia na sociedade, considera-se que:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• É preciso valorizar o mundo real dos sujeitos, considerá-los como protagonistas de sua história e não como meros “receptores” de mensagens e consumidores de produtos culturais. (BELLONI, 2009, p. 20)</li> <li>• Vivemos a era da informação na qual <i>Informação</i> é uma nova moeda de troca tão importante quanto o dinheiro (GIDDENS, 1994 apud BELLONI, 2009, p. 21).</li> <li>• No século XXI, os encontros e as relações sociais não se estabelecem somente em espaços físicos, mas em espaços virtuais, construídos por meio de suportes tecnológicos digitais. (AMORIM, 2014, p. 14)</li> </ul> <p>(BRASIL, 1988; LEN MASTERMAN, 1993, apud BELLONI, 2009)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O consumo elevado das mídias e a saturação à qual chegamos;</li> <li>• A importância ideológica das mídias, notadamente através da publicidade;</li> <li>• A aparição de uma gestão da informação nas empresas (agências de governo, partidos políticos, ministérios etc.);</li> <li>• A penetração crescente da comunicação visual e da informação em todos os campos (fora da escola, que privilegia o escrito, os sistemas de comunicação são essencialmente icônicos);</li> </ul>

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AeyJNpqh5WE&t=67s> Acesso em: 01 jun. 2019.

		<ul style="list-style-type: none"> <li>● A expectativa dos jovens a serem formados para compreender sua época (que sentido há em martelar uma cultura que evita cuidadosamente as interrogações e as ferramentas de seu tempo?);</li> </ul> <p>O crescimento nacional e internacional das privatizações de todas as tecnologias da informação (quando a informação se torna uma mercadoria, seu papel e suas características mudam).</p>
<p><b>Posicionamento dos sujeitos da pesquisa</b></p> <p>Professor 1 - Eu achei bem interessante porque mostra a questão da evolução da tecnologia, e como parece que a gente tá sempre tendo que correr atrás do novo que tá surgindo quando a gente vai se adaptando com uma coisa, aí surge outra e aquela já fica obsoleta. A gente vai atrás de aprender aquilo, aí quando a gente tá dominando aparece outra coisa, né? Então principalmente para quem nasceu na época que pegou ainda o mundo sem internet né é ainda mais difícil acompanhar. Parece que essa nova geração que tá nascendo agora, já nasce nesse ritmo, né? Mas a gente que ainda pegou pré internet a gente tá sempre correndo atrás de novo que tá surgindo.</p> <p>Professor 2 - Eu acredito que essa evolução contribui bastante, mas tem horas que parece que a gente estaciona o aprendizado em relação a essas mídias. Você já precisa ter o conhecimento maior! Eu fiz o curso de mídias na educação e vimos toda essa parte dos tipos de mídia, mas teve uma época em que não tivemos mais curso para a questão de utilização. Então isso é como estacionar. Isso é muito importante porque o professor fica às vezes um pouquinho perdido com essas mídias, tem alunos que chegam até com algumas novidades, algum conhecimento de mídia, o que se torna um bloqueio às vezes para o professor levar para sala de aula.</p> <p>Professor 3 - Assim, eu achei o vídeo de grande valia para o avanço das velhas tecnologias as novas, as atuais, e a gente sabe que é interessante. Na minha área de história recentemente eu concluí a Revolução Industrial e a gente percebe que o nosso aluno despreza as velhas tecnologias. Claro! É a época dele, mas a gente não pode deixar de mostrar que essas velhas tecnologias existiram e ainda existe muita gente ainda têm em casa essas velhas tecnologias. O vídeo foi interessante porque mostrou desde a era do rádio até os dias atuais. Para os dias atuais são velhas tecnologias: o jornal, as revistas, a imprensa de um modo geral. Hoje você tem whatsapp, você tem o celular. E assim licença, a gente trabalha com aula expositiva, mas o aluno o que e que ele pergunta: Você não vai passar slide hoje não? A senhora vai usar o quadro? Então para ele o quadro já é uma velha tecnologia. Eu sou da época do quadro de giz eu vou completar 31 anos de estado eu comecei com 18 anos.</p> <p>Professor 4 - O que eu pude observar foi essa evolução da tecnologia e eu acho que a gente tem que ter só um pouquinho de cuidado. Com relação à sala de aula, ela tem um lado positivo na vida. Como é que poderíamos utilizar em sala de aula (a exemplo o acesso à internet) porque às vezes se torna viciante para o aluno tem uns que realmente é difícil mesmo não consegue deixar de olhar um minuto a gente fica pedindo para guardar, essas coisas todas.</p> <p>Professor 5 - É aquela história, eu penso que toda a tecnologia bem empregada surte um efeito, agora você tem que ter planejamento, um foco, objetivo para poder aplicar. Não sou contra nenhuma delas, mas as minhas aulas, por exemplo, aluno não usa celular, tá com celular, eu tiro.</p>		

Naquele momento celular não é importante. Agora, se eu for fazer uma pesquisa, se eu quiser mostrar um gráfico, o celular passa é importante. Então, deve-se aprender quando usar! A meu ver tudo vale a pena desde que você saiba usar e essa parte do saber usar, porque eu acho que para o professor de história, professor de geografia, para o professor de biologia... Eu tenho um colega lá na outra escola que vai com a mala de aparelho, porque é muito mais interessante para o aluno à aula visual então ele põe um filme, leva não sei o que lá, beleza... Para ele é bom. No meu caso, é interessante, mas eu sou professora de matemática tem coisa que vale a pena trazer, e tem coisa que vale a pena você construir. Às vezes um pedaço de pau é mais interessante do que vídeo, então dependendo de cada um. O professor de português às vezes que abordar alguma coisa sabe sobre língua estrangeira mostra um filme. A mídia é muito boa eu acho que a gente tem que aprender e como usar pra realmente valer a pena. Não sei nada, eu sou péssima então se eu tivesse que filmar alguma coisa ia sair tudo embaçado, eu queria saber como usar melhor. Eu não sei filmar, eu não sei fotografar, mecho no celular o necessário. Sabe eu estava tendo problema com a minha turma, alguns alunos na minha turma não têm absorvido o exercício que eu tinha passado. Peguei o celular em casa, levantei, o teu papel embaixo filmei eu falando, explicando de novo, passo a passo como fazer o exercício e mandei para eles porque eu tinha como, a gente fez um grupo, e eu mandei para eles. Eu não esperava que fosse ter um retorno, uma repercussão tão grande, todo mundo "professora adorei aquilo ali". Eu não fiz nada gente eu não demorei três minutos com celular parado assim. "professora vou me inscrever no seu canal "êpa, onde é que eu tô aqui eu não sei. Então foi uma coisa simples, usando uma medida simples, e claro que não foi perfeito, que já teve aluno que disse" professora se você quiser eu edito para senhora".

Professor 6 - Assim na minha cabeça hoje, o grande desafio enquanto escola é trabalhar melhor, por exemplo, a questão do celular ele pode ser altamente interessante para gente porque os alunos gostam, mas eles não podem estar o tempo inteiro com o celular. Eu acho que descobrir esse meio termo é o grande lance, né?

Professor 7 - Eu tô assistindo uma série chamada tal, para mim a coisa mais legal essa coisa da velocidade né a velocidade da informação do compartilhamento, assim.

Professor 8 - Eu estava analisando o uso das mídias. A mídia não teve durante um bom tempo a velocidade que tem hoje em dia. Então, a gente também tem que ter consciência que a gente está vivendo um processo que nunca foi tão rápido, durante muito tempo a gente vinha com o jornal, com a carta, a comunicação era feita por telegrama, depois a gente teve uma evolução, aí veio o rádio, e tal. Acho o quê?... 30 anos, talvez menos, a gente teve um saldo de uso das mídias gigantesco. Então assim, temos que ter consciência que a gente está dentro desse processo e que vai usar muito desses processos midiáticos aí pela frente, num é? E o que me chamou atenção também, foi justamente a capacidade que a gente tem hoje em dia da comunicação mesmo em si, né? As mídias hoje facilitaram muito a comunicação. Então, a gente tem que saber fazer, e usar as novas mídias né. Por exemplo, como Dolores falou né, em relação ao celular, realmente, dentro do aspecto dela já não tem..., já eu, pra mim, eu uso muito o celular em sala de aula, desde usar para fazer uma tradução de uma palavra, desafio... Então eu uso muito celular em de sala de aula assim a gente tá vivendo um momento muito ímpar, muito ímpar mesmo, que a gente está se adaptando. Enquanto para matemática talvez ainda seja um processo, pra biologia já tem o uso da mídia de uma maneira muito boa, imagina você ter um corpo humano 3D em uma sala de aula, você jogar uma imagem e mostrar aonde circula tal, passa por tal né, então assim, realmente eu acho que é uma adaptação. Como geografia, de repente você abre o Google e mostra um mapa, como eu fiz uma vez, eu estava fazendo um texto sobre Pompéia, aí eu falando sobre Pompéia, foi até

prova, fui corrigir e tal, ai eu fiz "perai pessoal, me deixa mostrar aqui aonde tá Pompeia" abri o Google, e mostrei "olha pessoal aqui que fica o vulcão que explodiu tá aqui o Vesúvio" "tá vendo ai, a cidade" então imagina aí a riqueza que você vai levar pro seu aluno".

Professor 6a- eu tive uma experiência com os alunos do quarto ano a gente ativou o Google Maps, e localizou (claro que não consegui fazer com todo mundo) a casa em que eles moravam, a gente botou o endereço da escola, e chegou. Isso foi extremamente mágico, agora, assim, foi muito tumultuado, pois muitos queriam fazer, mas, é interessante como uma ferramenta simples que pode ser usada de uma forma tão positiva em sala de aula.

Professor 9- eu vou trazer o livro didático, por que essa tecnologia, na verdade, desde que o homem começou a escrever mesmo com uma pedra, já é uma técnica né, de comunicação. Então a tecnologia que a gente fala hoje, acha que é só o que existe hoje, mas, desde que o homem tentou se comunicar, nós estamos falando de tecnologia. E nós temos o livro didático que é uma ferramenta que está sendo obsoleta. No entanto, nós estamos investindo anualmente fortuna neste livro didático. E nós não estamos sabendo na verdade é fazer o uso das ferramentas que nós temos, no nosso processo de ensino, porque a gente nem acaba utilizando o celular e nem usando... Ou seja, as novas técnicas né, de comunicação e de ensino como também a gente não acaba usando o livro didático. Alguém já assistiu Fahrenheit? Pronto, você vê que é um filme antigo, e ele já previa né, esse momento atual, e ele foi guardado, e é importante que a gente mostre para os alunos que apesar do que nós temos hoje, mas é cíclico, porque hoje se volta o vinil né, então, toda técnica um dia ela volta, por que a gente passa a sentir necessidade do à gente não tinha. Já existe um movimento pela carta, né. Então é importante que a gente saiba de todo movimento, e que o estudante, ele tenha o conhecimento do processo, de tudo, de como as coisas se desenvolve né, de como a humanidade ela se transforma isso para mim é que é o ponto chave do ensino né, você mostrar o que existiu antes e como é hoje e ele manusear. Então assim, eu acho que a partir do momento que a gente planeja e determina, faz um planejamento que aquela aula vai ser com livro didático, então, por favor, todos tragam o livro didático para a gente inclusive não ter problema de "ah, o menino não trouxe o livro didático hoje", mas, se ele traz um dia e não usa então ele também fica sem... Porque como já existe outras técnicas ele fica sem noção do quê que vai ser a aula. Então no momento que você planeja e fala "olha nessa semana a gente vai usar, dia tal livro, dia tal celular, dia tal vídeo" então, é importante porque ele mesmo vai criar uma disciplina com os instrumentos que ele vai trazer para a sala. Então assim é só para gente refletir também que tudo é válido, e que é importante que a gente coloque tudo no processo de ensino.

Professor 10- estava falando com a professora e de certa forma (eu disse até pra minha colega) a gente não pode abandonar a pré-história, desde que o homem conseguiu bater pela primeira vez na pedra, e fazer um som, já é uma tecnologia, então, a gente deve aprimorar, no meu caso aqui, eu acho que o livro didático é fundamental, principalmente para esses guri da nossa realidade, que nem todos têm essa capacidade de fazer essa diferenciação porque os pais não tem esse acesso ou o acesso dele é apenas o Whatsapp, e só, né. E a realidade da nossa escola, é uma realidade tecnológica, pelo menos eu, vejo assim. Agora que, nós professores, eu entendo a professora aqui, que eu acho interessante não abandonar o livro didático, eu também digo para ele, digo "olha um livro dessa custa 120 reais" 120 contos e você não valorizar, meu amigo, você está matando seu pai e sua mãe indiretamente.

Professor 9- e outra, o livro didático ele é ótimo, ele tem a função de fazer com que o estudante, ele aprenda a pesquisar em biblioteca, afinal de conta, nós temos bibliotecas. Então se o aluno chega à academia, por exemplo, e ele precisa usar a biblioteca, ele não vai saber abrir nem o livro,

ele não sabe nem o que é um índice, nem o que é um sumário. Consideramos que cada um de nós é uma unidade, somos heterogêneos e acho que é importante trazer essa diferença, para quem gosta de livro, fazer com que todos tenham um contato com as técnicas.

Professor 11- primeiramente, eu gostaria de dizer que em se tratando da análise do vídeo em si, Cláudia fez um resumo completo né, didaticamente é o que o vídeo realmente apresenta uma evolução. Agora, eu gostaria de tocar em dois pontos aqui, essa questão de velha e nova tecnologia, isso aí é um subjetivo né, é claro que, por exemplo, se você for perguntar o que é velha tecnologia à gente vai dizer o rádio, o jornal impresso, só que é velha tecnologia pra hoje, mas no seu momento já foi nova tecnologia, o rádio já foi tecnologia, o telefone com fio já foi nova tecnologia, e, outra coisa que me chama atenção é esse vídeo serem passados para uma classe de alunos, é perfeito, porque ele é didático, para mostrar justamente essa evolução. E outra coisa curiosa, que ele falou sobre a questão do uso do quadro que muitas vezes os alunos ficam pedindo para usar slides, não é uma verdade absoluta não, eu vou dizer por que, num trabalho nós tivemos justamente esse curso de vídeos aqui na escola e os profissionais dessa empresa tiveram aqui, e eu vou dizer uma coisa Cibelle, é que eles não tinham dinâmica não, pelo contrário eles eram bons profissionais, bons orientadores, é que nossos alunos não conseguiam captar a mensagem, ou não conseguiam levar a sério, então, o trabalho deles estavam muito bem feito né, a proposta que foi jogada para que eles dessem esse curso para os alunos e produzissem vídeos foi perfeito, na verdade, o que faltou foi falta de interesse, por que, os alunos achavam perda de tempo essas aulas como se tivesse atrasando a programação das aulas de português ou de qualquer outra disciplina, então isso aí já é uma mentalidade atrasada do aluno né, então os alunos achavam, disseram que era perda de tempo, que isso não ia valer nada, que isso atrasava o conteúdo, e tudo isso valia. E outra coisa também, eles são assim, apegadíssimos a questão do quadro branco, eles são apegadíssimos. Quando você não usa o quadro branco, quando você não registra conteúdo no quadro branco tá certo, para eles, isso é sinônimo de não ter tido aula, por mais que você use altas tecnologias, inovações, entendeu, coisas interessantes, mas, um simples registro que ele pode tirar ali do quadro e jogar no caderno e chegar em casa (se é que ele faz isso) mostra ao pai e mãe teve aula, então pra ele isso já é suficiente. Então assim, a nossa geração é uma geração contraditória né, é uma mistura do velho com o novo, eles têm essa mentalidade ligada às novas tecnologias, mas o pensamento ainda, em se tratando de aluno, aqueles alunos dos anos 60/70 onde ainda tem que registrar tudo. Então na verdade, é uma geração que nasceu com internet, mas com mentalidade de gente velha né, com mentalidade velha, então assim, é interessante isso tudo aí né.

Professor 6 - Eu acho que a gente não pode também generalizar muito, por que na verdade qual é a função do slide? É para dinamizar a aula. se eu pego o que escrever no quadro e boto em um slide pra mim é não ter muita função. Eu me lembro muito do professor Paulo de biologia, e ele trazia umas aulas assim que eu entrava na sala, eu não queria atrapalhar por que os alunos estavam extremamente ligados. Eu acho que também é interessante trazer o slide, mas qual é o objetivo desse slide?

Professor 11- professora, só um detalhe, não é questão de generalizar, o slide é importantíssimo até por que eu uso até demais, os slides dando o conteúdo da aula, mas assim, o que a gente não pode fazer é uma overdose, né? Do uso desse material, tem que haver um equilíbrio, você tem que colocar tudo na balança né, é claro que não tem como negar o uso do celular dentro de sala de aula a partir do momento que todo mundo tem acesso à internet, você usar o celular como Fábio faz, isso é perfeito, tranquilo, assim como o livro impresso não pode acabar nunca. Você foi muito feliz na sua fala, porque quando eu disse assim que o aluno fala: professora você não vai trabalhar com slides hoje, na maioria das vezes é aquele aluno que é preguiçoso, porque a gente sabe que na nossa sala de aula nós temos alunos diversificados, agora eu também sou adepta do

livro didático, sou adepta também a copiar muito no quadro, mas a gente tem que ter esse equilíbrio, concordo com você à gente nem pode usar só o quadro, nem também só o slide.

<p>Hipótese 2 - Produtor crítico</p> <p>Os professores não utilizam as mídias de modo a se expressar e produzir sua existência. Acabam por apenas reproduzir o que lhes chega já pronto e acabado, assumindo como sua realidade. Através das mídias o professor pode agir e atuar sob a sociedade e a escola, mas não o faz.</p>	<p>AGP 2 - Quatro professores irão retirar de dentro de uma caixa afirmações acerca do papel dos profissionais em educação para o ensino das mídias com base na proposta de Belloni (2002); Belloni (2009), e deverão se posicionar criticamente, argumentando sobre a concordância ou discordância das afirmações.</p> <p>AGP 3 - Responda os seguintes questionamentos: Que tipo de mídias você utiliza para se comunicar e o que costuma comunicar? Você já utilizou alguma mídia em sala de aula como fim para socialização de pesquisa? Qual foi a proposta?</p>	<p><b>Aprender Através das mídias para uma produção crítica</b> (BELLONI, 2002; BELLONI, 2009)</p> <p><b>Quanto ao papel dos profissionais em educação para o ensino da mídia Belloni (2009, p.8) aponta:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Demandas educacionais ampliadas: clientela mais numerosas com mais anos de estudo (formação ao longo da vida);</li> <li>• Convergência dos paradigmas presencial e a distância e transformações dos dois atores principais: “o professor coletivo e multicompetente e o estudante autônomo”.</li> <li>• Integração dessas tecnologias de modo criativo, inteligente e distanciado, no sentido de desenvolver a autonomia e a competência do estudante e do educador enquanto “usuários” e criadores das TIC e não como meros “receptores”.</li> <li>• Mediatização do processo de ensino/aprendizagem aproveitando ao máximo as potencialidades comunicacionais e pedagógicas dos recursos técnicos: criação de materiais e estratégias, metodologias; formação de educadores (professores, comunicadores, tutores); produção de conhecimento.</li> </ul> <p>Assim como a alfabetização passa a ser um direito do cidadão na modernidade e corresponde à difusão da imprensa, a formação do cidadão do século XXI deve incluir necessariamente, uma “alfabetização técnica”, e ir além dela, buscando a formação integral, que abrange tanto os aspectos técnicos das “regras da arte” de cada suporte tecnológico, incluindo o conhecimento de suas potencialidades pedagógicas (BELLONI, 2002, p.30).</p>
--	---	--

## AGP 2:

**Afirmção 1: Quanto ao papel dos profissionais em educação para o ensino da mídia, Belloni (2009) aponta: convergência dos paradigmas presenciais e a distância e transformações dos dois atores principais o professor coletivo e o multicompetente, e o estudante autônomo.**

*Coordenador de diálogo (Cibelle)- e aí, existe essa convergência? Vocês concordam que existe essa convergência desses paradigmas das aulas presenciais e a distância? E existe também essa mudança ou essa necessidade desses dois tipos de personagens, o professor que ele é coletivo*

*e multicompetente e o aluno que é autônomo? Vocês acham que isso já existe que está se encaminhando para isso, vocês concordam ou não concordam?*

Professor 12- é porque assim, como nós estávamos falando antes sobre o processo de mudança em relação às novas tecnologias, nós estamos passando por diversos processos de mudanças, estamos do meio de uma mudança muito significativa na sociedade em relação à educação principalmente também por causa da evolução das tecnologias antigas para chegada de novas tecnologias, e de uma mudança na forma das próprias pessoas pensarem, de raciocinarem. Muitas pessoas hoje vêm à educação de uma maneira diferente. O autodidatismo está se tornando um fenômeno cada vez mais constante, tá deixando até de ser fenômeno, para ser uma coisa natural. Hoje nós procuramos as formas de ensino à distância e nós vemos as formas de ensino à distância não só como profissionais de educação, mas como cidadão comum, os cidadãos comuns veem o ensino a distância como algo muito mais acessível e muito mais lógico, muito mais realizável. Antes, o ensino a distância, ele tinha uma característica que era vista pelas pessoas de uma forma muito negativa, com pouquíssima confiança, eu era uma dessas pessoas que há um tempo não confiava em ensino à distância e depois de conhecer o processo por dentro, e ver pessoas que alcançaram seu lugar na sociedade profissionalmente falando, através do ensino à distância. A gente vê como funciona quando bem aplicado, quando bem assessorado, e aí eu volto a tudo que vocês e que os colegas aqui já falaram sobre a questão do planejamento da elaboração da estrutura, por que sou necessário que haja uma estrutura pedagógica, que haja essa estrutura pedagógica montada em cima de um planejamento de uma elaboração adequada, eficiente, e assessoria para os alunos, os estudantes no caso, então, eu vejo como algo possível sim.

Professor 6 – Mas assim, se a gente trouxer esse contexto de autonomia para dentro da escola, a gente sabe que é algo necessário, mas, é algo muito distante... Dentro do chão da escola é muito difícil, porque a gente tá dentro de sala de aula corpo a corpo com esse menino e temos dificuldade agora o que desejamos é essa autonomia.

Professor 5- O contraponto dessa história é que (concordo plenamente com planejamento pedagógico tudo isso dá certo) mas, continuamos dependendo do compromisso do aluno, e eles estão cada vez menos compromissados. Então, essa cultura do “autodidatismo” essa cultura deles serem estimulados a estudarem sozinhos precisa de um compromisso muito forte que a família não nos apoia nesse ponto. Eles estão pensando como batata, e é muito difícil ensinar uma batata a fazer alguma coisa. Então, vai partir da nossa geração atuar na sala de aula, conduzir esses meninos tão pequeninos ainda, a aprender a ficar sentado, aprender a ler sozinho, aprender a compreender o que está lendo, e aprender a pedir ajuda porque, muito deles muitas vezes ficam "aí eu não vou pedir ajudar não, porque eu tenho vergonha" isso eles tem que que trabalhar sozinhos. Você não pode ter esse tipo de comportamento! Então, eu acho que estamos no momento atual no processo de mudança, vai chegar lá, vai chegar lá e você vai achar que é um fundo negro.

*Coordenador de diálogo (Cibelle) - e o papel do professor no caso? Porque a gente falou agora sobre o papel do aluno papel do aluno na questão da autonomia e o professor multicompetente, e aí?*

Professor 13 - com relação ao autodidata aí, eu acho que a falsa sensação de muitas informações ao mesmo tempo, de nem se quer checar se a fonte é real, se não é real, leva aquela falsa sensação de que eles sabem né, então, o tempo todo eles pensam que eles sabem, mas no fundo, no fundo, quando você pára para conversar sobre determinado assunto que você domina, você vê que a pessoa não entende nada né. Com relação ao professor ser autodidata, multitarefas não sei o que, eu acho que a gente precisa também de uma formação continuada, eu vejo tempo cobrar de

toda equipe, você tem que ser isso, tem que ser aquilo, de lá para cá não vejo nada, absolutamente nada, eu cresci minha vida inteira ouvindo que promotória pra a gente tem que ser provocada, eu só vejo essa promotória daqui fazer contra os professores sem ser provocada, por conta própria eles decidiram, só vejo isso, de lá para cá não vem nada. Nosso planejamento por exemplo, se a gente tivesse um ambiente virtual eu poderia me reunir com minha equipe sem estar presente fisicamente, nós temos? Não temos. Detalhe, esse ambiente virtual nem é pago, a gente só precisa de um programador aí da secretaria que fizesse para cada escola, ou para cada região, nem isso a gente tem. É muito bacana pedir pra você ser autodidata, ser autosuficiente, estar aberto. Bom, eu acho que a abertura é assim, quando você chega para uma pessoa e diz "olha, vai fazer isso assim" é uma coisa, mas quando eu chego para ele e "olha aqui, de rocha" e ele entenda que aquilo ali vai ajudar a vida dele, eu acho que o grande problema é entender isso. Eu tô agora lá com o pessoal para fazer reunião pra orientação do pessoal do PPP das escolas, se você senta com o professor "o que é o PPP pra você" pra ele é burocrático, não faz parte do dia a dia dele certo, a culpa é dele de pensar assim? Não, é porque esse foi o papel do PPP sempre.

Professor 12- Veja, por exemplo, numa prova de progressão parcial, "mas o aluno não teve interesse, não quis estudar" tem uma conversa que eu tenho há um tempo com os alunos desde começo do ano, e começou com uma dinâmica inclusive falando sobre autonomia. Uma criança como Heitor (criança de cinco anos presente no dia da dinâmica) ele já tem, já é dotado de certa autonomia, lógico que essa autonomia tem limitações. Ele sabe, por exemplo, a hora que ele tá precisando ir ao banheiro, então ele tem essa autonomia para decidir, quando ele era menorzinho ele não tinha autonomia então, era necessário usar fralda, conforme você vai crescer, você vai desenvolvendo cada vez mais autonomia, essa autonomia vai se ampliando, conforme seu discernimento também se desenvolve, Assim, tendo isso em vista, a gente tem que pensar (pelo amor de Deus não me entenda mal) mas a gente tem que pensar sempre que nós temos que lidar com aquilo que está dentro das nossas possibilidades.

**Afirmção 2- : Quanto ao papel dos profissionais em educação para o ensino da mídia, Belloni (2009) aponta: Mediatização do processo de ensino e aprendizagem aproveitando ao máximo as potencialidades comunicacionais e pedagógicas dos recursos técnicos, criação de materiais estratégicos metodológicas; formação de educadores, professores comunicadores tutores; produção de conhecimentos.**

Professor 1- Então, aproveitar esses cursos técnicos né, os materiais, as metodologias diversas e, para isso é necessária à formação dos professores, como o professor estava dizendo né, eu acho bem interessante assim, eu gosto de procurar metodologias novas, muito embora, às vezes quando eu chego, venho bem empolgada que aprendi uma metodologia nova, jogo para os alunos não querem fazer "ah, não". Na formação do município a gente se reúne sempre e a gente tem acesso a novas tecnologias né eles trazem pra gente novas experiências, pessoal das outras escolas trazem também os palestrantes e trazem experiências de outros lugares ,então de vez em quando eu pego alguma coisa para aplicar. Mas, é bem frustrante quando você vem, ai vídeo, vamos fazer um vídeo disso, daquilo lá, usar app "ah professora, não, passa um trabalho para gente escrever" então, essa falta de vontade dos alunos, às vezes também desestimula a gente né, esse ano eu tô querendo aprender, para trabalhar com podcast que é uma coisa que eu nunca ouvi falar e lá na formação a gente aprendeu, só que eu esbarro na dificuldade técnica, primeiro, que eu nunca fiz, eu não conhecia, eu tô na fase de ouvir e entender a linguagem como é que é, e depois vou tentar baixar algum aplicativo para ver como que se grava. Lá na formação disseram assim "não mais é que a gente não sabe, mas os alunos todos ouvem," mas, eu já andei fazendo uma pesquisa e eles não sabem nem o que é, então, para passar para eles, primeiro eu tenho que dominar aquilo, não posso chegar para eles e dizer "se vire, e faça aí" se nem eu mesma sei fazer. Então assim, precisa realmente pra gente aproveitar tudo isso a gente precisa de uma formação né, pra entender o que é, e poder passar.

**Afirmção 3: Quanto ao papel dos profissionais em educação para o ensino da mídia, Belloni (2009) aponta: A interação com a tecnologia de modo criativo, inteligente, distanciado, no sentido de desenvolver uma autonomia e competência do estudante e do educador enquanto o usuários e criadores das TI e não como meros consumidores.**

*Coordenador de diálogo (Cibelle) - É seu papel pegar esses alunos e fazer com que eles deixem de ser meros consumidores e passem a ser produtores de informação?*

Professor 10 - Eu fui professor na Escola Doutor Severiano lá em Macaíba, eu nunca me apropriei da linguagem e conhecimento tecnológico, questão de medo. Mas sempre eu desafiei os meus alunos, eu dava aula em Macaíba e sugeri deles fazerem um vídeo e os alunos saíram de Macaíba e vieram fazer um vídeo aqui no Parque das Dunas quando eu dava aula de geografia lá, acho que às vezes eles criam muitas coisas boas. Esse ano eu tive uma experiência, porque a gente não tem livro de história né, no ensino fundamental tem que ficar na escola, então a atividade de casa é assistir vídeo, fazer um comentário, uma frase, um texto e, tem muitos alunos que chegam com a resposta daquele vídeo eu acho que eles produzem.

Mas a pergunta é: É seu papel fazer com que eles (os alunos) deixem de ser meros reprodutores daquilo que eles veem e passem a ser produtores de conteúdo?

Professor 10 - Eu acho que não é papel do professor não, professor pode sugerir mas o próprio aluno chegar e dizer que vai deixar de ser consumidor para ser produtor acho difícil.

Professor 12 – A gente tá tendo uma experiência à tarde né, com o aluno Alessandro devido a dicção dele ser muito boa, o cara tem conhecimento, aquela coisa toda, e tal, a gente está sugerindo dele fazer um canal no Youtube, aí ele aceitou o professor está orientando, ele gosta das Artes né, então é por esse lado, deixa de ser consumidor e tá passando... agora é um universo né.

Professor 13- A nova BNCC sugere que esse papel seja nosso, né? que a gente faça com que os alunos eles tenham protagonismo no aprendizado deles, ou seja, que eles consigam produzir conhecimento. Então diz que a gente precisa fazer isso, certo? A partir do momento que eu digo para o aluno que ele não deve ser só consumismo, que ele não deva só consumir essas mídias, ou essas TIC's e que ele passe a produzir também, significa dizer que eu tenho domínio tal, que eu consigo fazer o aluno dominar, criar e produzir. Beleza! Sugere que a gente seja assim, não disse como é que o professor vai dominar isso, como é que o professor vai conseguir enxergar isso, de tal maneira que ele possa fazer o aluno perceber que ele possa pegar tudo isso e produzir conhecimento, dizer que isso é papel do professor pode até dizer, mas daí para a prática não é muito simples.

Professor 5 – Ai nossa situação é de descobridor, precisa descobrir um aluno que tenha condição de, ou esteja maduro o suficiente para produzir, agora ensinar a produzir eu acho muito difícil.

Professor 14 - Eu acho assim, se apropriar do conhecimento é tão importante quanto produzir conhecimento, temos um mero consumidor, nos desafiaria criar as condições para que isso aconteça, as condições técnicas, as condições do tempo. O professor fica muito em sala de aula e ele é encarado assim, como professor de sala de aula. Falta tempo pro professor pensar, planejar e executar tudo isso. Enquanto no Brasil não se mudar a esse modelo, esse paradigma, nós não vamos sair do lugar. Porque tá tudo aí, o desafio está posto, isso é imprescindível, esse avanço, a gente

tem que enfrentar isso, mas é preciso repensar a estrutura, o layout da sala de aula, a estrutura de horários, tudo isso é fase para que isso aconteça realmente, na minha opinião.

**Afirmção 4: As demandas educacionais estão ampliadas, clientelas mais numerosas com mais anos de estudo e formação ao longo da vida.**

*Coordenador de diálogo (Cibelle): Mais gente nas salas de aulas, mais anos de estudo, e além de terminar esses anos de estudos a necessidade de continuar estudando.*

Professor 12 - Porque assim, por trabalharmos com ensino médio e fundamental, eu acho que a gente está focando muito só nesse ponto. Mas o ensino ele vai para além das fronteiras acadêmicas, o ensino também é dentro de casa. O ensino formal, estudo das ciências, é na escola, é em cursos de aprimoramento pessoal como, por exemplo, o curso de idiomas, que você faz curso de informática, outros cursos de aprimoramento, pós-graduação, mestrado, tudo isso conta como tempo de formação, como tempo de estudo ao longo da vida. Hoje em dia é muito comum uma pessoa formada, ter mais de uma especialização, mais de uma pós-graduação. Tem gente que fez mestrado, já tá fazendo o mestrado pensando no doutorado, então isso não era acessível para uma grande parcela da população que existe hoje, isso não era acessível para essa população, eu não gosto de usar essa palavra porque é muito modinha, mas enfim, isso era muito *elitizado*, e hoje você tem pessoas muito comuns que não fazem parte da elite, mas, que tem acesso largo a essa formação educacional. Então, quando se fala de formação ao longo da vida eu entendo isso, não apenas no ensino fundamental ou médio, mas além dessas fronteiras.

Professor 15 – Hoje a gente tem essa parte ai da graduação, os alunos mesmo do CAL, inúmeros, que encontro “Professora tô fazendo biologia, tô fazendo isso, tô fazendo aquilo” que há alguns anos agente num encontrava, né? Até os alunos do noturno que era bem fechado, era um que saía pra uma universidade. Ai tem aluno fazendo educação física, tem aluno gastronomia, muitos alunos que eu vejo.

AGP 3: Que tipo de mídia costumava utilizar? O que costumava comunicar?

Professor 4 - skype, whatsapp. Conversa mesmo

Professor 11- o celular mesmo né, as mensagens que a gente comunica as besteiras do dia.

Professor 6 – O celular, mas nem sempre agente comunica besteiras, porque tem os grupos de trabalho.

Professor 12 - tanto para publicação pessoal familiares, pessoas mais conhecidas como trabalho e lazer redes sociais, aplicativo de mensagens, aplicativos programas para usar a voz em tempo real, Skype.

Professor 14- Redes sociais, para comunicar tanto assuntos profissionais quanto pessoais.

Professor 16 - Whatsapp Mandar mensagem para professores mensagem profissional no grupo

Professor 13 - Eu uso o Whatsapp, e-mail e plataformas digital, cada um objetivo diferente, no Whatsapp geralmente conversas mais curtas, direta, né? Também mais instantânea e-mail mais formal e plataforma trabalho também, mas mais planejamento e execução de alguma coisa que eu precise fazer tanto com aluno, tanto com professor também.

Professor 17 - Whatsapp e e-mail também, como eu agora tô pedindo só trabalhos por e-mail porque ficava difícil até para receber como só tem uma aula, eu tô acabando usando as redes sociais para poder passar até revisão de prova, como o tempo é curto de aula então eu grava um vídeo, e passo para eles para ter uma forma de comunicação mais rápida.

Professor 3 - Whatsapp e-mail plataformas digitais porque eu estou fazendo uma pós à distância e termina agora em dezembro e assim. Vídeo conferência também, ultimamente a gente tá trabalhando muito, mas no meu dia a dia o Whatsapp.

Professor 10 - Wats, face, e-mail, plataformas eu estou na luta.

Professor 16 - Instagram, Facebook plataforma digital. Trabalho e para o meu dia a dia mesmo

Professor 18 - Whatsapp e redes sociais também, plataformas to na luta tambem.

Professor 8 - Whatsapp Instagram, o Messenger, o Facebook as plataformas digitais também, tanto trabalho, como vida pessoal.

Professor 5- Whatsapp Instagram, e-mail, plataformas. Para trabalhar e para me comunicar com o povo de longe

Professor 4 - Whatsapp e e-mail

Professor 2 - Whatsapp e e-mail

Professor 15 - Whatsapp, Instagram, e-mail, eu uso muito whatsapp agora, uma coisa que eu não usava era o vídeo, e o Whatsapp ajuda muito por causa do curso de libras então não dá para passar mensagem às vezes, a gente quer tirar dúvidas e tem que ser por vídeo para fazer os o pessoal ver o sinal e tudo, então tá facilitando muito.

Professor 1- Acho que Internet eu uso bastante, Whatsapp, Facebook Instagram eu uso para me comunicar com pessoas, parentes distantes, pessoas do dia-a-dia, informações práticas de trabalho, de família uso para me informar também, saber o que é que tá acontecendo no mundo.

*Coordenador de diálogo (Cibelle) - Você já utilizou alguma mídia em sala de aula? Qual foi a proposta?*

Professor 11 - - Facebook eu já usei bastante, ainda uso, quando eu crio grupo de amigos no Facebook, muitas aulas que eu dou é com Powerpoint que eu mando via grupo. O Facebook acabou se tornando uma forma deles pegarem as aulas dadas em sala e estudarem o conteúdo, quando querem.

Professor 12 - Normalmente eu uso o Whatsapp, porque é o mais comum entre todos eles e Facebook. Essas outras redes sociais exigem que você tenha adicionado alguém. Geralmente é para divulgar algo que foi produzida em sala, algo que foi passado em sala que alguém perdeu, eu tô tentando passar agora para as redes sociais, montar algo nesse sentido, pra gente publicar.

Professor 13 - Padlet, ment.com e moodle. O Padlet é um programa em que você faz slides colaborativos. Ment.com é um programa em que você lança uma discussão e todo mundo vai respondendo também ao mesmo tempo, e ele vai colocando, as principais palavras vão pro centro, e as que não tão sendo muito comentadas vão ficando nas periferias, só que tudo que tá sendo discutido vai aparecendo. É como se fosse uma discussão online, você digitou aqui, aparece lá. Mas você tira quem escreveu o que, você fica anônimo, a gente vai vendo as ideias que vão convergindo, vão tendo uma amostra maior lá no centro. E o Moodle é uma plataforma maior, também gratuita, que é o que eu sugeri que a escola de repente tivesse lá na secretaria a gente tá usando, por exemplo, uma agora, não é da secretaria, é a do Instituto Kennedy. Eu sei que tem programador na secretaria, como é gratuito qualquer escola se tiver uma pessoa pra programar, pra fazer, é simples de usar, usaria. Hoje, eu acho que o maior problema de todo mundo é tempo, esse é o problema, então se eu preciso me reunir, não preciso estar fisicamente, seria muito mais tranquilo. A rede é para isso, mas, infelizmente, a gente vem aqui, discuti tudo isso, mas, na prática não consegue fazer absolutamente nada.

Professor 12 - Eu acho que, especificamente no caso do projetor, o objetivo primário é reduzir a quantidade de coisa que eu escrevo dinamizar a aula. Como professor de português obrigatoriamente acabo escrevendo muito. Então, se eu puder colocar no projetor metade das coisas que eu precisaria escrever facilitaria muito passar a matéria para os alunos e escrever no quadro apenas o que é necessário. Outro objetivo é facilitar a interação em sala de aula, aumentar o interesse dos alunos trazer para dentro da sala de aula coisas que são do conhecimento do aluno fora da escola de uma maneira mais interessante, ou trazer para eles novidades que vão fazer com que ele se envolva mais com a aula.

Professor 13- Eu só queria complementar, eu acho que cada mídia dessa tem um objetivo diferente, por exemplo, kahoot, eu acho que a galera de inglês usa bastante para que os alunos participem como uma gincana online, vão responder e vai sendo gerado em ranking, eu acho que o objetivo do kahoot vai é fazer com que o aluno fixe algumas ideias, ou que ele discuta algumas de uma maneira, vamos dizer, mais despojada, mais tranquila, mais lúdica, quando eu uso o padlet, por exemplo, na verdade, eu quero que eles confrontem as ideias deles. O cara digitou aqui aparece na tela. O cara pensou, escreveu: "vixe, o cara pensou assim, eu não tinha pensado assim". Então é confronto de ideias. Eu acho que cada mídia tem um objetivo, quando você começa a dominar você vê "ah, isso aqui vai servir para mim em tal situação" acho que o datashow tem essa dinâmica de você fazer as coisas umas pouco mais rápidas, você tem mais tempo para discutir, e passar menos tempo copiando, então acho que cada mídia tem um objetivo diferente.

**Qual o objetivo, por exemplo, de uma produção audiovisual?**

Professor 8- Eu gosto muito, eu acho que no caso da língua inglesa (a linguagem audiovisual) é para prática. Geralmente a gente pede para que faça uma produção de vídeo, fazer um filme, para trazer algo diferente, e os alunos vão se ver, eles vão refletir sobre o que produziram. É prática mesmo, a prática da língua no caso, então geralmente eu faço.

Professor 10- Não sei se é porque eu sou um pouco abestalhado nesse sentido, porque o seguinte, só em o aluno está reunido, discutindo aquele assunto, para mim já é fantástico, por exemplo, agora mesmo eu tô com desafio, todos os alunos vão fazer teatro. Minha prova vai ser um teatro, já defini para eles conteúdo da segunda guerra mundial de acordo com a sala, então os grupos já estão trabalhando. Já foi definido, eles vão lá, eu vou ver como é que tá vou acompanhar aquela coisa toda. No vídeo, eu dou pra ele o tema, aí eles saem, vão pra pesquisa, volta para mim, eu vejo se tá bom, e se não tá bom eu mando "esse negócio tá errado" eles se danam porque boto lá "isso aqui tá errado" então você tem que refazer. Eu acho que só isso para mim já é o suficiente, construir não é fácil, sem falar que eu amo demais quando eles brigam. Brigam para fazer uma peça.

<p>Hipótese 3 - experimentação e apropriação de sua forma instrumental e metodológica dos recursos multimídia</p> <p>Os professores utilizam as mídias apenas como meio instrumental, não percebem que como ferramenta pedagógica, as mídias podem auxiliar no desenvolvimento de novas práticas educativas.</p>	<p><b>AGP 4</b> - Observe dois exemplos de produções de vídeo feitas por alunos de nossa escola. Faça um comentário acerca do que você considera competência técnica e outro acerca de competência pedagógica.</p> <p>Vídeos: Civilizações<sup>24</sup> e Literatura de cordel no RN<sup>25</sup></p> <p><b>AGP 5</b> – Você tem disponível uma câmera filmadora, um gravador e cinco computadores com acesso à internet. De que modo você utilizaria esses recursos em aula?</p>	<p><b>Aprender com as mídias, experimentando seu uso instrumental e pedagógico.</b> (BELLONI et al, 2002; BELLONI, 1995)</p> <p>Considera-se que:</p> <p>No campo da educação, de modo geral, ignora-se a questão, reduzindo os meios a seus aspectos meramente instrumentais, como se fossem ferramentas neutras e não meios produtores de significados. (BELLONI et al, 2002, p. 31)</p> <p>É importante lembrar que as potencialidades emancipatórias dos meios de comunicação e de educação dependem da capacidade dos indivíduos de se apropriarem deles. (BELLONI, 2002, p.31)</p>
<p>Você tem dois vídeos muito diferentes um do outro. O primeiro é mais estático, claramente decorado, não tem dinâmica. Reconheço que os alunos possam ter lido no livro, de certa forma pesquisadp. Mas pela estática ele ficou pouco interessante, Além Juliana está no segundo ano, este vídeo era quando ela era do sétimo ano,</p> <p><b>O que é competência técnica?</b></p>		

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iTftwJmf9ww&feature=youtu.be> Acesso em: 01 jun 2019

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f-pqIKad5wI&feature=youtu.be> Acesso em: 01 jun. 2019.

Professor 1- A gente viu que essa técnica é a questão do áudio da filmagem, da luz, de escolher um local apropriado para filmagem, mais essa parte mesmo.

### **E competência pedagógica?**

Professor 8- A preparação do que vai ser dito, o conteúdo que vai ser abordado, a forma como é que é abordada, a necessidade do que vai ser exposto pelo aluno, todo conteúdo, como vai ser exposto, qual tipo de filmagem e de vídeo, se é apenas a exposição, ou se é uma entrevista, ou se é uma música ou um show.

Coordenadora de diálogo (Cibelle) - *E Vanilson, para terminar, quando você orienta os alunos em algum momento houve alguma orientação para competência técnica ou somente pedagógica?*

Professor 10 - Técnica não existe, porque eu não sei dizer, eu faço o seguinte eu quero isso "assim, assim, assim" Aí você tem dúvida? A internet. "Ah eu não sei escrever essa palavra", "o dicionário tá aqui, pegue, vá pesquisar a palavra", "eu não sei Professor", "você vai pra internet, pesquisa, fique à vontade, agora tal dia eu quero pronto" aí eles trazem, tem uns que não traz não.

### **PLANOS DE AULA**

Professor 1 – Dividiria a turma em grupos. Cada grupo ficaria responsável pela apresentação de trabalhos com temáticas estabelecidas previamente pelo professor. As apresentações devem ser dinâmicas e até interativas se quiserem, desde que fujam do formato convencional. Todas as apresentações seriam filmadas. Pelo menos um grupo apresentaria uma forma de debate em mesa redonda, que seria não apenas filmado, mas gravado em áudio para ser transformado em podcast. Nos computadores, os arquivos seriam editados e publicados nas redes sociais da escola.

Professor 2 – Criaria ilhas para discussões com um computador em cada ilha para divulgar a discussões no Padlet. Usaria também um data show para projetar o Padlet e faria a filmagem das discussões.

Professor 3 – Solicitaria que elaborassem um vídeo sobre doenças tropicais utilizando uma câmera filmadora. Com os computadores pesquisariam sobre as causas, agente causador, sintomas, tratamento e prevenção das doenças. E com o gravador fizessem uma entrevista com um profissional da área de saúde, falando sobre o assunto.

Professor 4 – Dividiria a sala em grupo. Distribuiria uma tarefa para cada grupo utilizando a internet. Socializava o trabalho de todos para o grande grupo. Escolheria um alunos para gravar e outro para filmar.

Professor 5 – Utilizaria para registro e produção de conteúdo, transmissão e edição, pesquisa e produção audiovisual. Produção de conteúdo para cada turma e como arquivo didático para a escola. Estudante, discípulo e mestre.

Professor 6 – Utilizaria os computadores para pesquisa, de forma que um aluno pesquisaria e passaria o conteúdo para o restante do grupo. Depois cada grupo filmaria um resumo do conteúdo abordado. O gravador seria para meu registro do trabalho proposto.

Professor 7 – Para a disciplina de ensino religioso utilizaria para reproduzir um debate sobre intolerância religiosa, gravando as falas, fazendo pesquisas de casos e por fim filmando um teatro encenado com um caso de intolerância religiosa.

Professor 8 – Divisão de tarefas trabalho em equipe, rodízio de atividades, estabelecimento de um líder e um mediador de tarefas.

Professor 9 – Montar uma historia com os alunos mostrando a evolução da tecnologia

Professor 10 – Na disciplina de História, levaria o gravador para gravar a participação deles de maneira espontânea para eles dizerem o que aprenderam do conteúdo. Os computadores para pesquisar as aulas e dinamizar.

Professor 11 – Tema: Sólidos Geométricos. Os alunos vão trabalhar vídeos através dos computadores para pesquisar. Chamar alguns para socializar as pesquisas e fazer a gravação.  
Solicitar que os mesmo monte os sólidos.

Professor 12 – Passaria uma pesquisa sobre determinado assunto e pediria que os alunos elaborassem um vídeo explicando o que eles entenderam sobre o assunto. O trabalho poderia ser apresentado em forma de entrevista, documentário, teatrinho, etc.

Professor 13 – Com 40 alunos em uma sala de seis ou sete anos tendo apenas cinco computadores, fica extremamente difícil utilizá-los. A única ideia que me ocorre é fazer com que os alunos desenvolvam questões em dupla no quadro e eu filmar e gravar a apresentação de cada dupla.

Professor 14 – Pesquisa sobre experimentos no computador, uma câmera para filmar fazendo os experimentos. Um gravador (grupos fazer perguntas sobre experimentos)

Professor 15 – Elaboração de um vídeo a respeito de determinado conteúdo, utilizando os alunos como atores e produtores. Entrevistas com professores e funcionários da escola sobre o conhecimento de cada um acerca de determinado assunto. Pesquisa prévia sobre assunto a ser apresentado posteriormente, com pontuação dos principais tópicos.

Professor 16 – Pesquisar sobre cinco países de Língua Inglesa e produzir um vídeo falando sobre a história, população, área, cultura e pontos turísticos. Com o gravador pedir pra gravar uma música típica do país.

## APÊNDICE E – ANÁLISE DETALHADA DOS VÍDEOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS DA ESCOLA SOB ORIENTAÇÃO DOS PROFESSORES DURANTE O ANO DE 2017

Análise dos vídeos produzidos pelos alunos da escola sob orientação dos professores durante o ano de 2017, período em que a escola recebeu os recursos tecnológicos discriminados nesta pesquisa. O intuito da análise foi identificar o modo como os professores estavam propondo o uso dessas tecnologias pelos alunos. Observando se há cuidados técnicos, advindos do uso instrumental, e cuidados pedagógicos que devem propor mudanças de atitudes em relação à apropriação de conhecimento e de habilidades.

Categorias para análise de vídeo (GOMES, 2008)								
Identificação do vídeo	Conteúdos	Linguagens						Proposta Pedagógica
<a href="https://youtu.be/qBqglEHpNb8">https://youtu.be/qBqglEHpNb8</a> Título: Civilização Inca Produzido por alunos do 9º ano do ensino fundamental, durante a disciplina de história. (x) Título (x) Turma (x) Componentes	(-) Qualidade pesquisa, exatidão e apropriação. (X) Clareza (X) Contextualização (-) Adequação da linguagem ao público-alvo (-) Presença de referências	<b>IMAGEM</b> (-) Uso dos planos variados (-) Movimentos de câmera Cuidados com: (-) Iluminação (-) Cenário (-) Figurino	<b>TEXTO VERBAL</b> (X) Qualidade linguísticas do texto verbal oral em concordância com a proposta de formato e público (-) Pode-se perceber espontaneidade de emoções,	<b>ÁUDIO</b> (-) Expressividade (X) Clareza (X) Integração do som com a imagem (-) Qualidade estética do som ambiente	<b>ROTEIRO</b> (X) Clareza de argumento (-) Personagens (-) Identificação da obra	<b>ESTRUTURA NARRATIVA</b> (X) Função do vídeo é clara	<b>FORMATO</b> (-) Entrevista (-) Reportagem (-) Documentário (-) Situações-problema, (X) Outro	(X) Passividade no processo de ensino (-) atividade no processo de ensino (X) Aplicações práticas do conteúdo (X) objetivos claros [informar, motivar, sensibilizar, exemplificar, etc.].

Categorias para análise de vídeo (GOMES, 2008)							
Identificação do vídeo	Conteúdos	Linguagens					Proposta Pedagógica
(x) Professor orientador			sentimentos ou ambos.				(X) Pressupõe mudança de comportamento, de atitude ou de habilidade.
<p><b>Análise qualitativa:</b> O vídeo civilização Inca foi orientado durante a disciplina de história, de acordo com o quadro de análise de vídeo proposto, podemos perceber que o formato elaborado pelos alunos traz marcas de uma aprendizagem tradicional, é fácil perceber que a proposta sugerida pelo professor foi o resumo dos capítulos do livro utilizado em sala de aula. Não houve muitos cuidados técnicos em relação à imagem e áudio. O objetivo a que o vídeo foi proposto (resumo e socialização do conteúdo) foi cumprido, mas fica clara a memorização do conteúdo, o que nos leva a indagar se realmente houve um desenvolvimento eficaz de aprendizagem. Os alunos seguiram uma proposta linear de roteiro seguindo exatamente a ordem em que o conteúdo foi abordado em seus livros utilizando um formato expositivo baseado na <b>presença</b> de uma apresentadora que despeja conteúdo no público a que se dirige. Apesar de que para realizar este tipo de trabalho os alunos necessitaram fazer uma leitura do conteúdo, reunir-se e trabalhar em equipe, houve passividade no processo de ensino visto que a proposta demonstra o uso instrumental do vídeo, o que não traz uma aplicação prática do conteúdo e não pressupõe mudanças significativas no processo de aprendizagem.</p>							

**APÊNDICE F – MODELO DE ROTEIRO UTILIZADO PARA ELABORAÇÃO DOS ROTEIROS AUDIOVISUAIS**

Argumento:		
Título:		
Sinopse:		
Modalidade:		
<b>Cena</b>	<b>Imagem</b>	<b>Áudio</b>
Duração:		

## APÊNDICE G – STORYTELLING

### ROTEIRO DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

Argumento: Para o desenvolvimento do primeiro vídeo tutorial “Aprender Sobre as mídias”, a análise dos dados nos aponta a necessidade de alertar sobre a parcialidade existente nos discursos midiáticos e apresentar o consumo crítico dos conteúdos multimídia com o propósito de apropriação para autonomia da prática cidadã.

Título: **APRENDER SOBRE AS MÍDIAS**

Sinopse: *Inicia-se um conto heróico com uma série de informações acerca de aprender **SOBRE AS MÍDIAS**, que buscam explicar o contexto vivido pelo personagem e uma solução para sua inquietação final. Conclui-se a produção com uma deixa fazendo um convite para o próximo vídeo em que será abordado o tema aprender **ATRAVÉS DAS MÍDIAS**.*

Modalidade: **STORYTELING**

#### *O vídeo*

*Inicia-se um conto heroico com uma série de informações acerca de aprender **SOBRE AS MÍDIAS** que buscam explicar o contexto vivido pelo personagem e uma solução para sua inquietação final. Conclui-se a produção com uma deixa fazendo um convite para o próximo vídeo em que será abordado o tema aprender **ATRAVÉS DAS MÍDIAS**.*

CENAS	IMAGEM	ÁUDIO
<b>Vinheta</b>	Aparecem os dizeres: Educação para as mídias, logo após aprender Sobre as mídias, em seguida “Por Cibelle Barros”. [Efeito: fade out]  Animação feita através do aplicativo Intromaker.	Trecho da música “Positive Rock”
<b>Duração: 10”</b>		
<b>Cena 1</b>		Olá! Esse vídeo foi criado para você que quer entender um pouco mais sobre os recursos multimídia na educação e como eles podem ajudar no processo educativo.
<b>Cena 2</b>	[Efeito fade in]  Professora abrindo a porta e caminhando até sofá com livros na mão. Deixa os livros de lado, pega o controle e liga a tv, (aparece trecho da reportagem <a href="https://www.youtube.com/watch?v=oC5yCwr5OrQ0">https://www.youtube.com/watch?v=oC5yCwr5OrQ0</a> -15”) observa uma reportagem e concorda com ela.  [Efeito de corte seco]	O Papa Francisco disse hoje no Panamá que quem quer construir muros deseja separar as pessoas. Foi uma crítica direta ao presidente dos EUS, Donald Trump, que quer erguer um muro na fronteira com o México.  _É o Papa tem razão, né? Onde já se viu querer ficar separando as pessoas. Agente tem que ter mais empatia

CENAS	IMAGEM	ÁUDIO
<b>Cena 3</b>	<p>Personagem acessando whatsapp para conferir as conversas encontra um link para uma notícia sobre, exatamente, o que acabou de assistir na televisão. Ela clica e assiste. Surgi trecho da reportagem na tela. (<a href="https://www.youtube.com/watch?v=0ikeerxorzv">https://www.youtube.com/watch?v=0ikeerxorzv</a> – 24” a 50”) e o professor compara as falas mentalmente e decide abrir o facebook. [sem efeito]</p>	<p>Personagem: Trump destina recursos para a construção do muro... De novo isso!</p> <p>Vídeo: No twitter Trump escreveu que é um grande dia planejado para a segurança nacional, entre outras coisas vamos construir um muro, disse ele. O muro será erguido de forma prioritária no loscai que fazem fronteira com cidades mexicanas, onde autoridades locais se recusam a entregar aos EUA imigrantes ilegais para serem deportados acusados de transportar drogas para o mercado americano.</p> <p>Personagem: Caramba! Realmente, pensando por esse lado, acho que o Trump tem até razão.</p>
<b>Cena 4</b>	<p>Personagem caminha até o notebook para fazer alguns trabalhos, mas sua time line do facebook está aberta.</p> <p>Personagem sentada em sua mesa de estudo acessa o facebook e clica em uma reportagem do Cortella</p> <p>Depoi se indaga sobre sua própria opinião. [Efeito: fade out]</p>	<p>Personagem: É mais vamos lá trabalhar que vida de professor não é fácil. A pessoa chega a casa e já tem que trabalhar de novo.</p> <p>Cortela na reportagem: Há uma questão de injustiça histórica, nessa questão, é claro que um país tem que proteger suas fronteiras, mas não podemos esquecer que boa parte da riqueza norte americana de hoje, veio não só do esforço do povo americano, mas do fato de que eles tomaram metade do território do México no século XIX, 1846 houve uma guerra que durou dois, quando ela terminou com a vitória norte americana contra o México, metade do território mexicano ficou sob propriedade norte americana os Estados Unidos aumentaram um quarto do tamanho que eles tinham como país pegando metade do México. Aliás, qual área do México? Aquela que hoje é a parte mais rica dos EUA, a Califórnia, as cidades lá não chamam San Francisco, Los Angeles, Santa Bárbara, San Diego, isso não é nome britânico, isso não é nome irlandês, por isso toda aquela região do Texas em direção ao Oeste norte americano foi tomado. Se você observa é até curioso agora que se possa chamar o povo mexicano de invasor, depois de a pouco mais de cento e poucos anos, terem o seu território tomado, ou parte dele. Então, eu acho que é necessário que a nação norte americana preste mais atenção naquilo que ela deseja e entende como injustiça histórica, pra não fazer uma segunda injustiça. A primeira foi tomar metade do território e segunda foi dizer agora: você não passa do lugar que era teu pra o que agora é meu!</p> <p>Personagem: E agora? (suspirando)</p>
<b>Cena 5</b>	<p>Apresentadora na sua mesa de trabalho fala diretamente para o público. [Efeito: dissolução aditiva]</p>	<p>Apresentadora: E agora qual será a opinião de Alice sobre a construção do muro? O que ela precisa fazer para desenvolver uma compreensão crítica sobre esse caso? 10”</p> <p>Para buscar uma saída para este dilema vamos precisar de uma nova história... 6”</p>

<b>CENAS</b>	<b>IMAGEM</b>	<b>ÁUDIO</b>
<b>Cena 6</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Satélite sobre a terra [Efeito: corte seco]	Era uma vez uma sociedade imersa a recursos tecnológicos,
<b>Cena 7</b>	Imagens de bancos de dados do Google: pessoa acessando a internet [Efeito: corte seco]	Com acesso à internet.
<b>Cena 8</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Mão manuseando um controle remoto [Efeito: corte seco]	Um mundo onde as notícias chegam quase instataneamente de um lugar para outro.
<b>Cena 9</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Pessoa experiemntando aparelho de realidade virtual [Efeito: corte seco]	Onde existe tanta tecnologia de comunicação e informação
<b>Cena 10</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Banco de dados [Efeito: corte seco]	Que fica até difícil acompanhar seu desenvolvimento e os novos mecanismos que surgem a todo o momento.
<b>Cena 11</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Pessoas bem vestidas, trabalhando pelo computador, utilizando o celular. [Efeito: corte seco / Câmera lenta]	Uma sociedade que passou a perceber os recursos midiáticos tão normais em seu dia a dia que ligaram o automático e nem param mais pra refletir sobre as informações que chegam aos seus olhos e ouvidos.
<b>Cena 12</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Muldidão caminhando pra vários lados [Efeito: corte seco]	Uma sociedade de classes, onde os grupos mais privilegiados descobriram que para manter-se no poder teriam que ser os detentores de informação.
<b>Cena 13</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Alguem observando o celular com olhar de superioridade [Efeito: corte seco]	Então trataram logo de se apoderar,
<b>Cena 14</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Imagem de interconexões de informações [Efeito: corte seco]	Dos grandes meios de mídia de massa. Assim como construir uma lógica de mercado que se torna as classes subordinadas dependetes das tecnologias multimídia.
<b>Cena 15</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Mão manuseando um tablet [Efeito: corte seco]	E eles fizeram isso com excelência, tanto que conseguiram criar...
<b>Cena 16</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Placa eletrônica em formato de cérebro [Efeito: corte seco]	Uma rede em que poderiam ter acesso a uma série de informações que identificaria os usuários dessas tic's.
<b>Cena 17</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Pessoas utilizando a mídia despretentiosamente [Efeito: corte seco]	Através dessas informações, eles foram capazes de dominar a sociedade a ponto de fazê-los acreditar nos primeiros discursos que ouviam, sem questionar.
<b>Cena 18</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Celular em que aparecem aplicativos [Efeito: corte seco]	As classes dominadas começaram a achar normal doar seus dados a tudo quanto era software, aplicativos, redes sociais, etc.
<b>Cena 19</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Ambiente de um novo modelo empresarial [Efeito: corte seco]	E assim só aumentavam o poder de manutenção dos dominadores de INFORMAÇÃO
<b>Cena 20</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Olhos se abrindo [Efeito: corte seco/ câmera lenta]	Mas, em toda boa história existe o mocinho, aquele que consegue enxergar o perigo e busca salvar a todos.

CENAS	IMAGEM	ÁUDIO
<b>Cena 21</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Professor universitário dando aula e alunos dialogando [Efeito: corte seco]	Na nossa história não seria diferente. Muitos cientistas começaram a estudar essa sociedade midiaticizada e chegaram à conclusão de que precisavam abrir os olhos dos dominados. Começaram a alertar sobre a necessidade de reconhecer o funcionamento dessas mídias.
<b>Cena 22</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Pessoa com semblante de preocupação [Efeito: corte seco]	A demonstrar que os interesses das classes egemômicas estavam presentes em pelo menos três esferas midiáticas:
<b>Cena 23</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Mão manuseando uma mesa de som, pessoa colocando um fone. [Efeito: corte seco]	Meios de comunicação dedicados ao entretenimento, lazer e informação como o rádio, a televisão e até mesmo a fotografia.
<b>Cena 24</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Criança jogando em um computador [Efeito: corte seco]	Meios voltados para divulgação de produtos, jogos eletrônicos, celulares, TVs em suas diversas plataformas.
<b>Cena 25</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Imagem de um teclado de PC [Efeito: corte seco]	E por fim todos os sistemas que agrupam a informática. Ou seja, em todo lugar.
<b>Cena 26</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Pessoas conversando enquanto uma luz surge entre elas [Efeito: corte seco]	Foi tão assustador que começaram a recrutar pessoas que pudessem propagar a mensagem de alerta: 6''
	Imagens de bancos de dados do Google: Imagens de bancos de dados do Google: Mão usando o controle remoto para desligar a tv [Efeito: corte seco]	Atenção! As TIC'S devem ser usadas com criticidade,
<b>Cena 27</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Pessoa usando uns binóculos para enxergar longe [Efeito: corte seco]	Busque informações sobre elas, arme-se com conhecimento,
<b>Cena 28</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Pessoas pesquisando [Efeito: corte seco]	Procurem saber quem são os emissores de informação, e quando souberem com elas funcionam pensem em como usá-las para intervir na sua realidade social, e assim serem capazes de usufruir de sua cidadania do modo mais pleno possível.
<b>Cena 29</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Pessoas sorrindo olhando diretamente pra câmera [Efeito: corte seco]	Os primeiros a ouvir o alerta foram os professores, que entenderam que desbravar essa selva de tecnologia e informação não era apenas um desafio, mas um ideal, pois trabalhavam pela autonomia e dignidade social.
<b>Cena 30</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Mãos se unindo em um propósito [Efeito: corte seco]	Desde então eles têm se juntado aos cientistas experimentando o uso dessas mídias e buscando conhecer as diversas lógicas de funcionamento de cada recurso,
<b>Cena 31</b>	Imagens de bancos de dados do Google: Uma pessoa ensinando outras [Efeito: dissolução aditiva]	Ajudando a mediar um caminho de liberdade e autonomia a todos aqueles que se dispuserem ao aprendizado e conhecimento, através da dialogicidade. 20'' [fade out lento]
<b>Cena 32</b>	Apresentadora em sua mesa de trabalho, fala diretamente com o público. [Efeito: dissolver]	Ela vai precisar entender como as mídias de onde ela teve acesso a inoormação funcionam, alguns simples questionamentos podem iniciar essa reflexão.

CENAS	IMAGEM	ÁUDIO
		<p>A tv, quem é o detentor dessa concessão, ele tem interesse político, ou financeiro a fim de disseminar que os EUA estavam errados em sua atitude? O mesmo para a reportagem exibida no Youtube, mas fornecida por outro canal de televisão. Aliás, será que foi coincidência a mesma temática aparecer na timeline da personagem? Como funciona a disseminação de notícias via whatsapp? As falas sofreram alguma alteração de edição que privilegiava apenas uma parte do discurso?</p> <p>Além de diversas outras questões que envolvem cada meio midiático e suas características específicas. O único caminho para a resposta é a pesquisa.</p> <p>Então, que tal você começar a exercitar isso e ajudar nossa personagem a chegar a uma resposta? Curta nosso vídeo, faça sua pesquisa e deixe seu comentário aqui embaixo acerca desse assunto.</p> <p>Não deixe de assistir o nosso proximo vídeo <b>Aprender Através das Mídias!</b></p>
<b>Vinheta de fechamento</b>	<p>Aparecem os dizeres: Educação para as mídias, logo após aprender Sobre as mídias, em seguida “Por Cibelle Barros”.</p> <p>Animação feita através do aplicativo Intromaker.</p>	Trecho da música “Positive Rock”
<b>Duração total:</b> 9’14’’		
<b>Créditos</b>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE INSTITUTO METRÓPOLE DIGITAL PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INOVAÇÃO EM TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS PRÁTICAS EDUCATIVAS COM TECNOLOGIAS DIGITAIS</p> <p>Roteiro Cibelle Cristina Barros de Almeida Valença</p> <p>Direção Cibelle Cristina Barros de Almeida Valença</p> <p>Edição Cibelle Cristina Barros de Almeida Valença Ayana Menezes</p> <p>Produção</p>	

CENAS	IMAGEM	ÁUDIO
	<p data-bbox="427 259 815 376">Cibelle Cristina Barros de Almeida Valença Orientação Profª Drª Cibelle Amorim</p> <p data-bbox="427 416 815 501">Narradora Cibelle Cristina Barros de Almeida Valença</p> <p data-bbox="520 539 722 593">Música de vinheta Positive Rock</p>	

## APÊNDICE H – DRAW MY LIFE

### ROTEIRO DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

Argumento: Para o desenvolvimento desse vídeo tutorial “Aprender Através das mídias”, a análise dos dados nos aponta a necessidade de entender como a mídia é utilizada nas relações sociais e como podem ser meios de produção do pensamento crítico

Título: **APRENDER ATRAVÉS DAS MÍDIAS**

Sinopse: **A história de um pai, uma filha e o aparecimento de computadores e internet em suas vidas. É um convite a trilhar um caminho dos letramentos midiáticos. Ao fim há um desafio para o espectador e um convite para assistir o próximo vídeo, “APRENDER COM AS MÍDIAS”**

Modalidade: **DRAW MY LIFE**

**IDEIA DE ROTEIRO:** Contar um pouco sobre como surgiram as mídias na minha vida através da história do meu pai com a informática. Abordar sobre o que as pessoas aprendiam nos cursos quando chegaram os computadores no final dos anos 1980 e da necessidade de aperfeiçoamento constante devido ao avanço da tecnologia e a chegada da internet. Apontar a necessidade de letramento digital, visto que as pessoas utilizavam as mídias de modo instrumental e acrítico, baseados no consumismo. Terminar o vídeo abordando alguns temas de letramentos midiáticos. Fazer uma chamada de alerta para despertar o nosso lado crítico acerca da mídia e seus recursos.

CENAS	DESCRIÇÃO	ÁUDIO
<b>Vinheta</b>		Trecho da música “Positive Rock”
<b>Duração: 10”</b>		
<b>Cena 1</b>	Mão escrevendo e desenhando	Olá, eu sou Cibelle Barros, e nesse Draw My Life vamos falar sobre Aprender Através das Mídias, vamos pensar um pouco sobre Letramento Digital, que se baseia em alguns passos para compreender como a mídia funciona e começar a usá-la de modo crítico e intencional.
<b>Cena 2</b>	Mão escrevendo e desenhando	Apresento a vocês o meu pai. Ele nasceu em 1968, em Currais Novos, uma cidadezinha no interior do Rio Grande do Norte. Um ano depois nascia a internet. Mas ele só foi conhecer esse recurso fantástico anos depois.
<b>Cena 3</b>	Mão escrevendo e desenhando	Aliás, naquela época as tecnologias de comunicação e informação eram basicamente a imprensa, o rádio e a TV.
<b>Cena 4</b>	Mão escrevendo e desenhando	Quando os computadores começaram a surgir eram caríssimos, e meu pai teve logo a ideia de fazer um consórcio e como idealista o primeiro computador modelo 468 foi o dele.
<b>Cena 5</b>	Mão escrevendo e desenhando	Então ele pensou: sempre que aparece um novidade temos que entender como ela funciona para poder usá-la, certo?

<b>CENAS</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>ÁUDIO</b>
<b>Cena 6</b>	Mão escrevendo e desenhando	Juntou-se com um primo meu e com apenas dois computadores, o conhecimento de um pequeno curso e muito conhecimento autodidata, abriram uma escolinha de computação num quartinho da nossa casa.
<b>Cena 7</b>	Mão escrevendo e desenhando	Isso gerou muitas oportunidades e meu pai veio embora pra capital, Natal, ensinar o pessoal da área jurídica e afins.
<b>Cena 8</b>	Mão escrevendo e desenhando	Essa sou eu, nascida em 1984, também em Currais novos, já com mais ou menos 12 anos. Foi um privilégio pra mim poder acompanhar a história do meu pai com o computador, pois ter computador naquela época era bem difícil.
<b>Cena 9</b>	Mão escrevendo e desenhando	Acompanhar o desenvolvimento dessa tecnologia exigia sempre estar aberto aprender, a todo o momento apareciam programas novos. Quando pudemos finalmente ter acesso à internet, isso só se intensificou, aí vieram todos os programas on-line a que pudéssemos ter acesso. .
<b>Cena 10</b>	Mão escrevendo e desenhando	Quando você não está aberto a aprender coisas novas, perde o feeling da coisa. Quando se decide não querer mais aprender sobre tecnologia, não significa que o desenvolvimento tecnológico vai parar também. Então, de repente, quando menos se espera, você não sabe mais nem ligar a televisão de casa. Já se deparou com isso?
<b>Cena 11</b>	Mão escrevendo e desenhando	Então, de repente, quando menos se espera, você não sabe mais nem ligar a televisão de casa. Já se deparou com isso?
<b>Cena 12</b>	Mão escrevendo e desenhando	Quando a internet móvel chegou essa necessidade de estar antenado com o novo se intensificou, assim como a falsa sensação de democracia comunicacional.
<b>Cena 13</b>	Mão escrevendo e desenhando	Isso porque nós começamos a consumir as tecnologias que chegavam de modo assustador, mas não nos perguntávamos se realmente precisávamos dela, ou qual sua lógica de funcionamento. Ao invés de dominarmos as tecnologias, elas nos dominavam. Ter o domínio instrumental do funcionamento da máquina era a parte mais fácil.
<b>Cena 14</b>	Mão escrevendo e desenhando	Reconhecer o seu potencial ideológico, e ser capaz de usar isso ao seu favor, essa ainda é a parte mais difícil. Esse não é um processo fácil. Já adulta, falando sobre isso com as pessoas, alguns alegam que existem recursos demais para que a gente domine todos e realmente são.
<b>Cena 15</b>	Mão escrevendo e desenhando	O importante é começar e não usar isso com uma âncora para permanecer no mesmo lugar. Temos pelo menos quatro temas de letramentos pra explorar:
<b>Cena 16</b>	Mão escrevendo e desenhando	O de linguagem, para utilizar mídias que focam em utilizar o código escrito e suas diversas possibilidades digitais.
<b>Cena 17</b>	Mão escrevendo e desenhando	O de informação, para desenvolver habilidades de filtrar informações, e reconhecer símbolos utilizados para montagem de discurso.
<b>Cena 18</b>	Mão escrevendo e desenhando	O de conexões, voltado para as redes sociais, onde devemos nos expressar com identidade, de modo

CENAS	DESCRIÇÃO	ÁUDIO
		crítico contribuindo e influenciando diálogos e, por último...
<b>Cena 19</b>	Mão escrevendo e desenhando	O de (re) desenho que tem a ver com a capacidade de que você pode ter de dar um novo sentido a um texto através de outro.
<b>Cena 20</b>	Mão escrevendo e desenhando	Então, assim como o meu pai e eu estamos até hoje no percurso do letramento midiático, se coloque como um aprendiz também e não tenha medo do novo.
<b>Cena 21</b>	Mão escrevendo e desenhando	Escolha um recurso que deseja usar em suas aulas. Pesquise sobre como ele funciona e experimente, pense em como usá-lo criticamente e como ele pode fazer parte de alguma mudança social. Depois compartilha conosco sua experiência.
<b>Cena 22</b>	Mão escrevendo e desenhando	Espero que tenha gostado deste Draw My Life.
<b>Cena 23</b>	Mão escrevendo e desenhando	No próximo vídeo vamos falar sobre alguns elementos que não podem deixar de estar presentes no seu planejamento de aula, pois eles farão toda a diferença para uma verdadeira inovação tecnológica no seu âmbito de ensino.
<b>Cena 24</b>	Mão escrevendo e desenhando	Confira lá!  Deixe seu like e comente o vídeo.
<b>Vinheta</b>	Animação feita através do aplicativo Intromaker.	Trecho da música “Positive Rock”
<b>Duração total: 6’06’’</b>		
<b>Créditos</b>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE INSTITUTO METRÓPOLE DIGITAL PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INOVAÇÃO EM TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS PRÁTICAS EDUCATIVAS COM TECNOLOGIAS DIGITAIS</p> <p>Roteiro Cibelle Cristina Barros de Almeida Valença</p> <p>Direção Cibelle Cristina Barros de Almeida Valença</p> <p>Edição Cibelle Cristina Barros de Almeida Valença Ayana Menezes</p> <p>Produção Cibelle Cristina Barros de Almeida Valença</p> <p>Orientação</p>	

CENAS	DESCRIÇÃO	ÁUDIO
	<p data-bbox="456 259 738 286">Profª Drª Cibelle Amorim</p> <p data-bbox="456 327 738 416">Narradora Cibelle Cristina Barros de Almeida Valença</p> <p data-bbox="512 456 683 517">Ilustrador Cédric Matheus</p> <p data-bbox="496 557 699 618">Música de vinheta Positive Rock</p>	

## APÊNDICE I – STOP MOTION

### ROTEIRO DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

Argumento: Para o desenvolvimento desse vídeo tutorial “Aprender Com as mídias”, a análise dos dados nos aponta a necessidade de entender abordar a experimentação e apropriação de sua dimensão pedagógica para desenvolvimento de aprendizagens significativas.

Título: **APRENDER COM AS MÍDIAS**

Sinopse: **Um professor se depara com a falta de atenção dos alunos em sala, resolve observar mais atentamente o comportamento deles e toma uma decisão que irá mudar seu modo de conduzir a aula. Ao fim, há um desafio lançado ao espectador e um convite ao próximo vídeo, “TIME LAPSE”.**

Modalidade: **STOP MOTION**

CENAS	IMAGEM	ÁUDIO
<b>Vinheta</b>	Aparecem os dizeres: Educação para as mídias, logo após aprender Com as mídias, em seguida “Por Cibelle Barros”. [Efeito: fade out]	Trecho da música “Positive Rock”
<b>Duração:</b> 10’		
<b>Cena 1</b>	Apresentadora do canal em sua mesa de trabalho, fala diretamente ao público.	Oi, pessoal, estamos aqui hoje para conversar sobre como utilizar a mídia de modo crítico em nossas aulas. Para isso eu preparei um momento especial para nós no formato de stop motion. Confere aí!
<b>Cena 2</b>	Efeito: Fade in do preto Sino escolar em movimento Efeito: fade out	Som: de sino escolar
<b>Cena 3</b>	Efeito: Fade in Som: Conversas paralelas dos alunos em tom de cochicho.	Desligado: Bom-dia, turma, abram o caderno de vocês, onde paramos na última aula.
<b>Cena 4</b>	Professor vira para o quadro para copiar a questão vistam na aula anterior, os alunos continuam conversando, desta vez mais alto e sem muita preocupação. [Efeito: Dissolução aditiva]	Som de alunos conversando
<b>Cena 5</b>	Professor vira, chateado e pensa que não dá mais para continuar a aula daquela forma. [Efeito: Fade out]	Som de alunos conversando
<b>Cena 6</b>	Sino toca avisando o término da aula. [Efeito: Fade out]	Som do sino escolar seguido de alunos interagindo no intervalo
<b>Cena 7</b>	Alunos interagindo no intervalo  (Plano detalhe nas conversas)	P1: Toca a bola P2: Que meme! P3: Você viu o que Camilinha postou? P4: Que fase difícil! P5: Que jogo é esse?
<b>Cena 8</b>		Continua som das interações
<b>Cena 9</b>		Som alusivo à ideia em meio às conversas do intervalo.

CENAS	IMAGEM	ÁUDIO
<b>Cena 10</b>		Som de relógio passando
<b>Cena 11</b>		Olá, turma. Bom-dia! Estive pensando em experimentar algo novo.  Som de alunos conversando oscila
<b>Cena 12</b>		Preparei algumas tarefas para hoje, vamos seguir essas diretrizes.
<b>Cena 13</b>		Juntem-se em grupo de modo que pelo menos um componente tenha celular.
<b>Cena 14</b>	Professor faz a primeira orientação para a aula.  Aparece um slide de instrução  No canto direito superior da tela o relógio anda.	Vocês irão acessar um vídeo no Youtube, Temos cinco minutos pra essa tarefa.
<b>Cena 15</b>	Professor faz a segunda orientação para aula.  Aparece um slide de instrução  No canto direito superior da tela o relógio anda.	Não sei se já pararam para pensar nisso, mas não podemos nos satisfazer com a primeira informação que encontramos, por isso busquem outros meios de conseguir informação sobre esse assunto e registrem para socializar. Tem dez minutos nesta atividade
<b>Cena 16</b>	Alunos comentam sobre a atividade proposta.	P1: Legal esse vídeo que o professor indicou  P2: Eu prefiro essa reportagem aqui, vê só!
<b>Cena 17</b>	Professor faz a terceira orientação para aula.  Aparece um slide de instrução  No canto direito superior da tela o relógio anda.	Ok, turma. Tempo esgotado. Vamos ajustar as cadeiras em círculo e conversar sobre o que compreenderam do vídeo e sobre as informações que conseguiram achar com a busca de vocês.
<b>Cena 18</b>	Professor faz a segunda orientação para aula.  Aparece um slide de instrução  No canto direito superior da tela o relógio anda.  Ouve-se o som do toque	Vamos fazer um teste hoje. Em casa vocês irão pensar como podemos socializar nossas descobertas com outras pessoas. Tragam propostas!
<b>Cena 19</b>	Sino escolar tocando indicando o fim da aula.	Em desligado: valeu pela aula de hoje! Som do sino escolar
<b>Cena 20</b>	Apresentadora segurando a imagem da cena que o professor aparece escrevendo no quadro e os alunos conversando.  Em sua mesa de trabalho, volta a falar com o público.	E aí você consegue se vir em alguma dessas situações? Quando falamos sobre o uso instrumental da mídia em sala de aula, estamos falando desses momentos em que nos utilizamos de alguma tecnologia apenas para fazer de modo diferente aquilo que já fazíamos.
<b>Cena 21</b>	Apresentadora do canal em sua mesa de trabalho, volta a falar com o público. [Efeito: dissolução aditiva]	Não dá mais pra passar o tempo todo em aula expositiva
<b>Cena 22</b>	Apresentadora do canal em sua mesa de trabalho, volta a falar com o público.	Use as novas tecnologias para colocar o aluno em movimento, provoque a busca de conhecimento. De quebra, estarão aprendendo a ser mais críticos no uso das mídias. Só aí estaremos fazendo o uso pedagógico, desses recursos.

CENAS	IMAGEM	ÁUDIO
<b>Cena 23</b>	Apresentadora do canal em sua mesa de trabalho, volta a falar com o público.  Imagem congelada enquanto aparecem interrogações	Será que consegui ajudar com esse exemplo?
<b>Cena 24</b>	Apresentadora do canal em sua mesa de trabalho, volta a falar com o público.  Expressão positiva	Espero que sim
<b>Cena 25</b>	Apresentadora do canal em sua mesa de trabalho, volta a falar com o público.  O dizer TIME LAPSE  Apresentadora aponta para baixo indicando onde se encontram as informações.  [Efeito: dissolução]	Se você quiser saber um pouco mais sobre o processo de produção dos vídeos dessa formação, dá uma conferida no nosso TIME LAPSE.  Segue o link ai embaixo!  Ah e não se esquece de curtir e compartilhar!  Tchau!
<b>Vinheta</b>	Aparecem os dizeres: Educação para as mídias, logo após aprender Com as mídias, em seguida “Por Cibelle Barros”.  Animação feita através do aplicativo Intromaker.  [Efeito: fade out]	Trecho da música Positive Rock
<b>Duração total:</b> quatro’53’’		
<b>Créditos</b>	<p style="text-align: center;">UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE INSTITUTO METRÓPOLE DIGITAL PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INOVAÇÃO EM TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS PRÁTICAS EDUCATIVAS COM TECNOLOGIAS DIGITAIS</p> <p style="text-align: center;">Roteiro Cibelle Cristina Barros de Almeida Valença</p> <p style="text-align: center;">Direção Cibelle Cristina Barros de Almeida Valença</p> <p style="text-align: center;">Edição Cibelle Cristina Barros de Almeida Valença</p> <p style="text-align: center;">Produção Cibelle Cristina Barros de Almeida Valença</p> <p style="text-align: center;">Orientação Profª Drª Cibelle Amorim</p> <p style="text-align: center;">Dublagem Bruno Gusmão Eduardo Barros Evelyn Barros</p>	

<b>CENAS</b>	<b>IMAGEM</b>	<b>ÁUDIO</b>
	Géssica Ribeiro Larissa Gusmão Mellina Barros Miguel Barros  Participação especial Heloísa Caravina  Música de vinheta Positive Rock	

## APÊNDICE J – TIME LAPSE

### ROTEIRO DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

Argumento: Para o desenvolvimento desse vídeo tutorial “Time lapse”, a análise dos dados nos aponta a necessidade de disponibilizar ferramentas que possam auxiliar os professores no desenvolvimento de atividades práticas.

Título: **PROCESSO DE PRODUÇÃO DE VÍDEOS**

Sinopse: **O vídeo é um compilado de ações que são necessárias para o desenvolvimento de uma película. A desenvolvedora traz suas emoções, experiências e aprendizados de modo dinâmico, apresentando ótimas dicas para quem quer começar a produzir audiovisual. Ao final há um convite à inovação em tecnologias educacionais através práticas educativas com tecnologias digitais.**

Modalidade: **TIME LAPSE**

**IDEIA DE ROTEIRO:** Apresentar as diferentes modalidades por meio das quais os vídeos anteriores foram produzidos.

CENAS	IMAGEM	ÁUDIO
<b>Vinheta</b>	Aparecem os dizeres: Educação para as mídias, logo após aprender Time Lapse, em seguida “Por Cibelle Barros”.  Animação feita através do aplicativo Intromaker.  [Efeito: fade out]	Música “Positive Rock”
<b>Duração:</b> 10’		
<b>Cena 1</b>	Uma mão escrevendo os dizeres Aprender Sobre, Através, Com e Time Lapse.  Colando as plaquinhas num calendário para planejamento	Foi um processo desafiador criar os quatro vídeos dedicados a essa formação. Assim como alguns que irão assistir esse Time Lapse, eu não tenho muita experiência com produção audiovisual e tive que pesquisar e experimentar bastante para concluir essa esse desafio.
<b>Cena 2</b>	Imagem dos roteiros criados no word	Primeiro, é necessário pensar no roteiro. Parecia uma tarefa simples, mas não foi. Eu descrevi todas as cenas o que iria ser dito, que imagem estaria passando em cada momento, se iria haver efeitos sonoros, mas foi na hora da edição que pude perceber o que era possível colocar em prática e o que não, além de acrescentar algumas coisas como os efeitos de transição de vídeo que ia experimentando. Com essa experiência posso dizer que o roteiro é um instrumento orientador, como um planejamento de aula que pode sofrer mudanças

CENAS	IMAGEM	ÁUDIO
		no percurso, mas não podemos perder sua ideia principal.
<b>Cena 3</b>	Relógio utilizado no stop motion, com animação no dizer hora da produção  [Efeito: aproximar/afastar, dissolver].	Trecho da música “Positive Rock”
<b>Cena 4</b>	Narradora dispoendo os seguintes equipamentos em cima da mesa de trabalho: Notebook, gravador de voz, câmeras, tablet, roteiros, folhas para dobraduras da animação.	Depois do roteiro pronto, foi A hora de pensar na produção, ou seja, conseguir tudo que era necessário para produzir o vídeo. Notebook, gravador de voz, câmeras, tablet, roteiros, folhas para dobraduras da animação, tripé e tudo mais.
<b>Cena 5</b>	Passeio pelo pesquisador do google e Youtube. Imagem de pesquisa de materiais digitais para produzir o vídeo	Também foi necessário fazer o levantamento de matérias digitais de apoio: O google dispõe de alguns recursos gratuitos que podem te ajudar com a trilha e efeitos sonoros ou takes de imagens de apoio. Como não tinha experiência com isso, fui descobrindo essa necessidade durante a edição e tive que ir modificando os roteiros. Para cada tipo de vídeo foi necessário um cuidado diferente.
<b>Cena 7</b>	Micro takes de cenas escolhidas para compor o vídeo Sobre as mídias  [Efeito: acelerado]	Sobre as mídias exigiu esforço em pesquisas por takes de vídeos gratuitos, muita dedicação à edição e de uma câmera já que eu tive que optar entre filmar e encenar, como eu não tinha um amigo ator...
	Foto contendo Ayana Menezes	Recorri a colegas mais experientes para me ajudar e orientar nesse processo.
<b>Cena 8</b>	Eu e meu pai conversando sobre a vida dele na mesa da sala, em frente ao computador.	Através das mídias exigiu definir bem a ideia que se queria passar através de cada desenho, pesquisa histórica para que as informações fossem as mais reais possíveis, entrevista com meu pai.
	Cédric desenhando na mesa da sala aparece os cabos de vassouras e os nichos que usamos para segurar o celular que estava gravando o processo.	e uma ajudinha de um amigo desenhista. Um celular, um pequeno quadro branco, um lápis de quadro e muita criatividade foram imprescindíveis.
<b>Cena 9</b>	Eu desenhando e pintando os cenários, fotografias do processo.	Com as mídias foi uma oportunidade de experimentar o trabalho artesanal com papel para a produção da animação do stop motion. Basicamente, foram utilizadas folhas de ofício, canetinhas de álcool, giz de cera e uma câmera fotográfica.
<b>Cena 10</b>	Eu acessando o aplicativo IntroMaker e mostrando parte do processo de criação	A vinheta de abertura foi feita através do aplicativo de celular IntroMaker, nele há diversas

CENAS	IMAGEM	ÁUDIO
		opções de animação para abertura de vídeos, assim como músicas gratuitas, com as diretrizes de créditos necessárias para não termos problemas com direitos autorais. É um aplicativo muito intuitivo e divertido de ser usado.
<b>Cena 11</b>	Eu acessando as minhas pastas e organizando um ambiente para receber os documentos necessários aos quatro vídeos.	Há algo muito importante a fazer antes de começar a usar a câmera. Organize pastas no seu computador para deixar todos os arquivos de uma forma organizada e que torne fácil e preciso seu acesso ao conteúdo para edição. Após isso, é só começar a captar as imagens que você precisa.
	Relógio utilizado no stop motion, com animação no dizer hora da edição.  [Efeito: aproximar/afastar, dissolver].	Trecho da música “Positive Rock”
<b>Cena 12</b>	Abrindo o programa no computador, e mostrando o aplicativo Filmora GO sendo aberto no celular.	Para estes vídeos usei a versão simples do Premiere CS6. Porque era um programa que tem muitos tutoriais na internet e mais possibilidades para edição. Porém, se você precisa de algo mais simples existem muitos aplicativos de edição para celular, eu indico o FilmoraGo. É gratuito e bem simples de usar. Editar é o momento de fazer os cortes e ajustes necessários, juntar as cenas e anexar os efeitos sonoros. Ao fim, não se esqueça de colocar os créditos.
<b>Cena 14</b>	Print de conversas no celular, solicitando ajuda de colegas.	Tive que fazer muitos ajustes no processo, gravar e regravar várias vezes. Contatar pessoas para ajudar na dublagem de personagens, contar com a colaboração da família solicitando silêncio no set. Essas coisas servirão para pensar melhor os próximos vídeos, antevendo e aperfeiçoando o processo.
<b>Cena 15</b>	Apresentadora na sua mesa de trabalho, falando diretamente ao público. [Efeito: dissolução aditiva]	E agora está na hora de você começar também. Daqui a alguns dias quero que compartilhe sua experiência conosco. Estamos chegando ao fim da nossa série de vídeos Aprender para as Mídias, mas damos início a uma série de experiências que virão depois dela.  Fica o desejo de que você experimente algo novo e de ter contribuído para inovação em

CENAS	IMAGEM	ÁUDIO
		<p>tecnologias educacionais através práticas educativas com tecnologias digitais.</p> <p>Tchau!</p>
<b>Vinheta</b>	<p>Aparecem os dizeres: Educação para as mídias, logo após Time Lapse, em seguida “Por Cibelle Barros”.</p> <p>Animação feita através do aplicativo IntroMaker,</p> <p>[Efeito: fade out]</p>	Música “Positive Rock”
<b>Duração total: 5’03’’</b>		
<b>Créditos</b>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  INSTITUTO METRÓPOLE DIGITAL  PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INOVAÇÃO EM TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS PRÁTICAS EDUCATIVAS COM TECNOLOGIAS DIGITAIS</p> <p>Roteiro  Cibelle Cristina Barros de Almeida Valença</p> <p>Direção  Cibelle Cristina Barros de Almeida Valença</p> <p>Edição  Cibelle Cristina Barros de Almeida Valença</p> <p>Produção  Cibelle Cristina Barros de Almeida Valença</p> <p>Orientação  Profa. Dra. Cibelle Amorim  Música de vinheta  “Positive Rock”</p>	